



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANAINA ZITO LOSADA

DESEJOS E MELANCOLIAS

UMA HISTÓRIA DA IDÉIA DE NATUREZA NO BRASIL
1839-1870

CURITIBA

INVERNO/1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANAINA ZITO LOSADA

DESEJOS E MELANCOLIAS
UMA HISTÓRIA DA IDÉIA DE NATUREZA NO BRASIL
1839-1870

CURITIBA
INVERNO/1998

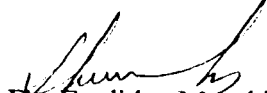


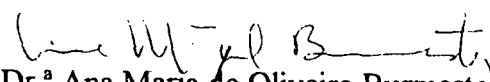
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

174- Ata da sessão pública de arguição de dissertação para obtenção do grau de Mestre em História.

Aos onze dias do mês de setembro de mil novecentos e noventa e oito, às quatorze horas, na sala 608 do Departamento de História, Edifício D. Pedro I, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da candidata **Janaina Zito Losada** em relação a sua dissertação intitulada **Desejos e Melancolias: Uma História da Idéia de Natureza no Brasil 1839-1870.** A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, está constituída pelos seguintes professores: Prof. Dr. Euclides Marchi (UFPR orientador), Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Oliveira Burmester (UFPR) e Prof. Dr. Josimar Paes de Almeida (UEL), sob a presidência do primeiro. A sessão teve início com a exposição oral da candidata sobre o estudo desenvolvido, tendo o senhor presidente dos trabalhos, concedido a palavra em seguida, a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. Em seguida a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, o senhor presidente retomou a palavra para as considerações finais. A seguir a banca examinadora reuniu-se sigilosamente, decidindo-se pela Aprovação da candidata, atribuindo-lhe o conceito final. "A.....". Em seguida o Professor Presidente declarou Aprovada a candidata que recebeu o título de **Mestre em História**. Nada mais havendo a tratar o senhor presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Norma de Fátima Cordeiro, secretária, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Curitiba, 11 de setembro de 1998.

Norma de Fátima Cordeiro


Prof. Dr. Euclides Marchi


Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Oliveira Burmester


Prof. Dr. Josimar Paes de Almeida

JANAINA ZITO LOSADA

DESEJOS E MELANCOLIAS
UMA HISTÓRIA DA IDÉIA DE NATUREZA NO BRASIL
1839-1870

*Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
História.*

*Departamento de História: Universidade
Federal do Paraná.*

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi

CURITIBA
INVERNO/1998

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos
meus braços,
Que rio e danço e invento exclamações alegres,
Porque a ausência, essa ausência assimilada,
Ninguém a rouba mais de mim.

Carlos Drummoud de Andrade

À Francisco Moraes Paz, e à todos que podem
viajar...

AGRADECIMENTOS

Nunca estamos sós. Principalmente em viagens pelo pensamento. À todos os espaços de nossa viagem e àquelas pessoas que nela embarcaram conosco dedico esta dissertação.

Ao CNPQ que permitiu a realização desta viagem da história pelo pensamento imperial brasileiro, onde nos deparamos com seus atentos viajantes e com, a imensa natureza de seu mundo.

Aos grandes professores que encontramos nesse caminho. Francisco Moraes Paz que ensinou a olhar a história com muitas paixões. Ana Maria Burmester que ensinou a ouvir as vozes do tempo. Euclides Marchi que ensinou as direções desta tão agradável viagem. Márnio Teixeira Pinto que ensinou que pensamentos como os rios, possuem margens. Jozimar Paes de Almeida que ensinou que as viagens, como a história, vivem nas lembranças.

Aos atentos leitores deste trabalho Marília, Rubens e Rosane, pois tomaram esta dissertação como o relato de uma viagem, fazendo-a ganhar vida.

Aos amigos que comigo embarcaram, e dos quais roubei *insanos* olhares. Alberto, Viviane, Daniela, André, Flávio, Luis Fernando, Cláudio, Francisco, Alessandra, Daniele, Fernando.

Aos ouvintes que tão atentos, imaginaram os muitos caminhos percorridos. Joana, Angel, Rosângela, José Luís, Fernando, Rafaela, Beth, Tadeu.

A Clóvis que percebeu cada contorno desta e de tantas outras viagens.

Não viajamos sós. Tantas almas viajantes nos acompanharam. Tantas leituras. Todas já fazem parte deste caleidoscópio. Parte de nossas lembranças e esquecimentos.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1 – UMA VIAGEM ATRAVÉS DAS IDÉIAS | 10 |
| 1.1. VIAJANTE E O IHGB: O ADESTRAMENTO DO OLHAR | 24 |
| 1.2. AS HISTÓRIAS: O IHGB E A CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS | 39 |
| CAPÍTULO 2 - UMA VIAGEM ATRAVÉS DOS SENTIDOS | 51 |
| 2.1. PAISAGENS E DESEJOS: A CONSTRUÇÃO E A DESTRUÇÃO DA NATUREZA | 68 |
| 2.2. MELANCOLIAS E SOMBRAS: O ROMANTISMO E SUAS MEMÓRIAS | 82 |
| CAPÍTULO 3 - OUTRAS VIAGENS: NATUREZA E HISTÓRIA | 98 |
| 3.1. NO CURSO DOS RIOS: UMA HISTÓRIA VIAJANTE | 109 |
| 3.2. FLORESTAS DO PENSAMENTO: LEITURAS VIAJANTES | 121 |
| EM BUSCA DO CALEIDOSCÓPIO: TANTAS JANELAS PARA O TEMPO | 135 |
| ANEXOS | 139 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 142 |
| 1. FONTES | 142 |
| 2. LIVROS E ARTIGOS | 144 |

Yo quisiera hacer un viaje,
Rápidamente, de un vuelo,
Como las aves del cielo,
Sin billete ni equipaje.

(Joaquín María Bartrina i de Aixemús. Poeta e Periodista catalã que viveu entre 1850 e 1880, lembrado pelo personagem de Cyro Bayo em "Lazarillo español" ed: Catedra. Madrid: 1996.)

INTRODUÇÃO

Devemos dar parabéns á nossa fortuna, por encontrarmos nestas antigas tradições de viagens, não só notícias geográficas, mas também instrucções nauticas e astronomicas, que devem servir a determinar a situação dos logares (RANF.R.IHGB: 1840, 210)

1840. No intuito de rememorar as primeiras marcas no território americano o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) com sede no Rio de Janeiro, publica em sua Revista Trimestral um artigo intitulado “Memória do Descobrimento no Século X”. Afirmar a observação das *verdades* da náutica e da astronomia era imprescindível para a exata localização dos homens em suas viagens e idéias. Carlos Ranf via tanta importância naqueles documentos que se auto parabeniza, canta sua própria fortuna. Isto tudo impresso em uma tipografia que tinha por nome “*Typographia Imparcial* de J. M. Nunes Garcia”, sob os auspícios de uma Instituição voltada às letras históricas – o IHGB.

1840 relembra seu passado.

Mais de 150 anos depois, lendo estas preocupações e lembranças nos deparamos com muitas questões que estes relatos nos colocam. E uma destas questões certamente é à própria lembrança.

A única coisa importante é aquilo que o indivíduo se lembra; e ele só se lembra do que deseja lembrar.... o passado é o que decidimos lembrar dele (WHITE, 1994:51)

Lembramos e desejamos lembrar. O desejo da lembrança é o próprio desejo da imortalidade. Já entre os primeiros desejos do homem estava este, tão velho conhecido dos historiadores, desejo de recordar e imortalizar. Este desejo criou os homens. Os

homens já são aquilo que lembram. São fruto de sua própria memória. Fruto do que escolhem lembrar. Frutos de seus desejos e suas lembranças.

Nós escolhemos lembrar um passado. Assim como há 140 anos outros também escolheram. Um passado que nos atingiu nas salas de uma biblioteca. Quando folheávamos as Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pela primeira vez. Ali nos perdemos por horas em muitos discursos. A *receita* a ser seguida naquele momento, ensinada pelo professor a quem dedicamos esta dissertação, era deixar-se abater pelas palavras, e então encontrar um objeto de estudo. Não necessariamente uma instituição, ou autor. Tudo estava nebuloso naquele momento. Mas, seguimos aquela receita, e assim foram dias até que um relato nos arrebatou. Já não lembramos qual deles foi; iniciamos este trabalho com um deles, existiram outros tantos. Assim, literalmente, encontramos um objeto.

Naquele momento, não sabíamos o que buscávamos. Entretanto, a história é feita de momentos e mais momentos e quando nos deparamos com aquelas vozes do passado, em viagem, tivemos a certeza de que ali estariam os pensamentos que também nos fariam viajar.

Esse foi o início desta longa caminhada, tendo por fruto a dissertação que apresentamos agora. Escolhemos nosso passado, mas como pensar nele? Através de que idéias perceberíamos aqueles tempos? Possuíamos os relatos, mas quais os critérios que determinariam a escolha deste e não daquele? O que observar? Como ler? —

Aí, novamente nos deixaríamos arrebatados? Muitos e muitos relatos, páginas e mais páginas, e aos poucos fomos selecionando aqueles mais especiais. Claro que muitas leituras estavam sendo realizadas, muitos debates, aulas, orientações. Então, descobrimos os desejos e as melancolias como preciosas formas de observar.

Percebemos esses sentimentos nos viajantes, o que tornou mais envolvente este trabalho. Pudemos então ver como foram constituídos os olhares e como foram pensadas as idéias. Poderíamos a partir daí: sentir a história e a natureza, como os homens sentiram-nas e pensaram, como se relacionaram com elas.

Lembramos este passado que foi o século XIX, seus senhores bem vestidos, suas instituições glamurosas, sua ciência e suas viagens. Lembramos, porém, também esquecemos; é este o movimento da memória.

Esquecimento e lembrança são o próprio ofício do historiador que, em sua viagem, vai sendo tocado por vidas e pensamentos, tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes, lembrados e esquecidos.

Porém, o desejo de lembrar é sempre um pouco melancólico. Lembramos do que está distante de nós, no tempo ou no espaço. A melancolia é o signo da lembrança. Lembramos o que nos é privado. Nomes, rostos, feições, gestos, cores que nos aparecem por instantes, como flashes, fragmentários e velozes. Quando se vão, deixam-nos uma saudade melancólica. Ainda podemos ver os rostos, sentir os aromas, perceber sua presença, mas já não estão em nossa memória. Buscamos vidas que esperam para viver, encontramos-las nesta viagem que, como o olhar...*temporaliza a realidade reprimindo a busca de seu sentido*¹.

Como pois a escritura seja a vida da memória, e a memória hua semelhança da imortalidade a que todos devemos aspirar.... (GANDAVO.R. IHBG:1858, 376)

¹ CARDOSO, Sérgio. *O olhar viajante*. In: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. P. 359.

Pretendemos fazer uma viagem que quer ler outras. Uma viagem que busca a leitura dos fragmentos das viagens realizadas por naturalistas, historiadores e homens de ciência que caminharam pelo Brasil no século XIX, e assim fizeram sua história.

Capturar esse seus fragmentos é uma forma de entender a história, senti-la como um amontoado de partículas, que se aproximam e formam um determinado quadro, que a todos os momentos que uma nova leitura se realizar, podem formar quadros diferentes.

A história, entendida como um caleidoscópio de lembranças e esquecimentos, busca pensamentos e atitudes, busca desejos e melancolias, fragmentos que, a cada momento se agrupam de maneiras diversas. Esta história nada tem de seqüencial, nada de quebra cabeças – fragmentos que sempre montam o mesmo quadro. Nada de causas nem efeitos. Estes fragmentos, que se agrupam, não formam sempre o mesmo todo. Portanto, são em si valiosos, como também o são cada uma de suas novas formas.

Esta história é uma história das idéias. E não pode ser vista como a única forma de ler e entender estes relatos, pois os pensamentos, tomados em sua fragmentação, impõem-nos a cada instante, novas conformações. Basta-nos aqui realizar uma leitura. Uma história da idéia de natureza no Brasil. Porque é certo que existirão várias outras....

A história deveria libertar o passado. Ao contrário, geralmente o trancafia nos limites presentes. Não é esta história, que lança as amarras de suas frustrações ao passado, que tentaremos realizar. Faremos uma viagem. Mas, como em toda viagem, devemos estar conscientes de suas dificuldades, bem como de suas maravilhas. Este é nosso desafio.

No entanto, são os desafios que movem as viagens. Então, através das idéias e dos sentidos, embarcamos nesta viagem da história.

Cuidado, porém!

Esta é uma viagem que busca outras. É a história buscando a si mesma. Talvez isto seja próprio de nosso fim de século. Nos momentos de crise buscamos entender quem somos, de onde viemos e como mudamos. Tornamo-nos estranhos a nós mesmos. Tornamo-nos nosso outro. A história tornou-se seu próprio outro. Por isso, busca em outras viagens suas origens. Talvez essa busca também seja própria de outros momentos em outros séculos...

Meados do século XIX. Lembramos então um passado. A história lhe foi muito própria. A crise, a velocidade das coisas, as muitas novidades, a busca. Incrível como a história, domínio do ser, da imobilidade, torna-se a ciência do devir. Daquilo que ainda não é, de tudo o que está acontecendo, do vir a ser.

A história era o “tudo ao mesmo tempo agora” que em nossos dias ouvimos ao ritmo deste novo tempo, que também ainda não é. O século XIX percebeu essa imagem, que é tão atual. A história acontecia em todas as partes e em todos os momentos era preciso compreendê-la, estudá-la. Mais que compreender, era preciso dar-lhe um sentido, uma origem.

Meados do século XIX. Brasil. Aqui começa nossa viagem. Um Brasil Imperial e ilustrado. Uma jovem nação de terras quase totalmente desconhecidas. Uma nação sem homens. Mas, com muitas e muitas terras e riquezas. Suas terras são sua força. São seu maior símbolo. A natureza é sua identidade. Suas fronteiras, florestas e sertões serão o palco de outras viagens.

Outras viagens, outros homens, outros tempos. Tantas diferenças. Mas viagens são sempre viagens, e homens ainda são homens. Outros tempos que nos olham. Outros olhares, outros homens de viagem. Outros homens de história.

Há homens acomodados, caseiros e sedentários; que parecem ignorar as divisões do espaço e pouco prezam a geografia. São quase naturalmente alheios às viagens. Se deslocam, concebem seus movimentos no interior de um espaço ordenado, compacto e pouco acidentado, que tudo acomoda nos desdobramentos de sua extensão concertada e contínua. Assim, a sólida unidade deste mundo parece ofuscar os cortes de horizonte, neutralizar os relevos e desníveis, como que sombreando as barreiras e suturando as fendas que parecem se impor com tanta nitidez a topografia. O desdém de tais homens pelas divisas e fronteiras faz muitas vezes – como entre os nômades – que seu movimento se desvencilhe, pois tudo envolve num halo de proximidade. Assim, chegam mesmo a riscar o espaço com grande desembaraço (como os geômetras), e podem percorrer toda a terra... No entanto nunca viajam. Pois as direções se tomam indiferentes, e as distâncias quase desprezíveis, quando se está por toda parte em casa. ...Mas há também homens inquietos – curiosos ou insatisfeitos – aos quais o ponto cego do horizonte obseda, constantemente fustiga e desafia. Desdenham o homogêneo e o contínuo, e mostram-se extremamente sensíveis às diferenças e atentos aos limites. A cada ponto divisam logo adiante, em cada plano outro lado; por toda parte medem distâncias... Sua compleição e disposição de geógrafos – seduzidos que são pelos elementos da topologia – quase sempre os impele para o espaço aberto, os levam a afrontar montanhas e areias, obstáculos e vazios. Assim dificilmente param em casa (se chegam a ter uma); e sua atração pelas fronteiras parece torná-los quase inevitavelmente viajantes. Porém como freqüentemente se desgarram pelo mundo e perdem de vista as balizas das rotas,... devemos nos perguntar se propriamente viajam. Pois as direções e os sentidos também parecem tornar-se indiferentes quando dilui-se o desejo ... de um lugar de aconchego – senão de um bom porto, de uma estação hospitaleira...(CARDOSO: 1995.351/352)

Limites tênues estes das viagens. Entretanto, tão separados pelo arrebatamento. Walter Benjamin influenciou esta viagem. Os saltos do passado, o olhar para ele, inspirou os desejos. Pois, desejos e paixões, melancolias e sofrimentos diferenciaram estes homens. Seus olhares foram embotados pelas cores tão vivas e pela névoa tão espessa, são estes olhares e não outros que nos miram. Não poderíamos nos enganar. Estes olhares são olhares viajantes. Há alguém nos observando. Mas este alguém quer ser também percebido, expõe-se à observação, quer ser visto.

São estes os olhares que povoam as florestas, que se espalham pelos sertões, correm pelos rios. São estes homens que olham e mais que isto pensam e escrevem. Sem dúvida nós escolhemos o nosso passado. Nós o elegemos.

Entretanto se as florestas e os sertões foram o palco das viagens que estes homens promoveram, não foram palco para o encontro das idéias. Em reuniões na capital do Brasil – o Rio de Janeiro, esses homens se encontraram, trocaram sensações. Leram memórias. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era este espaço da melancolia, da lembrança. Como já citamos, apenas lembramos o que nos está privado. Este *homens de viagens e de história*² lembraram a natureza. Hoje percebemos seus olhares e os olhares de seu tempo

Para os olhares do século XIX, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era uma instituição em uma época institucional, tal qual os descobridores estavam para uma época de descobertas e os soldados para uma época de guerras. Esses historiadores viajantes viveram em uma época de história e viagens. Norbert Eliás influenciou esta viagem, os limites do tempo, dos homens das sociedades. Inspirou as melancolias. Uma época de melancolias, de desejos, uma época de natureza. A grande época das lembranças. O adestramento do olhar deste século XIX, mais especificamente entre 1839 quando o Instituto publica sua primeira revista, à 1870 quando o mundo natural vai perder sua força e sua constância em seus artigos, são o objeto de nosso primeiro capítulo, onde vamos realizar “Uma Viagem Através das Idéias”. Idéias de natureza, idéias de história que estavam sendo pensadas pelos homens vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicadas em sua revista.

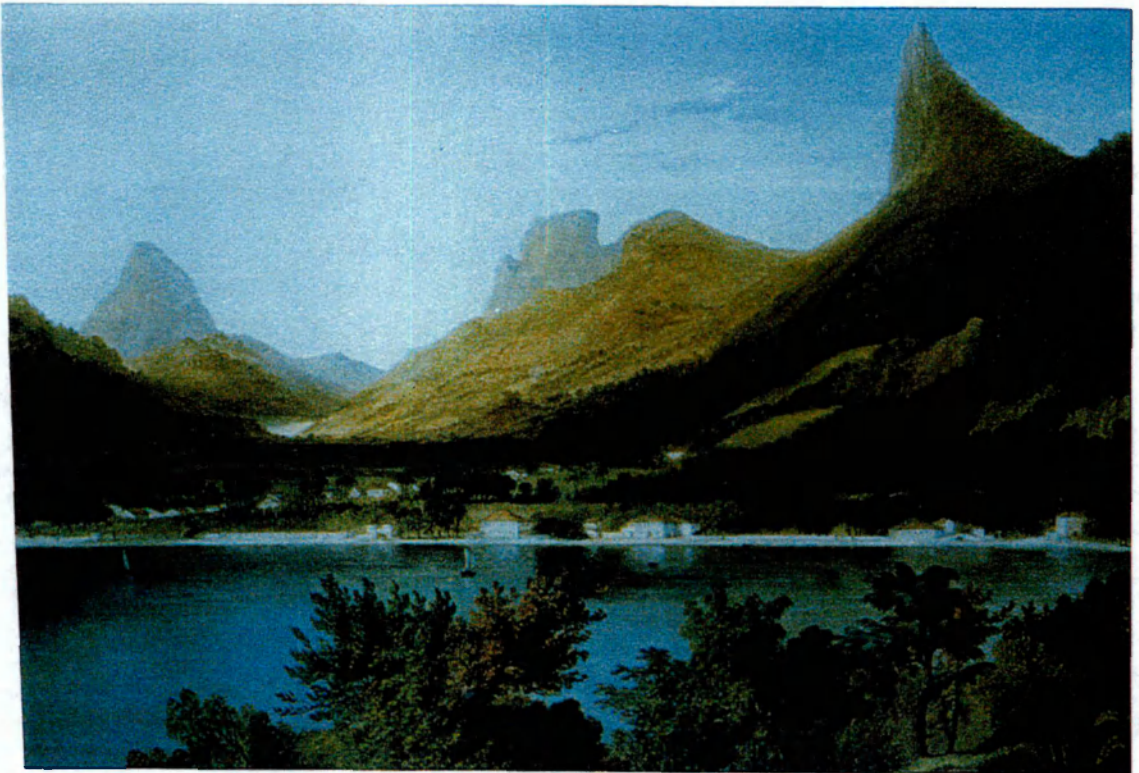
² Utilizaremos no decorrer do trabalho esta expressão “Homens de história” para referenciar os viajantes que foram o objeto deste estudo.

Publicando a Revista o IHGB lembra muitos passados. Os desejos e as melancolias de suas lembranças nos conduzem a “Uma Viagem pelos Sentidos”. Esta será nossa busca no segundo capítulo, no qual através de olhares e descrições de viajantes, perceberemos o impacto e as marcas que a natureza impõe ao homem, criando percepções e olhares.

Essas idéias são encontradas em páginas já envelhecidas pelo tempo, publicadas pelo Instituto em sua época dourada. Parafraseando Ranf, devemos dar parabéns a nossa fortuna por encontrarmos nestas antigas tradições de viagens, não apenas descrições, mas para além delas sentimentos e idéias. Essas tantas “Outras Viagens” que permeiam o Instituto, permeiam também este trabalho, constituindo o objeto de nosso terceiro capítulo em que a lembrança compõe verdadeiros rios de memória que constroem florestas de pensamentos. A Natureza são essas florestas, lidas em diários de bordo desses homens de história.

Porém, que o leitor não se prive de pensar que esta nossa viagem é como todas as demais, fruto de relações contraditórias. O pensamento civiliza o olhar, o olhar civiliza as ações e a escrita, a escrita civiliza o pensamento, que civiliza o olhar. É esta a circularidade deste mundo de olhares e pensamentos. Circularidade porosa, rompida a todos os momentos. Esta viagem da história em busca do estranhamento é repleta de relações.

Como ontem, a viagem da história foi a natureza. A viagem da história foi a própria viagem. Esta viagem da história é hoje a nossa ... História, Natureza e Viagem, mais que conceitos, são idéias...Misturam-se, entrelaçam-se, confundem-se. Como ontem, hoje também a grande viagem da história é a própria história.



Vista do Rio de Janeiro com a Praia de Botafogo e Corcovado óleo sobre tela de James Poole. In Beluzo, Ana Maria. "O Brasil dos Viajantes", Fundação Odebrech. Vol. III, p. 137

Qualquer narrativa deve ter um começo no tempo; e isto significa que uma das funções do mito é ancorar o presente no passado, e da história é ancorar o passado no presente
(WATT, 1997: 323)

CAPÍTULO 1 – UMA VIAGEM ATRAVÉS DAS IDÉIAS

História como viagem

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. (BENJAMIN, 1994:229)

A história pode ser pensada através de uma infinidade de imagens³. Aqui queremos pensá-la como uma viagem. Mas não uma viagem programada pelas agências de turismo, com hora marcada, data de retorno, que nos dá um panorama do local, mas não nos permite caminhar e observar os detalhes. Queremos nos perder como nos perdemos nas cidades, como nos perdemos nas florestas. Queremos uma viagem sem datas, sem horários. E, livre das amarras do tempo, observar todos os sentidos, as luminosidades, os rostos desconhecidos, as paredes, as cores, os cheiros e ruídos. Uma viagem que nos arrebate a memória.

Vivemos nossos agoras e deles buscamos outros. Outros tempos, também saturados, outras idéias, outras construções e outras histórias. Todos esses *outros* buscamos com muito cuidado, tentando perceber o que pensam, quem são e quais são os *seus* outros. É este o trabalho da história. Buscar nossos outros e os outros deles. É este, sem dúvida, um trabalho privilegiado. O historiador é então um viajante. Tal como suas fontes. Caminhar pelos jardins e pelas florestas dos pensamentos. Percebendo as idéias que as imagens construíram. Somos um pouco do cônego Januário da Cunha Barbosa, quando, em 1839, diz que “a sorte geral da humanidade muito nos interessa; e a symphatia mais vivamente se abala quando se nos conta o que fizeram, o que pensaram, o que soffreram aquelles que nos precederam na scena do mundo, é isso o que falla á nossa

³

Existem muitas formas de perceber a história, através de inúmeras imagens ou idéias. A viagem e o caleidoscópio são algumas das idéias que formam imagens pelas quais podemos ler a história.

imaginação, é isso o que resuscita a vida do passado, e que nos faz ser presentes ao espetáculo animado das gerações sepultadas”⁴.

Nesta viagem, quase ecológica, também seguiremos as pequenas trilhas, admiraremos por horas um tamanduá, vamos nos deter na galeria de idéias com muito cuidado. Também os rios e suas descrições serão observados, com seus muitos peixes e pedras. Mais que as paisagens queremos conhecer as idéias que as criaram, seu pensamento produtor. Nossa viagem pertence, então, ao mundo das idéias.

Mundo vasto este das idéias. Muitas idéias circulam, algumas são lembradas outras esquecidas. É próprio ao homem lembrar e esquecer. Para lembrarmos aquelas idéias que hoje nos tocam, é preciso esquecer tantas outras, que agora não nos dizem nada. E, como em toda viagem, existem sentimentos que nos marcam mais, lugares os quais lembramos com mais freqüência, rostos que não recordamos, na história também há o que lembramos e há o que esquecemos. Há os que são esquecidos hoje, há os que foram esquecidos ontem. Recuperar as experiências e os pensamentos é uma atitude libertária. E não nos esqueçamos de que viajar é um ato de liberdade, sobretudo, quando o destino é a história.⁵

A história é uma nau em direção à distante América, que, nos tempos fundadores do Brasil, trouxe a civilização européia; é o barco-sagrado dos egípcios, que levava a alma ao paraíso, ou também as embarcações vikings que aterrorizavam lugares por onde passavam; e ainda, um foguete em direção ao passado.

A viagem a que a história nos apresenta são as idéias dos homens que, vinculados ao Instituto Histórico, são levados para dentro das matas e rios para perceberem a natureza e conhecerem o país. Era preciso construir mapas, observar a natureza, os caminhos

⁴ BARBOSA, Januário da Cunha. *Discurso*. In: R. IGHB. 1839. P. 15

que os rios percorriam, os habitantes da região. Tudo estava para ser conhecido, a natureza estava ali para ser estudada.

A natureza tocou o homem nos primeiros anos do Império Brasileiro. A história era fundamental para a construção e manutenção deste Império. Ambas tão maravilhosas, com tanta diversidade e riqueza que encantavam os homens. Acostumados às cidades, quando entravam em contato com este novo mundo de imagens e movimentos que era a natureza ficavam extasiados, completamente envolvidos por tanta diversidade e mistério. Um mundo que não lhes pertencia, e muito os desafiava. O desafio moveu esses homens. Seu desejo de posse, sua sede de conhecimento.

A natureza foi o agente histórico dessa sociedade. Ainda estava para nascer o homem nacional com todas as suas características desejáveis, quais sejam a identidade, o passado glorioso, as virtudes e o amor desvelado à pátria. Não havia homem que preenchesse tão bem este papel. Ainda estava para nascer o filho que não fugiria à luta, ou antes, que pelo país, desafiaria a própria morte. O Hino Nacional é mais uma prova da importância da natureza, em suas imagens patrióticas como o “Sol da Liberdade”, o “Céu Límpido e Risonho”, o “Som do Mar e a Luz do Céu Profundo”. A Natureza oferecia tantas imagens e tantas riquezas para o proveito do homem que não havia como negar sua importância. O meio natural vinha *compor com* os ideais de civilização que aquele século impunha⁶.

Naquele momento a história reservou para si o direito de escolher seu ator principal. Então construiu todo um mundo de pensamentos, composto de paisagens, árvores, animais, mapas, sentidos e, principalmente de idéias. A *NATUREZA* era este mundo. Através dele, esta viagem se inicia...

⁵ Parafraseando Sérgio Paulo Rouanet em “*Razão Nômade*” in: PAZ, Francisco. *Na Poética da História*. Curitiba: Editora UFPR. 1996. P. 195. Onde diz “Viajar é um ato de liberdade, mesmo quando o destino é Orlando, na Flórida.”

⁶ José Murilo de CARVALHO mostra a construção da nacionalidade, em seu “A formação das almas”, também Regina ABREU em seu “A fabricação do imortal”.

Diário de bordo

A sociedade oitocentista estava calcada na utilização do papel como registro e principalmente, como prova do real. Hoje, o mundo contemporâneo avança as fronteiras do papel e da tinta, tão importantes durante tanto tempo para a humanidade, e lança mão de computadores, filmadoras, máquinas fotográficas, O potencial dessas outras formas de registrar o mundo altera a relação do homem com o pensamento e com a própria verdade. E, muito se discute sobre a verdade em nosso tempo. A verdade das fotos, a verdade das obras de arte, a verdade como representação, a verdade como poder, a verdade, a verdade...

A história busca experiências, busca pensamentos. O registro escrito era o grande ideal do século XIX. Um tempo de história, um tempo de novidades, um tempo de observação. Uma das formas de recuperação destas outras experiências do tempo se realiza através dos relatos de viagem. Os ideais daqueles homens, sobre os quais nos debruçamos, estavam repletos da necessidade de registrar tudo o que era observado. Seus olhos sempre ávidos da novidade detalhavam o mundo, compartimentalizando seus elementos, observando cada parte deste todo imenso e tão cheio de mistérios. Escreviam em seus relatos suas observações.

Mas que espetáculo gozo de minha janela, Sr. Flammarion! A sua imaginação, que tantas vezes nos desenha os primorosos quadros do céu e da Terra, interpretados pela ciência e pelo gênio, não desenharia por certo o painel que neste momento tenho diante de mim!

De um lado a massa compacta das florestas seculares, desenhando-se sombria no puríssimo azul do firmamento; do outro, uma elevada serra, cujos píncaros desiguais os últimos raios do sol poente envolvem em um manto vermelho de luz aveludada; e diante de meus olhos, até aos confins vaporosos do horizonte, cinquenta léguas de extensão de um solo suavemente acidentado, e cujas ondulações assemelham-se a vagas tranquilas, mas infinitas do oceano. É um espetáculo grandioso e realmente admirável! (ZALUAR, 1994: 50/51)

Augusto Emílio de Zaluar, conhecedor dos relatos das viagens realizadas no interior do país naquela época, e de trabalhos científicos cria o doutor Benignus, personagem de seu romance, um sábio que, cansado dos homens, de sua monstruosidade e das suas instituições, retira-se para junto da Natureza. Minas Gerais, Goiás, Sol, Júpiter, rio Araguaia. Viaja pelo interior do país, e pelo exterior do mundo buscando lugares habitáveis. Seus pensamentos viram palavras. --

Meus estimáveis amigos. Não sei se já lestes um espirituoso livro de Júlio Verne, que tem por título *Da Terra à Lua*? Pois eu sou o Miguel Ardan dessa arrojadíssima expedição, com a diferença que, em lugar de ir para a Lua, vou para o sertão... Estou cansado de andar por este mundo, onde a natureza é tão grande e os homens tão pequeninos! (ZALUAR, 1994:43/44)

O doutor Benignus é a alma dos viajantes no Brasil do século XIX. Suas idéias, ainda que pareçam absurdas, são a quintessência do sentidos e sentimentos dos cientistas e viajantes. A busca pela pureza, as preocupações com o homem, com o mundo, sua origem, os debates com astrônomos, naturalistas, geógrafos e historiadores, tornam-no um homem culto, atualizado com a ciência da época. A erudição do Doutor Benignus transforma-o em um homem real. Quando lemos o romance, esquecemos que é um personagem, esquecemos até que se trata de um romance. Tal como em outros relatos de viagem, que se pretendem científicos, a ilusão e o deslumbramento tornam os limites entre ciência e ficção, literatura e história um tanto tênues.

Os relatos dos viajantes publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – instituição privilegiada neste trabalho – podem ser lidos de várias formas. Na literatura, bem como na história, o exótico e o diferente, as histórias maravilhosas, sempre estiveram em cena. Mas, lembremos que a história e a literatura são criações do homem e, para ele, o maravilhoso faz brilhar os olhos. Dentre estas mal delimitadas fronteiras do conhecimento estão os *diários de bordo*. Nossos, dos viajantes do século XIX, ou mesmo do doutor Benignus, estes diários são os fragmentos dos homens e mulheres que os escreveram. São partes do seu mundo e, principalmente, retratos de seu pensamento.

Muito mais que pensar, ainda que imobilizados como estátuas, podemos escrever, deixar para outros homens e outras gerações a maior quantidade de informações sobre nós e aqueles que nos precederam. Assim, através dos relatos de suas viagens os homens nos permitem o acesso ao seu mundo. E nós conseguimos perceber mais um fragmento que conta sobre nós mesmos, mais um passado que nos mira e nos toma.

O historiador é tomado por seus passados, por suas imagens. É um colecionador de flashes. Como o naturalista observa, coleta e desenha as flores, as folhas e os animais que percebe em ambientes tão diversos, o historiador enxerga os vultos, coleta pensamentos, desenha idéias. Também transforma o que percebe em palavras, em linhas e textos. O viajante relata sua experiência, o historiador conta sua viagem. O limite entre ambos é tão poroso, que os dois se confundem. A natureza envolve o viajante, o passado envolve o historiador.

Si os factos contemporaneos carecem de documentos, si muitos pontos menos remotos da nossa história não estão ainda elucidadas, que diremos dos primeiros annos? ... Por ventura Cabral e Juan da Terra Nova descobrindo nas suas viagens a India, este um penedo inhospito, perdido no meio do império das ondas e aquelle o mais bello torrão do novo mundo, poderia prever que descobriram – ou um refúgio para a monarchia portugueza, que de humilde colonia elevar-se-ia entre as nações a um dos mais bello imperios, com um futuro diante de si da mais assombroza prosperidade – ou um presidio onde seria detido o conquistador, a cujo aceno tremeria a velha Lusitania desaparecer do mappa das nações (D. PEDRO II. R. IHGB, 1840: 127)

No século XIX, a história era vista como uma das mais importantes ciências. Objetiva, imparcial, correta, e verdadeira, como outras ciências daquela época⁷. O historiador se encontrava em um campo minado e o cuidado deveria estar redobrado. Nem tudo era história, nem tudo era verdade. E a verdade era multifacetada. É certo que o processo

⁷

As discussões sobre a história, no início do século, colocam-na no pedestal das ciências, onde a imparcialidade e a objetividade, bem como a intenção de formulações de leis e generalizações, realizada

do conhecimento possui inúmeras fases. O século XIX percebeu essas fases⁸. Dividir a história do Brasil, dividir o próprio país, conhecer suas fronteiras, desenhá-las, conhecer sua natureza, sua população. Era papel da história e da geografia buscar inúmeros dados, interpretá-los e levá-los ao conhecimento público.

A Revista do Instituto tinha uma divulgação limitada. Estava restrita ao mundo iluminado pelo conhecimento, aos agraciados pelas letras, à elite intelectual do Império. Restrito a uma pequena parte da população, constituía o espaço da história, e vem daí a sua importância. O desejo pela ciência fez da Revista um momento privilegiado na divulgação e na produção do conhecimento histórico. Num mundo em que a história era uma ciência, uma instituição voltada para as letras históricas teria seu espaço garantido.

Como o diário de bordo de uma época que está à deriva, as revistas do IHGB, constituem fontes fundamentais para quem queira perceber o século XIX brasileiro e sua sociedade imperial. Fundamental pois constitui o pensamento intelectual daqueles que refletiram a história do império e fundaram a nação brasileira. “Na sessão do dia 15 de Dezembro, à qual devem concorrer todos os membros, ... o Orador recitará o elogio dos membros falecidos, indicando seus serviços mais transcendententes em favor da sociedade, e fará menção honrosa dos autores de quaesquer obras históricas ou geographicas que, no decurso do mesmo anno, forem offerecidas ao Instituto”⁹

Se entendermos a revista do Instituto como o diário de uma época, podemos, num primeiro momento, observar que, neste diário, as origens do Brasil, e os homens ilustres do Império estão sempre em primeiro plano. As revistas são compostas, como já nos ensinou Manoel Luís Salgado Guimarães em seu artigo *Nação e civilização nos*

através de um método universal e verdadeiro, não esquecendo do fiel e correto, faziam o caráter de todos aqueles que pretendiam à ciência. A idéia de ciência a que nos referimos é aquela pensada pelo século XIX.

⁸ As fases aqui são as próprias fases do conhecimentos científico do século XIX, as quais são observação, nominação, dúvida, síntese, leis, resultados.

⁹ Não podemos nos esquecer de que estas viagens estavam sendo patrocinadas pelo Império e pelo próprio Imperador. In: BARBOSA, R. IHGB, 1939:19

trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional de três partes principais; os quais são: os relatos sobre a história e sobre a geografia do país, as biografias dos brasileiros ilustres e as atas das sessões do Instituto¹⁰.

Aos quinze dias do mês de dezembro do ano de 1849, foi distribuída por sua majestade o Imperador do Brasil – Dom Pedro II, um artigo que tinha por nome *Programa sobre o Descobrimento do Brasil*, que discutia se o descobrimento havia ou não sido acaso. Esse debate sobre a origem do Brasil se prolongou muitos anos. Percebemos isso pela frequência com que o tema aparece nas Sessões do Instituto ou na sua Revista. Este mesmo artigo que foi, pela primeira vez apresentado por D. Pedro II em 1849, na sessão do dia 20 de dezembro do ano de 1850, também foi desenvolvido e, no ano de 1852, publicado pela Revista:

Cabral arrebatou-se á vista d'esta terra incantada que lhe pareceu surgir do sepulchro do sol, primeiramente incerta como um ponto vaporoso: depois como uma sombra que engrandeceu pairada no infinito das águas, avultando á seus olhos qual duvidosa terra; depois como um monte que ele ainda não conhecia e já lhe dava nome, e depois solo magestoso empolado em serranias, escamados de verdura, que se ergueram como gigantes, prolongando-se na variedade de suas fôrmas, no grandioso de suas desproporções, com seus cimos coroados de granitos, com suas encostas cobertas de espessos bosques, com suas águas despenhadas em assombrosa catadupas, que se destacaram, recuando em vales dilatados e sombrios, em verdes e risonhas planícies, em que serpejam ribeiros, bordadas por praias, como alvas franjas, que se encurvam e onde se perdem as ondas em doce murmúrio, gozou da brisa da terra, que lhe trouxe os perfumes de suas flores, e ouviu o hymno harmonioso da natureza virgem e luxuriante do novo mundo, que o saudava (D. PEDRO II. R. IHGB, 1852:127)

¹⁰

Neste trabalho somente os artigos de história e geografia que se envolveram com a natureza foram selecionados, nem biografias, nem atas, foram profundamente analisados, já que entendemos que não eram eles os objetos deste, ainda que os tenhamos folheado e lido, porém inaugurariam um outro trabalho..

Cânones Imperiais

O império brasileiro saudou a natureza. Ela era parte constitutiva deste projeto ambicioso que a monarquia objetivava – a unidade nacional. O país ainda estava por nascer, era preciso dar uma só cor à bandeira, dar um só solo ao povo. Um espaço onde as luzes da civilização começavam a surgir, onde as cidades e as instituições queriam se fortalecer e o povo não se reconhecia enquanto tal. A natureza possibilitava uma identidade mínima. Era o primeiro passo em direção ao Império do Brasil.

A história foi muito cara a esse período, bem como à natureza. A história forneceria, através da natureza, um passado digno de nota. A natureza era a própria história do Brasil. E, por muito anos, aprendeu-se nas escolas que o verde da bandeira é a exuberância da mata, o amarelo do ouro, o azul do céu e da águas. As imagens criaram idéias, criaram mundos de pensamento.

É certo que muitos dos ideais do Império sobreviveram à sua queda. As cores da bandeira são, talvez, o exemplo mais claro, ou o mais patriótico. Este momento histórico tão importante – a transformação do Império em República – foi no Brasil mais uma permanência. Não podemos nos esquecer do grande avanço que algumas novas leis representaram. Mas o reinado de Dom Pedro Segundo foi relativamente livre. Segundo Joaquim Nabuco, ilustre jornalista, o imperador “fingiu com mestria sábia que governava”¹¹. Livre em pensamentos, mas não em cidadania. Só em 1871 é assinada a Lei do Ventre Livre; antes disso, apenas o tráfico de negros era proibido. As rebeliões ameaçavam, mas não conseguiram destruir a apatia e a distância do poder central do Império. As guerras de fronteiras também não minaram a *tranquilidade* deste grande país. A guerra entre Brasil e Paraguai alterou muito os sentimentos no Império. O negro ganhava sua alforria para combater ao lado dos generais brancos por um mesmo território. Naquele momento a nação estava preparada para seus homens. Com

¹¹ Citado por CARDOSO, Vicente Licínio. *À margem da história do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979. P. 125

um passado digno de cidadãos corajosos, estava cumprido o papel do império, estava acabado o papel da natureza. Mesmo que o Instituto Histórico nem tomasse conhecimento desta realidade, a partir dos anos que a guerra envolveu, o herói deveria assumir seu posto. Já nos anos 1870 a natureza passa a ser vista pelos olhos práticos da dominação de território. Agora ela cedia lugar às fronteiras, ao homem nacional¹².

Durante esses 30 anos¹³ de busca e consolidação da nacionalidade e da nação, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi órgão fundador das tradições e da memória. Fornecia verdades em um momento que elas eram necessárias. Os homens de letras eram personagens principais nesta tarefa. A verdade era dada pelo papel, embora a grande maioria da população não soubesse utiliza-lo para este fim. Os homens de história, cientistas sensíveis ao espetáculo majestoso da natureza, buscavam por todo o país, elementos de unidade, de identidade e mesmo de diferenciação. Queriam a natureza pela natureza, como todos os cientistas do século XIX; mas também a queriam por seus mistérios, por seu poder, por sua beleza, como os românticos dos mesmos tempos.

Fazer a história da pátria era antes de tudo um exercício de exaltação (SCHWARCZ, 1993: 104)

Como estátuas pensantes

A margem de um largo rio, ou talvez na encosta íngreme de uma montanha elevada, encontra-se uma fileira de estátuas. Elas não conseguem movimentar seus membros. Mas têm olhos e podem enxergar. Talvez ouvidos, também, capazes de ouvir. E sabem pensar... (ELÍAS. 1990: 96/97)

¹²

Existem alguns relatos que versam sobre as questões fronteiriças antes de 1870: entretanto é a partir dos acontecimentos desse período que estas questões ganham efetivo destaque, era preciso cuidar das fronteiras; isso vai cegar os olhares dos homens e modificar a relação deles com a natureza.

¹³

1839 à 1870

Esta é a própria imagem da história, imobilizada pelo mundo ao seu redor, com olhos e pensamentos. Aterrorizada pelos acontecimentos que vê e ouve. Pensante, porém paralisada, tal como o *anjo da história* que podemos ver nas *Teses sobre o Conceito de História* de Walter Benjamin, imobilizado pela força do vento e dos escombros que crescem atrás dele, mas o forçam para a frente. É solitário, está aterrorizado, imóvel, mas observa e pensa.

Na caótica e talvez organizada solidão do mundo em que vivemos, encontramos muitos elementos que nos aproximam dessas imagens. As estátuas enxergam com os nossos olhos. O anjo luta contra o vento, e seus olhos, ao se aterrorizarem, são os nossos. Nós nos reconhecemos nessas imagens. Somos um pouco do anjo e um pouco das estátuas, os acontecimentos nos imobilizam. Quem sabe nos reconhecemos por vermos aí a própria história, por enxergarmos nós mesmos.

No dia da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi lida, discutida e aceita pelos que ali estavam presentes a proposta que tinha por bases fundamentais, fundar uma instituição que se ocupasse da história e da geografia do Brasil. Um país que se encontrava sob a égide de um “governo imperial, hereditário, constitucional, soberano e representativo”¹⁴.

“Em prol da pátria e para a glória de seus membros”¹⁵, naquela manhã de domingo de 21 de outubro de 1839, vinte e sete senhores da sociedade carioca assistiram à primeira sessão do Instituto. Em seu discurso como Primeiro Secretário Perpétuo da instituição – Januário da Cunha Barbosa ensinava que o IHGB deveria ser encarregado “como em outras nações a eternizar pela história os fatos memoráveis da pátria, salvando-os da

¹⁴ MATTOS, Raymundo José da Cunha. *Dissertação acerca do systema de escrever a historia antiga e Moderna do Brasil*. In R. IHGB. Vol. 26 Tomo XXVI. 1863. P. 129

¹⁵ BARBOSA. op. cit. 1839. p. 06

voragem dos tempos, e desembaraçando-os das espessas nuvens que não poucas vezes lhe aglomeram a parcialidade, o espírito de partidos, e até mesmo a ignorância”¹⁶.

Já não sabemos os motivos pelos quais recuperamos este passado. Se por sua imobilidade, ou por seu desejo de movimento. A imobilidade deseja o movimento. As estátuas desejam andar. O pensamento quer a ação. De pensamentos, os historiadores do IHGB, queriam fazer ação. Viajaram, conheceram, coletaram, exploraram. A ação e o novo os imobilizou. Por sua beleza ou terror, a natureza paralisava-os. Tal qual o anjo imóvel pelo terror provocado pelos acontecimentos. Tal qual a estátua que enxerga e pensa, mas continua imóvel.

Joaquim Manoel de Macedo, poeta e orador do Instituto, publica em 1859, nas Revistas do Instituto, um *Discurso* no qual lembrava que:

... a glória de uma nação brilha com esse fogo sagrado que se alimenta das recordações fulgurantes e esplendidas do passado: é a epopéia imensa e assombrosa que tem cada um dos seus cantos resumido na sepultura de um finado ilustre: é, enfim, o precioso nobilíssimo legado que os varões beneméritos deixam à patria, a quem, depois de ter servido com dedicação e revelancia durante a vida, ainda além da morte enriquecem com o thesouro inapreciavel de seus nomes nobremente famosos. Entretanto a conservação desse legado, a coordenação dos cantos dessa epopéia, a perduração desse fogo e desse monumento é licito esperar da história... (MACEDO, RIHGB, 1859: 705)

A vontade de construir uma ciência impunha aos historiadores viajantes alguns olhares, alguns conselhos. Muito mais que regras duras; pequenos detalhes, muitos elogios e alguma observação iam compondo as normas de escrever, as formas de pensar. O historiador era afogado com uma avalanche de boas condutas, firmes olhares e retidão. Era este o seu mundo que dominava-os e paralisava-os. Se hoje nos vemos paralisados pelo peso da história, ou mesmo livres pela falta deste peso, o século XIX assistiu ao

¹⁶ ibid. p. 11.

auge deste peso. Se hoje esquecemos dos nomes ilustres, seus rostos e suas idéias, aqueles anos os exaltavam.

Muitos homens sérios no seu dever cultivavam as “sciencias”. Eles não poderiam ficar adormecidos. O esquecimento é uma espécie de morte, até pensamos ter ouvido isso das vozes desses homens de história, ou lido nas linhas que escreveram. O medo do esquecimento é o próprio medo da morte. E, para a sorte desses homens, a fotografia e o retrato já começavam a eternizar expressões, imortalizando rostos. Os relatos trabalhados aqui são como uma fotografia, um gravura, a eternização de um momento; mais que isto, a imortalidade do sentimento.

“O homem não póde ser eterno: a morte é inevitavel” escrevia o poeta orador, ao realizar o panteão dos grandes homens, não esquecendo nem de Napoleão Bonaparte em suas conquistas, nem do major Miguel Frias e Vasconcelos que nasceu “a tempo de saudar com todo patriotismo e todo ardor de um coração mancebo e entusiasta à independência do seu paiz”¹⁷. Pensamento e ação, coragem e diligência eram as palavras que definiam esses homens. Tantas vezes ação e pensamentos têm lugar nos relatos. O silêncio é repreensível. Os historiadores não poderiam sucumbir frente às mentiras e ignorância de muitos relatos; sua função era desmentir, procurar a verdade, dar sua luz de conhecimento e acabar com toda a dúvida. As mentiras e as verdades propagam-se, modificam-se.

Os historiadores daqueles anos criaram suas estátuas da história, observaram a outra margem do rio e em suas estátuas se encerraram. Seus olhos e pensamentos continuavam atentos, desejando movimento, e assim, provocaram sua própria imobilidade.

17MACEDO, Joaquim Manoel. *Discurso*. In: R. IHGB. 1859, 713

Hoje estamos também imersos e imóveis. A solidão, a melancolia, a ciência, a objetividade, a paixão e a dor nos aproximam do século XIX, sentimentos que voltam neste final do século. Nossa sociedade também nos imobiliza, nos assusta e a barbárie¹⁸ já não está mais no outro. Não há grupos de risco para as nossas doenças nem há para nossa violência. Também aí somos estátuas, vemos e pensamos, até desejamos o movimento, mas nos encontramos paralisados.

¹⁸

Utilizamos esta idéia de barbárie, como os homens de tempos atrás olharam para os nativos de um distante lugar. A barbárie é, neste sentido, o próprio estranhamento, a própria diferença e, ao mesmo tempo, o absurdo que rompe um determinado mundo de pensamentos.

1.1. VIAJANTE E O IHGB: O ADESTRAMENTO DO OLHAR

Muitos olhares

...o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano,..., que se torna elemento constituinte do indivíduo.
(ELIAS, 1990:189)

Depositários de uma tradição científica e objetiva, em busca do detalhamento e do diferente, os viajantes buscavam aquilo que seu olhar lhes impunha. Não se observava qualquer coisa. O olhar estava inscrito em uma ordem maior ou em uma rede mais ampla de determinações e de outros olhares. O homem não possuía domínio sobre sua observação. Pelo menos não, se quisesse fazer parte do seleto grupo de intelectuais que pertenciam ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e tinham relatos publicados em sua revista.

As publicações e, com maior força, os ideais da ciência histórica impunham determinado tipo de conduta aos homens que bebiam em suas águas. Essa conduta não é aqui entendida como forma de se portar em sociedade, (é claro, todos eram cavalheiros muito corretos!). A conduta de que tratamos é referente à forma de entender a natureza, coletar dados e escrever os relatos. Uma norma de fazer ciência. Colocada aos homens como forma de unificar uma dada linguagem. Mas, se pensarmos em seu extremo, essa dita unificação de linguagens era mais que uma norma de apresentação, era uma *FORMA* de pensamento, uma forma de olhar.

O olhar do viajante se adequava a essa nova forma, por ela era informado, adestrado. Não era só como o Instituto instruía olhares, era como adestrava pensamentos. Controlava homens através da ciência e de suas normas tão técnicas. Esse controle organiza as publicações do Instituto. Por que publicar um relato e não outro? Mas,

antes da publicação que o controle se efetivava. Aparecia no pensamento dos intelectuais. No seu raciocínio lógico, na sua busca imparcial, objetiva e científica.

O pensamento objetivo, lógico e no qual todos os homens iluminados tinham acesso¹⁹, determinava olhares, cercava as idéias que lhe pareciam mais corretas. Para a história - as mais verdadeiras.

Pensar no mundo em termos históricos era uma criação do século XIX. Mas a história significava, todavia, não só a *compreensão do passado*²⁰, ou mesmo a procura das origens do presente pelo passado, mas um sentido do movimento incessante da vida humana, de mudança e desenvolvimento contínuo....era a ciência do devir. E como tal, na verdade vinha a ser, agora pela primeira vez, a rainha das ciências,...(BAUMER, 1977, vol.II: 21)

O homem, como agente desta ciência do devir, pensava o mundo em termos da história. Mas não de qualquer história. Ela devia permanecer nos limites da *observação*. Devia conduzir ao progresso da sociedade, mostrando a *evolução* do homem na mesma tal qual a evolução da espécie humana no planeta. Tudo era muito objetivo e o pensamento intelectual, muito racional. A história, como um tipo de "ciência moral"²¹, teria que seguir os padrões das ciências naturais, com métodos, justificativas, objetivos e respostas que todos pudessem ver comprovadas por teorias quase universais da verdade.

O circumspecto genio do historiador, sentando-se sobre a tumba do homem, que ahi termina as suas fadigas, desreza argumentos de partido e conselhos de lisonja, portando-se em seus juízos como austero sacerdote da verdade. A fama dos grandes homens, rompendo as trevas da antiguidade, tem chegado à nós com os documentos de seus meritos acrisoados pela história: ella assim premia a virtude muitas

¹⁹ Entendemos que a totalidade dos homens é um universo um tanto amplo para falarmos em termos de acesso ao pensamento científico. Nem nos dias atuais podemos pensar nestes termos. A humanidade é por demais diversa para que todos os homens pensem objetivamente. Entendemos que este acesso ao pensamento objetivo no século XIX no Brasil dava-se através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

²⁰ grifo do autor

²¹ Conceito de Franklin BAUMER em sua obra "O Pensamento europeu Moderno"

vezes perseguida, restituindo a veneração dos homens a memória daquelles que dela se fizeram dignos. (BARBOSA, R. IHGB, 1839:16)

As idéias da verdade eram muito fortes para os homens daquele tempo, eram o peso que conferia importância e destaque para uns e não para outros, para algumas afirmações e não outras. Podemos dizer que a verdade era o fiel da balança, o *verdadeiro* limite desta sociedade.

O historiador perdia aos poucos seu caráter de *homme de lettres*, adquirindo o estatuto de pesquisador tal como seus pares de produção intelectual. (SCHWARCZ, 1993:134)

Funcionando como verdade, a história vai se constituir como ciência no Brasil, através da instauração do Instituto Histórico e Geográfico em 1838, e, particularmente, com a publicação de sua Revista no ano seguinte. Veio a ser a instituição oficial da produção da história. Os viajantes, que eram também naturalistas, historiadores, geógrafos e cientistas de modo geral, produziram uma certa realidade e com ela um determinado conceito de história, um certo passado, um mundo muito particular, confirmado pelo seu próprio conceito de verdade.

Utilizando essa verdade e essa história, os intelectuais do Instituto rendem-se às suas normas, mas também as reafirmam. São limitados por essa história, mas também acreditam nela e a defendem. Seus fatos, seus nomes, seus acontecimentos mais importantes, apóiam-se em suas próprias verdades, pois produziram um passado e dele viveram.

Começamos hoje um trabalho que, sem dúvida remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas que se encontram em nossa história. Nós vamos salvar da indigna obscuridade, em que jaziam até hoje, muitas memórias assignalar, com a possível exactidão, o assento de suas cidades e villas mais notaveis, a corrente de seus caudalosos rios, a área de seus campos, a direcção de suas serras, e a capacidade de seus innumeraveis portos. (BARBOSA, R. IHGB, 1839: 12)

Era nesta paisagem que se inscreviam os relatos de viagem destes homens cientistas. Era neste mundo dominado pelo conhecimento científico e em sua busca que encontramos o viajante. E encontramos o próprio mundo, não o mundo tal qual ele é, mas aquele que o viajante via e sentia.

O talento dos historiadores e dos geographos é só quem póde offerecer-mos essa galeria de factos, que sendo bem ordenados por suas relações de tempo e de lugar, levam-os a conhecer na antiguidade a fonte de grandes acontecimentos, que muitas vezes se desenvolverão em remoto futuro. (BARBOSA, R. IHGB, 1839: 14)

Adestrando pensamentos

Dessa maneira o processo civilizador, a despeito da transformação e aumento das limitações que impõe as emoções, é acompanhado permanentemente por tipos de libertação dos mais diversos.
(ELIAS, 1994:184)

Norbert Elias, em sua busca pela compreensão da sociogênese²² dos conceitos modernos de civilização e do desenvolvimento dos costumes ocidentais, traça-nos uma rede imensa de informações a respeito da complexidade das sociedades. Utiliza-se dos costumes para demonstrar toda essa complexidade, através da sua evolução civilizadora, mas é certo que não se resume a eles.

É muito mais que uma bela e interessante obra de história. Mostra-nos uma opção metodológica brilhante²³: encontra, na sociedade de corte, categorias que organizam o mundo, a sociedade. Mostra como os códigos de sociabilidades se inserem em um determinado espaço e em um determinado tempo. Através de um sistema de valores

²²

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Editorial Estampa. Lisboa, 1987 – busca as origens da “estrutura de interdependências a cuja pressão estão sujeitos os indivíduos destas sociedades”. 48

relativamente rígidos lê toda a organização e funcionamento de uma sociedade. Ensina que este dado mundo funciona através de sua lógica própria. Na sociedade de corte a lógica do prestígio.

A forma de funcionamento de todas as sociedades é constituída de lógicas internas que são muito próprias. São reguladas por alguns mecanismos que fazem toda a estrutura funcionar. Um desses mecanismos é para Elias na sua análise sobre a sociedade de corte, a repressão. Este não é um conceito que adquira um peso extremamente negativo, já que os indivíduos o reafirmam nas suas relações de dependência²⁴. Percebe a repressão e o controle naquela sociedade. Essas estruturas sociais possuem uma lógica de funcionamento, mas, ao mesmo tempo, não podemos esquecer que é composta por fragmentos e são eles que a caracterizam. O homem é um todo, composto de suas partes, e ele é uma das inúmeras partes da sociedade.

Se seguirmos esse raciocínio, poderemos afirmar que a ciência pode se constituir uma das partes deste todo civilizatório - a sociedade brasileira ilustrada. Uma parte que exerce um tipo de controle sobre os indivíduos e que compõe parte significativa dos olhares dentro do mundo social do século XIX. Um instrumento de civilização²⁵.

O controle dos indivíduos deste meio um tanto restrito, que era o IHGB, era efetivado pela aceitação ou não de um membro, mas acontece quase como um acordo tácito entre estes intelectuais. Para se fazer história era preciso observar algumas regras e eles as observavam. Refinavam seu olhar e suas idéias para poder ler a natureza e fazer a história. Modernizavam-se, tornavam-se objetivos, científicos. Controlavam suas

²³ É esta opção metodológica que queremos utilizar neste trabalho.

²⁴ *ibid.* p. 62 - "Os privilegiados, presos nas malhas das redes que lançavam uns aos outros, mantinham-se por assim dizer, uns aos outros nas respectivas posições." Nesta obra, podemos ver como o autor tece uma rede de poder através dos costumes e é importante notar que essa rede faz de todos os seus partícipes, indivíduos dependentes da estrutura. Os nobres são tão dependentes da sociedade de corte quanto o rei.

²⁵ Queremos pensar em uma instituição que controla os homens de história do século XIX brasileiro, mas também é por eles controlado.

emoções ao máximo que podiam. Levavam muito a sério seu papel e acreditavam que realizavam ciência²⁶.

O conhecimento deixava de lado a intuição, o medo, a impressão. Tal qual a lógica do prestígio organizava a sociedade de corte, a ciência organizava os homens letrados do século XIX brasileiro.

Sendo innegavel que as letras, além de concorrerem para o adorno da sociedade, influem poderosamente na firmeza de seus alicerces, ou seja pelo esclarecimento de seus membros, ou seja pelo adoçamento dos costumes publicos, é evidentemente que em uma monarchia constitucional, onde o mérito e os talentos devem abrir as portas aos empregos, e em que a maior somma de luzes deve formar o maior gráo de felicidade pública, são as letras de uma absoluta e indispensavel necessidade, principalmente aquellas que versando sobre a história e a geographia do paiz, devem ministrar grandes auxilios á pública administração e ao esclarecimento de todos os Brasileiros.
(BARBOSA, R. IHGB, 1839: 5/6)

O conhecimento científico organizava os homens em um espaço delimitado. Ou antes poderíamos dizer que esta elite letrada estava organizada em dois espaços fundamentais, que funcionam como espaço da ciência. *Meio Natural* e *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Eles eram, por excelência, o espaço da ciência e do conhecimento. Eram, ao mesmo tempo, campo de coleta de experiências e informações e espaço da reflexão. Tanto em um espaço como no outro, a ciência estava circunscrita. Era o seu território.

Dois espaços em que encontramos o viajante. Tanto no meio natural como no Instituto, é o viajante e seus pensamentos que nos chamam a atenção. O espaço do meio natural era o que organizava o olhar deste homem. Aí o viajante podia ler todas as minúsculas partes que o formavam. Com um olhar aguçado e esquadrinhador, pretendia ver o

²⁶

Pensamos este termo - ciência - a partir do que os homens do século XIX pensavam sobre a ciência e sobre aquilo que realizavam. Neste sentido os homens "daqueles tempos" acreditavam em sua realização e na verdade do seu conhecimento. A crença nesta ciência cegou os que nela acreditaram, pois esta era uma de suas determinações, a crença que cega.

particular e ordená-lo conforme a ciência da época o fazia. Era esse o espaço que forneceria ao homem as impressões, e capturaria o seu olhar por instantes. Era ele que se enquadraria em observações anteriores tomadas por verdadeiras, e imporiam modificações nessas teorias. Por mais “adestrado” que fosse o seu olhar, sempre haveria a possibilidade do desconhecido, do inusitado. Nem tudo tinha sido até então observado, ainda que outros viajantes já tenham lançado o seu olhar na paisagem²⁷.

O meio natural ainda selvagem colocava ao homem suas vontades - seu clima muitas vezes nada agradável, sua vegetação por vezes muito densa e de difícil penetração, suas plantas sempre novas²⁸, seus animais sempre à espreita, seus rios cheios de afluentes desconhecidos. Toda a viagem era uma verdadeira aventura. Durava meses e impunha aos homens muitas situações novas, ou pelo menos nunca antes descritas. Muitas vezes gerava situações limites. Eram necessários muita vontade e coragem, sendo que, os homens destemidos e objetivos que estavam vinculados ao IHGB não viam nesta tarefa um problema, já que a ciência estava acima de suas vontades, angústias e medos.

O espaço do IHGB também adestrava o olhar do homem, era ele quem fornecia as teorias e selecionava que informações eram as mais importantes. Ali os homens debateram suas idéias e as idéias de sua época. Relatos eram lidos nas sessões e comentados antes de irem para a publicação. Através do Instituto, os viajantes entravam em contato com o mundo e com o conhecimento produzido em outros países. Possuía um espaço considerável para membros honorários que tinham seus relatos freqüentemente publicados e debatidos. A natureza americana era aquela apresentada nas revistas do IHGB. Pelo menos era esta que funcionava como tal. Assim como

²⁷ Sempre há na natureza algo que não percebemos, e em todos os momentos que para ela voltamos a nossa atenção temos o olhar capturado por uma particularidade, um fragmento. Ainda que várias viagens buscassem a natureza, o viajante sempre percebia coisas novas, tinha seu olhar capturado por fragmentos.

²⁸ Utilizamos esta construção “plantas sempre novas” no sentido de desconhecidas. Até hoje não podemos dizer que conhecemos as plantas de nossas florestas. Utilizando-nos dos dados de Anthony Smith em “Os conquistadores do Amazonas”, sobre a viagem que Humboldt fez à América foram coletadas 60 mil plantas. A cada viagem uma ou outra planta era catalogada como nova, bem como os animais e as sociedades indígenas que eles encontravam. A novidade constituía os desejos de busca do homem e da ciência.

produziram uma história, os historiadores e naturalistas daquele tempo produziram uma natureza, imaginaram um país, e nele acreditaram. Provavam sua existência através de documentos “acima de qualquer suspeita”²⁹.

Na realidade o olhar do viajante era por duas vezes esculpido. Inserido ora na *paisagem natural* ora na *intelectual*. Iria informar e ser informado.

Era como se cada um desses espaços retirasse a alma³⁰ do olhar viajante, tornando-o mais controlado, mais científico; aprendendo a ver, o olhar se tornaria talvez, até um pouco mais civilizado. O viajante cria uma paisagem, mas também é criado por ela.

As luzes da civilização

A nossa história abunda de modelos de virtude; mas um grande numero de feitos gloriosos morrem ou dormem na obscuridade, sem proveito das gerações subsequentes. O Brazil, Srs., posto que em circumstancias não semelhantes ás da França, póde comtudo apresentar pela historia, ao estudo e emulação de seus filhos, uma longa serie de varões distintos por seu saber e brilhantes qualidades. Só tem faltado que os apresentasse em bem ordenada galeria, collocando-os segundo os tempos e os logares, para que sejam melhor percebidos pelos que (vão) seguir seus passos nos caminhos da honra e da glória nacional. (BARBOSA, R. IHGB, 1839: 18)

O Brazil guarda nas entranhas de suas terras, e assim tambem nos peitos de seus filhos e sinceros amigos, thesouros preciosos, que devem ser aproveitados por meio de constantes e honrosas fadigas. ... A geographia é a-luz

²⁹

Estes documentos eram oficiais, não é nosso objetivo discutir a questão da documentação para a história, é certo que há brilhantes contribuições neste sentido sendo discutidas atualmente. Por tanto, não vamos entrar no mérito desta questão. O que é necessário pensar é que, para o século XIX e para o IHGB os documentos para a história necessariamente eram os oficiais. Os historiadores da época questionavam a veracidade do documento e, sendo ele verdadeiro, seu conteúdo também o seria. O caráter oficial desta história lhe conferia veracidade.

³⁰

Quanto mais objetivo, científico e civilizado é o olhar do viajante, menos pode ele ver aquilo que é sublime, que lhe causa êxtase ou repulsa. A alma do olhar esta em ver com os próprios olhos, permitindo-se ver tudo, o mundo real mas também o sensível. Quando a cientificidade restringe o olhar, ele perde sua alma.

da historia, e a historia, tirando da obscuridade as memorias da patria, honra por isso mesmo aos que lhe consagram grande desvelo.” (BARBOSA, R. IHGB, 1839: 21)

Neste discurso Januário da Cunha Barbosa, “1º Secretário Perpétuo do Instituto”, defendia a necessidade de a nação possuir um passado, a urgência de o país possuir uma Instituição voltada às letras históricas. Mais que isto, uma Instituição que ao eleger a história como uma ciência, pudesse retirar a pátria da “obscuridade” do esquecimento. Aos três dias do mês de fevereiro do ano de 1839 o Visconde de São Leopoldo, membro fundador do IHGB, tem seu *Programma Historico* lido em sessão, publicado no terceiro trimestre do mesmo ano e afirmava que:

Explorando nas minas dos archivos importantes e authenticos, e cooperando dest’arte para ressurgirem á nova vida escriptores, que com direitos á immortalidade jaziam, ou por modestia ou maliciosamente, sepultados no esquecimento, julguei render-vos um serviço grato, e cumprir aos mesmos passos os preceitos dos nossos estatutos. (SÃO LEOPOLDO, R. IHGB. 1839, 86)

Não se distanciando muito do IHGB (que mantinha com o historiador um efeito semelhante ao que a força de gravidade da Terra faz aos homens, mantém-nos no chão), o historiador deveria manter-se nos limites do conhecimento e de prova daquilo que realmente era verdadeiro. Para tanto nada mais lógico do que a busca pelo que era comum aos homens - seu passado. Um passado que iria retirar a poeira dos homens que tinham sido “distinctos por armas, lettras, virtudes...”³¹.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lançou as primeiras idéias a respeito da história no Brasil e, principalmente, da seriedade com que deveria ser feita³². Como fundadora de uma nação sua influência e peso eram maiores, bem como as atenções

³¹ Notícia que a todos os volumes publicados da Revista do Instituto privilegia um ou mais personagens importantes da história, geografia, ou política, e realiza uma pequena biografia.

³² A preocupação com a veracidade no relato era muito importante. Esta é uma das crenças científicas daquele século – a verdade.

que tinha voltado sobre si. O Império mesmo se voltava às reuniões do IHGB, seus debates e sua histórias, principalmente, quando o Imperador - Dom Pedro II - delas participava. A necessidade de uma identidade nacional fazia desta Instituição um *locus* privilegiado de idéias, Tanto em sua produção como em sua difusão. --

O IHGB era a materialização espacial das idéias dos principais intelectuais do período. Era um espaço destinado à construção de um passado. Pensava o inventário do Brasil tanto quanto tentava compor um mosaico com as informações que possuía, mas também buscava enquadrar este fragmento - Brasil - no mundo ilustrado e moderno.

Atraia os intelectuais “sérios” que preocupados com as questões históricas escreviam em sua revista, e entravam em uma sensível, porém muito importante, névoa cientificista. Nem todos os que aí escreviam pensavam da mesma maneira, assim como nem todos os relatos eram organizados da mesma forma. Mas é inegável que por ser uma instituição oficial, tentava colocar algumas regras, ainda que básicas, nas formas de pensar e escrever a história.

Ella (*a História*) em materia de ordem, e estylo deve ser escrita de modo harmonioso, agradável, conciso, decente, exacto e o mais claro que for possível; e o fim principal da historia politica e civil, é encaminhar os homens á pratica das virtudes e ao aborrecimento dos vicios para que d'ahi resulte o bem estar das sociedades. (MATTOS, R. IHGB, 1863: 137)

Sendo a “sciencia de narrar ou descrever os acontecimentos presentes e os passados”³³, a história fornecia luz e civilização aos homens e, principalmente, ao seu passado. A monarquia brasileira salvava os historiadores e as ciências, de forma geral, do cerceamento da liberdade de pensar que existia até então no país; segundo contava o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, antes do ano de 1822, era muito difícil encontrar alguém que se arriscasse a fazer história, censurando a administração. Para

33

MATTOS, Raymundo José da Cunha. *DISSERTAÇÃO acerca do systema de escrever a Historia Antiga e Moderna do Império do Brasil*. in R. IHGB, tomo XXVI, 1863: 137

ele, somente depois de 1823 é que "existe liberdade de escrever"³⁴. Atentamos que esta dita liberdade estava inscrita na ordem do Império. Era regulada por seu querer e olhar. Talvez até mais significativo que isto, esta liberdade era parte da necessidade de ver a sociedade e escrever aquilo que realmente estava se observando, tal qual se apresentava.

O "governo imperial, hereditário, constitucional"³⁵ era, naquele momento, o ápice da liberdade, o *Brazil* não se encontrava mais sob o jugo de Portugal. A história já pode ser realizada, e mais do que nunca, deveria ser escrita. Escrita a partir de fontes fidedignas e verdadeiras. Era preciso possuir um passado que fosse verdadeiro, digno e claro; a ciência da história era neste momento urgente. O historiador deveria ser um crítico "mui austero"³⁶ e deve "presidir ao exame d'estes monumentos"³⁷. Deveria se certificar que os documentos de que lançava mão eram o mais puro reflexo da verdade daquilo que ocorreu há tempos. Para tanto, só poderia utilizar-se de materiais que por sua seriedade, fossem verdadeiros, como "cartas imperiaes ou regias, diplomas legislativos, regulamentos ou regimentos, avisos, resoluções, ... termo de posse dos governadores, bispos, magistrados, officiaes municipaes, ... e as cartas de sesmarias"³⁸.

A ciência da história deveria ter procedimentos muito claros e objetivos, o historiador teria que desempenhar o papel de um "paleographo" ou "chronologo", juntar fragmentos em uma ordem lógica e verdadeira, organizada a partir da sequência cronológica dos fatos mais importantes, e assim realizar a história.

³⁴ ibid. p. 129 "É pois desde o anno de 1823 em diante que entre nós existe liberdade de escrever, e por conseguinte parece-me absolutamente desculpável a falta de bons escriptores nacionaes antigos."

³⁵ ibid. p. 129

³⁶ ibid. p. 138

³⁷ ibid. p. 138

³⁸ ibid. p. 138

Assim neste processo de *iluminação*³⁹ e civilização, realizado através do conhecimento no Brasil, a história foi, sem dúvida, privilegiada. Elegeu o mundo natural como representante da nação que surgia e se fortalecia. Era na história que o IHGB fundaria seus olhares, criando uma rede de verdades e formas de pensar, fornecendo assim, ao viajante sua fonte de olhar.

Refinando Olhares

Nunca se esqueça, pois, o historiador do Brazil, que para prestar um verdadeiro serviço á sua patria deverá escrever como autor Monarchico-Constitucional , como unitário no mais puro sentido da palavra. (MARTIUS, R. IHGB, 1845: 410)

A história no século XIX, vai se tornar, então, uma adestradora de emoções. Se o Instituto Histórico regulava os olhares, a história regulava as sensações, impondo limites àqueles que viajavam no espaço e no tempo, ainda que não cruzassem as portas de sua casa. Forneceria os elementos necessários aos homens para a busca que empreendiam através do país; busca pelas origens, pelo passado, pela natureza.

Como ciência, teve formas de apresentação e, mais do que simples formas do texto, imprimiu no viajante seus métodos e problemas, mostrando-lhe o que ver e como ver. Lapidando seu olhar e, por consequência, seus sentimentos, a história teve com o homem uma relação de imposição e reafirmação. Imposição porque é ciência, reafirmação porque os homens é que eram os cientistas. Era necessário observar os rios, já que estes foram os caminhos para a ocupação de um país cujos limites estavam muito distantes do centro⁴⁰ do Império, era necessário observar sua plantas, já que estas

39

Utilizo o conceito Iluminação como forma de trazer luz e retirar as sombras e a escuridão do país. Os viajantes iluminam o Brasil através da história. Não lanço mão do Iluminismo ou mesmo da Ilustração, pois estes são conceitos carregados de maiores e mais complexas informações e dobras, o que certamente inauguraria um outro trabalho.

40

Entendemos Centro do Império como o ponto crucial de formulação de idéias e de sua divulgação, como centro intelectual e político, e não como o centro geográfico ou físico.

poderiam ter um grande valor comercial ou profilático; e finalmente, era necessário observar suas gentes, para conhecer as potencialidades produtivas.

Para tanto a história era, naquele momento, fundamental, a imparcialidade do pesquisador, no caso o viajante, era necessária para que se conhecesse realmente o país como se apresentava⁴¹. Neste sentido buscavam seu objeto e o queriam despido de qualquer partido, queriam, como se fosse possível, a natureza tal como era. O mito da imparcialidade dos historiadores e dos cientistas, de forma geral, ainda ronda algumas ciências; na história ainda não podemos dizer que esta idéia é coisa do passado, mas esta afirmação não está muito distante. No século XIX a imparcialidade era pressuposto para se realizar uma boa pesquisa em história e, ainda que não fosse boa, isto imprimia seriedade à narrativa.

O conhecimento-delimitava as fronteiras dos sentidos. O viajante não buscava o que era mais belo, ou simplesmente o que mais lhe atraía. Por ser um cientista sério, havia que observar o que todos os cientistas sérios observariam se colocados em contato com aquele dado objeto. Neste sentido, a preocupação com as potencialidades econômicas e a com a delimitação do território nacional era bastante recorrente. Eram estas as preocupações que deveriam povoar as cabeças dos viajantes⁴².

Os homens de “sciencia” possuíam seus olhares mais civilizados, mais científicos, enfim mais históricos, mas não podiam esquecer suas emoções e tentavam controlá-las; mas algumas vezes, não podiam. Comungavam com os ideais de objetividade de seu tempo, não eram, de maneira alguma, sufocados por eles. Utilizando uma palavra de Norbert Elias, podemos dizer que os homens vinculados ao Instituto Histórico, no século XIX, possuíam um olhar *refinado* pelo conhecimento.

⁴¹ Devemos deixar claro que a imparcialidade é para nós impossível e até mesmo indesejada. O envolvimento marca os homens, marca os historiadores. A imparcialidade rompe com o envolvimento, quebra o contato, o entrelaçar dos pensamentos.

⁴² Sabemos que estas preocupações não eram levadas tão a sério como deveriam, já que o homem em contato com a natureza não consegue que seu olhar e seus sentidos sejam tão determinados.

O conhecimento da história coloca o homem frente a si mesmo e a seus pares de outros tempos e lugares. Apresenta ao homem seu outro. No caso específico dos viajantes, o outro é a natureza, é este mundo de pensamentos que incomoda o homem. Fazendo com que ele se aventure no meio natural para conhecer, entender e nominar este exótico desconhecido. Se a história tentava adestrar as emoções, colocava os homens em contato direto com elas. Ao insistir em inventariar o mundo, voltava a atenção e os olhares dos viajantes para a natureza. A história mostrava a natureza na tentativa de dominá-la.

É certo que a história tentava domar a natureza, no seu pensamento e no seu meio, mas ao colocar o viajante em contato com o objeto de seus sentidos e desejos, ensinava-lhe como “ocultar”⁴³ seus sentimentos. Estes não eram interessantes para o historiador, poderiam bem servir a um romancista, ou uma mulher, mas não serviam ao cientista. O ocultamento dos sentidos não foi imposto foi ensinado ao homem. Fazia parte da sociedade que era o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi aceito e difundido pelos historiadores.

Na difusão deste ocultamento dos sentidos, ou antes, adestramento do olhar, os viajantes “tomavam-se mais sensíveis”⁴⁴ aos apelos científicistas e tentavam racionalizar suas emoções.

Porém senhores, se em geral são estas as vantagens da história, quaes não serão ainda as do nosso paiz, se o amor da glória nacional nos levar a depural-a de suas inexactidões, e a escrevel-a com essa atilada critica que deve formar o caracter de um verdadeiro historiador? (BARBOSA, R. IHGB, 1839: 17)

⁴³ ELIAS, A. SOCIEDADE DE CORTE. op. cit. 128. “no curso do processo civilizador, (as pessoas) procuravam suprimir em si mesmas todas as características que julgam “animais” Mais do isto, “removem para o fundo da vida social” tudo o que é inconveniente.

⁴⁴ ibid. p. 91

Este olhar adestrado pela história fez do olhar viajante um olhar histórico. Por este motivo utilizamos no texto ora a palavra viajante ora a palavra historiador para definir este homem que armado com um olhar histórico, foi em direção à natureza. E, assim, realizava a história de seu país. A história informa o homem e determina seus objetos e métodos. O homem realiza a história. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o meio geográfico são o espaço. A viagem é seu tempo....

1.2. AS HISTÓRIAS: O IHGB E A CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS

Peças de um "machinismo"

A razão do homem, sempre vagarosa em sua marcha, necessita de um guia esclarecido e seguro, que aclare os seus passos. O talento dos historiadores e dos geógrafos é só quem pode oferecer-nos essa galeria de factos, que, sendo bem ordenados por suas relações de tempo e lugar, levam-nos a conhecer na antiguidade a fonte de grandes acontecimentos, que muitas vezes se desenvolverão em remoto futuro (BARBOSA. R. IHGB, 1839: 15)

Homens do passado muito ilustrados. A erudição e a seriedade caracterizaram os homens de história que estavam ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Instituição sempre voltada às letras históricas, publicou no ano de 1839, em sua primeira revista, o discurso do cônego Januário da Cunha Barbosa (1780 – 1846). Homem ilustre do Império, diretor da imprensa nacional e da biblioteca nacional, ensinava que a história “deve pintar [os homens] em sua liberdade, fazendo-os responsáveis por suas ações”⁴⁵. Aos olhos da Musa da História, constantemente severa, crime é sempre crime. A necessidade da verdade e de um passado glorioso eram as margens do olhar para o historiador, margens que a história coloca aos olhos dos historiadores..

O Brasil, tão cheio de “varões distintos”, deveria recuperar seus rostos e nomes para a glória da pátria. Mais que patriotismo, ou para além dele, os homens de história e de ciência estavam tomados pela curiosidade e pela busca de sua própria origem. É comum aos homens se preocuparem com sua origem. Eles compunham a elite do pensamento, a nata intelectual daquele momento no Brasil. Mas muito desta preciosidade intelectual estava escondida, esquecida, adormecida. Era papel do historiador, desprovido de partidos e envolvido pelo espírito de sua pátria, resgatar do

esquecimento seus rostos, seus nomes e suas idéias. O século XIX brasileiro entendeu e realizou esta missão. Através desta instituição voltada às letras históricas o historiador deveria buscar mais e mais vultos do pensamento, e divulgá-los nas páginas do próprio Instituto Histórico através de sua revista.

O Instituto Historico e Geographico do Brasil reconhece que pela própria natureza dos fins que prezidem á sua organização, é um dos seus mais serios e imprescriptiveis deveres o pagamento desse generoso tributo devido aos varões illustres que a morte vai roubando ao paiz: colligindo e publicando as biographias de cada um delles, vai recommendando os nomes e os feitos dos beneméritos ao tribunal da posteridade...(MACEDO, R. IHGB.1859:15)

O IHGB dava os limites da leitura, como uma máquina bem formada, ou um órgão sadio e, como o século XIX gostava de pensar os homens eram as partes deste mecanismo, os órgãos de um corpo, os membros de uma corporação.

Januário da Cunha Barbosa ilustrou seu discurso com rasgados elogios a seu amigo particular, o general Raymundo da Cunha Mattos, também membro do IHGB, escreveu e publicou no ano de 1863 sua *Dissertação Acerca do Systema de Escrever a História Antiga e Moderna do Império do Brasil*. Cunha Mattos ressalta a importância da liberdade existente no Império para escrever a verdadeira história brasileira. Segundo ele, apenas “desde o anno de 1823 em diante que entre nós existe liberdade de escrever...”⁴⁶, pois antes disto, “não havendo liberdade de fallar, e de escrever na côrte ou na metrópole, ainda menos havia nas colonias! .. era crime de lesa-magestade fallar contra os ministros...”⁴⁷. Louvava a monarquia e perdoava a falta de bons autores nacionais antigos, já que desde muito liberdade era vocábulo inexistente nos dicionários.

⁴⁵ BARBOSA. op. cit. P. 15

⁴⁶ Opus cit. MATTOS. R. IHGB, 1863: 129

⁴⁷ ibid. p. 129

A nação e o patriotismo permeavam o homem durante estes anos. Primeiro, buscando a história nacional e construindo-a a partir da natureza, tão bela e rica. Depois buscando afirmar o orgulho nacional e construindo a nação a partir de seus heróis. A partir dos anos de 1870, com o fim da Guerra entre Brasil e Paraguai, o herói era o soldado valente em luta, morrendo e cumprindo os ideais e as ordens deste Império, que já acreditava que seus filhos nem à morte temeriam.

A construção do Império teve, então, dois momentos fundamentais. A *História* e o *Homem*. A construção do passado preparou a construção do homem moderno. Ele poderia ser patriota, pois seu passado o glorificava, honrava-o. Era descendente dos “filhos da Natureza”, dos “homens industriais” que abandonaram seus países e se estabeleceram em locais por eles descobertos, e de povos cuja origem era desconhecida, mas que legaram tão grandes ruínas que “se assemelham as do antigo Egito”⁴⁸. A galeria da história glorificava o país e seu povo.

A vontade de compor um quadro dos principais homens da sociedade brasileira daquela época fazia resgatar e honrar nomes tão famosos e importantes. Para isso, o Instituto Histórico criou uma sessão especial em sua revista para ser o panteão dos homens ilustres. Sua valentia, coragem, inteligência fizeram-os ilustres. No ano de 1859, entraram para a história, ou pelo menos para sua galeria de ilustres 7 homens vinculados ao Império e de uma ou outra forma ao Instituto. Eram recordados em um discurso publicado na Revista daquele ano, associados sempre ao brilhantismo e coragem, bem como sua seriedade para com o Império, a política e a ciência⁴⁹.

A atividade científica do século XIX foi para os homens que a viveram, forte e pronunciada, realizaria um mesmo fim, convergindo os espíritos de grandes homens,

⁴⁸
ibid. p. 140

⁴⁹

“A sciencia contemporanea conta felizmente alguns desses interpretes admiraveis, desses homens universais, dessas cabeças encyclopedicas; ... de monumentos animados da intelligencia humana” MACEDO. opus. Cit. 1845, p. 732

cabeças enciclopédicas e monumentos animados da “intelligencia” humana, como afirmou Joaquim Manoel de Macedo ao lembrar o falecimento de Humboldt em 1859.

O historiador deveria observar alguns elementos eleitos pela ciência da história no seu pesquisar. Era necessário estudar as origens do Brasil. Os primeiros tempos e os primeiros habitantes eram temas freqüentes nos relatos da Revista do IHGB⁵⁰. Von Martius foi um dos principais expoentes da história naquele momento. Em janeiro de 1845 na sua Dissertação *Como se deve escrever a História do Brasil*, ensinava que a História do Brasil deveria em primeiro lugar, resgatar a composição do seu povo, étnica e culturalmente.

Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providencia predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue portuguez, em um poderoso rio deverá absorver os pequenos confluents das raças India e Ethiopica...(MACEDO. R. IHGB, 1845:393)

Geométrica Natureza

...que seja este soberbo manancial d'aguas sem cessar, entornadas pela mão do Onipotente por sobre este pedregoso – Gigante – Paulo Affonso – que, sentado e encarando a Súl, separou-o em duas porções, marcando pela sua altura o leito, por onde devem correr as águas da porção inferior, em quanto as da superior impellem-se com inaudito fragôr por entre os braços e pernas; debruçao-se pelos hombros, e se precipitão enfurecidas no profundissimo abysmo. (SILVA, R. IHGB. 1859. P. 202)

Natureza maravilhosa! Louvada no século XIX por sua beleza, por sua riqueza, por sua força. Aos poucos o homem foi humanizando as matas, os rios, naturalizando o medo. A floresta o assustava enquanto não era conhecida. O inventariar do mundo foi um desejo e uma realização que aquele século soube aproveitar. As imagens religiosas da natureza, bem como as científicas, foram muito freqüentes nos relatos estudados. Em

⁵⁰

Como em 1839 Januário da Cunha Barbosa, em 1840 Carlos Ranf, em 1845 Martius, em 1859 Macedo, em 1863 Mattos.

muitos momentos Deus e Ciência complementavam-se, criando um mundo original de pensamentos.

Talvez fosse essa uma característica da natureza americana, que, com seu calor tropical e umidade exagerada ornou os limites menos rígidos, aumentou os poros que separavam as idéias. O Brasil do século passado viu as teorias derreterem, *re-elaborou* conceitos, criou pensamentos.

O sentido de grandiosidade em relação à natureza, que podemos ler nos viajantes através de seus encantamentos, sofrimentos, apreensões, era também sentido na imensa solidão que pairava sobre as mais distantes paragens. Como nos ensinou Francisco Paz... “os viajantes” sentiam-se “ainda mais estranhos numa terra estranha”⁵¹. O mundo natural era, também um mundo estranho.

Talvez seja essa a imagem do homem de letras, - seu estranhamento. Os cientistas, os românticos, os desejosos, os melancólicos solitários em suas sensações apresentaram essa a face do estranhamento. Sensações que permearam os homens de história, informaram seu sentidos, suas idéias, sua experiência.

A experiência da história para o século XIX foi a mais cara, a mais extasiante ao homem. Suas preocupações estavam sintonizadas na origem e, eles mesmos foram fundadores desta nova experiência. Para homens iluminados pelas luzes da história, a natureza ofereceu um território e a história se apossou dele. Apenas o estranhamento garantia a vontade da descoberta, do conhecimento, da paixão.

⁵¹ PAZ, FRANCISCO. NA POÉTICA DA HISTÓRIA. P. 338

O estranhamento era o motor⁵² desta história. Não é o único, mas peça fundamental para nossa leitura. Temos que concordar que as relações entre órgãos e corpo, peças e máquinas, também compõe este mundo de pensamentos.

A natureza provoca o homem. Desperta seus sentidos. Mas está sob o signo do estranhamento. Signo do medo, da insegurança, do poder, da dominação, do conhecimento, da história. E, em muitos momentos, a dominação e a insegurança foram o signo da história. Não podemos negar as relações entre o pensamento e o poder. E não é caso de saber qual foi mais forte sobre as sociedades ou os homens.

O mundo natural, a natureza, não são mais que suas idéias. As idéias os produzem. Idéias de uma determinada sociedade, inscrita em suas fronteiras.

Todas as idéias circulam, pairam sobre as cabeças desses tão ilustrados homens. O século XIX foi o grande século do movimento, da circulação. Os homens pensavam muitas coisas, portanto a especialidade não foi sua característica. Todos eram especializados em generalidades, ainda que formados em alguma disciplina específica. Eram naturalistas que viravam antropólogos, pintores que se especializavam em bromélias e orquídeas, militares que eram poetas, cientistas no geral, que se atraíam pelas especificidades da natureza.

Ideais imperiais, ideais científicos, ideais históricos. Olhares caleidoscópicos⁵³, olhares viajantes. Quando a viagem é história, as idéias são as brisas e os ventos: surpreendem, modificam, pairam, circulam.

⁵² Karl Marx que apresenta a imagem da história ligada à ao sentimento do progresso quando tem em seu motor a medida da geração, e faz da luta de classes a própria história, ... "A luta de classes é o motor da história."

⁵³ A idéia do caleidoscópio, fundamental neste trabalho, é também apresentada por Marília Mezzomo Rodrigues em "A prevenção da decadência; discurso médico e medicalização da sociedade. Curitiba: Aos Quatro Ventos: 1998.

Nos matos confinantes da referida lagoa (de Juparunan), e nos do rio Doce há preciosíssimas madeiras de todas as qualidades, e consta que este rio é aurífero e diamantino em toda a sua extensão. Mas de que vale tanta riqueza e preciosidade, se as margens d'este precioso rio ter por desgraça ter sido até agora inhabitáveis. (ALMEIDA, R.IHGB.1846:452)

A natureza é o destino de nossa viagem e também nosso ponto de partida. Buscamos outros mundos que pensaram a natureza. Nós também a pensamos, e só por isso nos voltamos a ela. Buscamos-la em nossos outros.

Como Franklin Baumer nos ensina: “o facto de uma questão estar em evidência numa determinada época não significa, no entanto, o eclipse das outras”⁵⁴. Apropriamo-nos desse passado. Nossos olhos buscam algumas respostas. Deterêmo-nos mais sobre um dado passado que, todavia, não é o único. Mas sem dúvida, é este passado que nos fita e nos pede para ser lido. História, Homem e Natureza constituíram os mundos de pensamentos que tocavam os homens de história do século XIX, mas também nos alcançaram. E se existe um “encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa”⁵⁵, é este o momento!

A Viagem como História: Melancolias e Desejos

...a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito... (BACHELAR. 1996:189)

O homem ao entrar em contato com a natureza era tomado por dois sentimentos que o devastavam – *DESEJOS E MELANCOLIAS*. Neste espaço onde era possível se

⁵⁴ BAUMER., Franklin. O Pensamento Europeu Moderno. Vol. I. Lisboa: Edições 70. p. 35

⁵⁵ BENJAMIM, Walter. Tese sobre o Conceito de História. in *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Brasiliense.

perder⁵⁶, o homem desejava ordenar e dominar, mas havia sempre o perigo de encontrar uma chuva que nunca acabasse, ou passar pela experiência da malária, e tantas outras desconhecidas febres que incomodavam e, por vezes matavam esses exploradores. A observação era às margens, mas distanciando-se um pouco dessas margens e descuidando da observação do caminho, e muitos facilmente se perdiam.

A história realizada por estes homens transitava nas fronteiras entre os desejos e as melancolias. A necessidade da observação e a grandiosidade do mundo da natureza, o real e o devaneio compuseram estas histórias. E, certamente não queremos uma história dos sentimentos, mas sim uma história que, através deles, perceba as idéias. A leitura dos homens, de seus sentimentos e seus textos é a própria leitura de seus mundos de pensamentos. A leitura de seus desejos tão purificados, tão iluminados⁵⁷, pode ser feita a partir de seus objetivos, suas pretensões, sua forma de olhar o mundo; já suas melancolias podem ser lidas através de suas desilusões, seus medos, seu pavor, sua saudade.

Um século com muitas idéias. É uma atribuição bem vasta: pode-se falar que o nosso século XX é um século de muitas idéias. E quem sabe o que serão os próximos! Mas podemos afirmar que o século XIX foi extremamente rico em diversidade de pensamentos. Eles podem ter sido adestrados dentro das instituições, dentro das sociedades, mas mesmo à colocação de limites, resistiam as palavras que ressoaram através do texto. A narrativa, enriquecida de imagens, cores, luzes, e sombras, permeava o relato científico.

⁵⁶

Utilizo a idéia de que a imensidão e a grandiosidade fazem com que tenhamos a sensação de podermos ficar perdidos: "não é preciso permanecer muito tempo nos bosques para conhecer a impressão sempre um pouco ansiosa de que "mergulhamos" num mundo sem limites. Em breve, se não soubermos aonde vamos, já não saberemos onde estamos" in: BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes. 1996. p. 191.

⁵⁷

A palavra "iluminados" pede uma dupla significação. Iluminados tanto pela luz, como pelo conhecimento.

Um século de idéias é também um século de movimento. E como nós conhecemos o movimento! Como conhecemos a velocidade! Nosso mundo, nossa sociedade, nossos hábitos se modificam, incorporam outros, com uma rapidez atordoante. Vivemos um mundo veloz, e o fazemos mais veloz ainda. Quando olhamos para o nosso passado recente e percebemos que apenas se passaram cem anos, entendemos o sentido da velocidade. Estes últimos cem anos modificaram muito as paisagens, a vida, os costumes. O homem ocidental enfrentou colonizações, guerras, bombas atômicas, computadores, televisores, telefones, doenças, assassinatos, fome, medo e, em meio a todo este caos, assistimos nascer um país cuja identidade é a diferença.

Um século de movimento é um século de história. Ciência, arte, dogma, verdade, fim. No final de outro século sempre ressurgindo das cinzas como a Fênix, a história sobrevive. Em um mundo tomado por Deus e assolado pela religiosidade, retomamos a história. Somos um novo fim de século; mais ainda, somos um novo fim de milênio. Mas será que já deixamos de ser tocados pelo espírito do futurismo nas palavras de Marinetti que pergunta “por que devemos olhar para trás, quando temos de atravessar os misteriosos portais do Impossível?” e em seguida afirma: “O tempo e o espaço morreram ontem. Já vivemos no absoluto, uma vez que já criamos a velocidade, eterna e sempre presente”⁵⁸.

Idéias, Movimento, História. Pelas leis da física, um corpo que está em movimento quer continuar em movimento, só ficando imobilizado quando uma força agir sobre ele. Na história, ao contrário da física, a constante é a força que age sobre o corpo. É a força que imobiliza suas ações, petrifica, prende. As idéias não param, assim como os acontecimentos, o movimento é constante. O homem imóvel observa que as atitudes que salvariam seu mundo são maiores que ele. Ainda assim, ele se debate dentro de sua redoma, dentro de seus limites.

58

MARINETTI em seu Manifesto do Futurismo de 20 de fevereiro de 1909, citado por BAUMER, Franklin. *O Pensamento Europeu Moderno*, Vol. II. . Lisboa: Edições 70. 1977

Toda viagem se torna uma história. E, de muitas histórias e viagens se formam idéias. Os relatos das muitas viagens realizadas no século passado nos contam sua história, nos contam sobre seu mundo, suas felicidades e tristezas, seus medos e ansiedades.

A viagem através da natureza nos mostra muitas visões, muitas verdades sobre os homens. Ora, a natureza é tão grandiosa que apenas a mão divina poderia tê-la feito; ora é tão perfeita que, como a estrutura do relógio, funciona através de muitos e ajustados mecanismos; ora é tão rica que deve ser utilizada e explorada pelo homem; ora é tão necessária que deve ser conhecida e preservada.

Nós e nossos outros – viajantes - olhamos para a natureza através dos filtros que nossas experiências nos impõem. Também possuímos os nossos limites, e com eles observamos a natureza como um mundo real ou de pensamentos que surgem aos olhos. Entretanto, não é só ao olhar que este mundo se apresenta. Apresenta-se também à experiência. Nós vivemos o medo da degradação da natureza e da urgência em preservá-la. Mais uma vez a história se confunde com a natureza. Também pede preservação. Como um mundo de idéias se apresenta à nossa experiência. Com a história, também vivemos os medos de muitos finais nem sempre felizes e, com eles, muitas outras possibilidades de pensar.

As tribus do portentoso Amazonas, não sabiam sentir o poder do criador, que marcou um longo curso e imensa amplitude a esse gigante das águas, que acolhe rios gigantes; que elevou contra as invasões de dois mares a barreira incomensurável do Andes, de cujo dorso derivam-se as origens do Amazonas; que distendeu, por uma vasta extensão de milhares de léguas, magestosas florestas de uma espessura impenetrável, e revelando a duração dos séculos. Allí, debaixo dos céos do Amazonas, onde a natureza mais que em parte alguma inspira o sentimento solenne de sua severa grandeza, e falla mais profundamente aos sentidos, viviam povos incapazes de uma idéa religiosa e condigna ao sublime auctor de tão imensa criação. (OLIVEIRA, R. IHGB.1844:140/141)

A viagem constrói paisagens, constrói imagens e pensamentos. O mundo de pensamento da natureza é repleto de imagens. Esta imagem da natureza criada por

Deus, para a glória do homem, é um pensamento que muitas vezes vai educar os olhares e sentidos dos homens e, certamente, não é o único. Entre melancolias e desejos as idéias circularam, nas mentes ilustres dos senhores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nos anos do século XIX, as idéias caminharam, e esta é a viagem da história, que acontece a cada relato, a cada sentimento, a cada sensibilidade.

Mas a história só pode servir para humanizar a experiência se permanecer sensível ao mundo geral do pensamento e da ação do qual procede e ao qual retorna. E, enquanto se recusar a usar os olhos que tanto a arte moderna quanto a ciência moderna lhe podem dar, ela haverá de permanecer cega – cidadã de um mundo em que “as pálidas sombras da memória em vão se debatem com a vida e com a liberdade do tempo presente. (WHITE.1994:63)



LAGO RODRIGUES DE FREITAS, 1844. Aquarela em papel de Eduard Hilldebrant. In: Beluzzo, Ana Maria. *O Brasil dos Viajantes*. vol. III.

“O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram? Não tem as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. ...” (BENJAMIN, 1993:223)

CAPÍTULO 2 - UMA VIAGEM ATRAVÉS DOS SENTIDOS

O Século XIX e seus Olhares

...o lugar da esperança e do êxito pode tomar-se uma fria terra de exílio, um local de infelicidade... (CORBIN.1989:23)

A natureza apreendeu os olhares dos homens do século XIX, mas não apenas os olhares foram tocados por ela. Todos os sentidos e sentimentos dos homens que viajavam por estas terras foram atingidos por este universo de pensamentos e experiências vividas junto ao meio natural que aqui chamamos de Natureza. Sendo mais que a mata, os rios, os campos. Sendo mais que as descrições e medidas, sendo mais do que a experiência pura. Aquilo que nomeamos de *NATUREZA* é uma composição caótica de todos estes elementos. É um verdadeiro *mundo de idéias*.

O homem se aproxima do meio natural, o experimenta, vive, descreve, desenha, compõe, cria, sente. É por ele tocado. Não pode nem quer ficar imune a ele. E é todo este universo de pensamentos e sentidos sobre um mundo vivido que como um verdadeiro caleidoscópio, formam leituras. Como tal, tão diversas e novas a todos os momentos.

Não nos interessa entender o passado tal como ele se apresentou aos homens daquele tempo. Buscamos entender o que aqueles homens pensaram, e como articularam seus “mundos de pensamentos”. Para tanto, lançamos mão da inspiração que Franklin Baumer nos apresenta. Entendendo que “a história das idéias concentra-se essencialmente nas respostas à questões perenes”⁵⁹, buscamos quais destas questões mais atingiam o homem cientista do século XIX brasileiro. São os mais variados entendimentos sobre tais questões que queremos perceber.

⁵⁹ BAUMER, F. O Pensamento Europeu Moderno. vol. I. p.22

É preciso notar que como na Europa, também no Brasil o século XIX foi um século faminto pelo conhecimento. A novidade era a *coqueluche* desse período e esse novo residia, muitas vezes, dentro do que já existia. Foi o século das *re-leituras* do mundo. Nelas, a natureza e a história estavam em primeiro plano. Verdadeiro tempo da história⁶⁰, as experiências vividas neste período na Europa ou no Brasil, foram muito diferentes. E, portanto, as idéias veiculadas nos círculos intelectuais ingleses, franceses ou alemães foram assimiladas pelos pensadores brasileiros de uma forma muito peculiar.

Este *século do devir* como é chamado por Baumer, foi tomado por mundos de pensamentos que, na Europa, eram muito diversos. Cada momento do pensamento ocidental elegeu suas próprias questões. Como podemos ler em sua obra *O Pensamento Europeu Moderno*:

Esses mundos... não foram nem separados uns dos outros, nem completamente estáveis. Pelo contrário, houve uma fecundação cruzada considerável.... No entanto, cada mundo, tivera uma medida de unidade que não foi revelada pelo século como um todo. Dentro de cada mundo houve um consenso visível, algum acordo nos princípios gerais, algumas respostas razoavelmente distintas às questões perenes. (BAUMER. 1977: 22)

Os mundos de pensamentos apresentados por Baumer foram, o *Mundo Romântico* com sua irracionalidade, emotividade e principalmente com sua vontade histórica; o *Mundo Neo-Iluminista* com seu otimismo, cientificismo e progresso; *Mundo Evolucionista* com seu mecanicismo, e sua evolução; e o *Mundo Fin de Siécle* com toda a sua descrença, seu ceticismo e sua irracionalidade. Mundos que, ainda que próprios, colidem no devir.

⁶⁰ BAUMER. op. cit. vol. II. p. 22

Não podemos dizer que essas idéias tenham sido simplesmente importadas para o Brasil. As idéias só são absorvidas quando encontram terreno fértil para seu desenvolvimento. Os intelectuais brasileiros do século XIX não copiavam idéias, o que faziam era apropriar-se destes mundos de pensamento, com os quais comungavam seriamente e suas leituras sobre as questões perenes de seu tempo e, mesmo sem ter consciência, realizam uma maravilhosa *miscigenação* de idéias. Criam um mundo de idéias não totalmente novo, mas totalmente inusitado.

Estes sentimentos acerca da natureza não foram novidade para o homem do século XIX. Antes deles seus antepassados também se perguntaram sobre o mundo no qual viviam, e sobre as novas realidades que vinham se apresentando com muita força, desde o século XVI, com o contato entre a civilização ocidental e o mundo americano. Se é verdade que “um viajante chega tão longe quanto consegue e não quanto deseja”⁶¹, estes, que aqui embarcaram, muito desejaram e muito conseguiram.

Se o século XIX foi depositário das reflexões sobre a natureza que desde a antigüidade tiram o sono dos homens, foram os séculos XVII e XVIII que para isto mais contribuíram. O pensamento, neste caso, não se apresentava linearmente em nenhum momento. Eram fragmentos que se agrupavam em cada tempo de uma forma diferenciada. Neste século do devir e da história - o XIX - os homens viveram a fragmentação e a crítica de uma forma singular. Da paixão renascentista⁶² aos autômatos mecânicos⁶³, passando pelo evolucionismo científico, as idéias envolvidas e criadoras de seu próprio tempo, viveriam a natureza de diversas formas. Ora mistificação, ora ciência, ora maternidade.

⁶¹ Carta de Vasco Nunes de Balboa a Fernando de Espanha, escrita em 1513. in: TURNER, Frederick. *O Espírito Ocidental Contra a Natureza: mito, história e as terras selvagens*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

⁶² LENOBLE. *História da Idéia de Natureza*. Lisboa: Edições 70. 1969. p.243

⁶³ *ibid.* .p. 279

Todos estes sentimentos culminaram na construção das idéias do século XIX; foi ele que experimentou todas estas facetas. Como se o pensamento humano quisesse realizar uma nova composição, mais plural e mais livre. Tão variados como a fauna e a flora brasileiras, que tanto encantaram os viajantes do IHGB, os mundos de idéias sobre a natureza privilegiaram um período para constituir um caos, um emaranhado que só pode ser visto em suas partes. Este é nosso sopro, são estes nossos amores não vividos.

Assim como a beleza e a riqueza naturais chamaram a atenção deste cientista, que era também um homem urbano, vivendo uma experiência no interior do Brasil, a insalubridade, o medo do desconhecido, os mosquitos e animais selvagens, bem como os índios também retiveram seu olhar e sua apreensão. São esses sentimentos que a primeira vista parecem-nos antagônicos, que buscamos captar. Ora a racionalização do desejo, ora a incerteza da melancolia.

Os pensamentos europeus deste século do devir, não sobreviveram ao calor dos trópicos. Foram solapados pela sensualidade, e pela beleza. Sofreram o encanto que toda esta natureza proporciona. Foram embotados por toda a umidade dessas matas. Aqui, no Brasil, as idéias constituíram um novo mundo de pensamentos, que não foi apenas a aproximação de mundos importados. Foi uma nova forma de pensar, formas diferenciadas de sentir.

Em *O Estilo Tropical* - Roberto Ventura aponta para um debate acerca das questões literárias que são pensadas nos fins do XIX. Aí podemos entender como o pensamento nacional foi complexo e muito interessante. Nesta obra encontramos o debate travado entre uma das mais representativas organizações das idéias - a "geração de 70"⁶⁴ -, que

64

Utilizo este termo para delimitar as questões que passam a surgir a partir dos anos do 1870, tal como SCHWARCZ, 1993:28, 43 e VENTURA, 1991: 117, e CARDOSO, 1979: 99

colidiu com os anos vividos por nossos viajantes, mais que proximidade em sua periodicidade, encontramos um mundo comum na intelectualidade, ainda que respeitando suas características singulares, ou antes, são os fragmentos de um mesmo mundo fragmentário das idéias.

O Manifesto Republicano, o término da Guerra entre Brasil e Paraguai, a Lei do Ventre Livre, a demissão do gabinete liberal de Zacarias e os debates travados por intelectuais, tanto da Escola do Recife, como do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, passando por todas as discussões da literatura e da história, fundaram novas questões sobre o homem e, a sociedade; novos debates que desviaram a atenção dispensada à natureza. Mesmo depois desse “declínio do mundo natural”⁶⁵, a miscigenação das idéias continuou apresentando-se aos debates intelectuais, mas já com outras faces.

Marcas da Natureza

...dormi a noite, e no dia seguinte segui o meu caminho, ora por montes, ora por vales... (ALMEIDA, R.IHGB. 1846:437)

No intuito de ocupar o Brasil, os viajantes caminharam entre desejos e sombras, entre paisagens e melancolias. Em seu *Itinerário da viagem que fez por terra da Bahia ao Rio de Janeiro*, que data de 1808, publicado pelo Instituto em 1846, Luiz Thomas de Navarro nos oferece uma belíssima descrição do caminho que percorreu. Sua descrição quer ser geográfica, quer ser clara e objetiva. Um texto onde figuram nomes, datas e

65

Nesses anos em que vivemos é muito comum percebermos o Declínio de tudo que até então era tido como grande. Somos uma geração que viveu e vive os finais. A idéia do declínio nos fascina. Buscamos-lo em outras gerações, encontramos-la nos outros. Sua presença está sempre rondando. Por isso empresto as idéias que nos deram os nomes de livros e filmes, lidos e vistos neste outro fim de século. E os pensamos para este ocaso do mundo natural onde o herói e o homem vão tomar a cena, a paisagem agora é apenas ilustração.

lugares. Um conhecimento do país e dos seus caminhos, que acreditava serem verdadeiros.

Os textos dos viajantes nos mostram o universo de uma relação que conhecemos tão bem - Homem & Natureza. A todos os momentos, nossa sociedade nos ensina como deixar as marcas na natureza, como utilizá-la, como destruí-la. Todos os dias percebemos isto estampado nas ruas do mundo que nos rodeia. O que vemos pouco, são as marcas que a natureza deixa no homem. São estas marcas o nosso objeto. Os homens que caminhavam pelo Brasil conhecendo seus caminhos, apreendendo um mundo diferente, nos convidam a perceber seus sentimentos, a entender suas experiências. Impõe-nos as marcas que a Natureza deixou e, mais que isto, permitem que essas marcas, por alguns momentos, sejam também nossas.

Os viajantes, em toda a sua objetividade, vão construindo a paisagem, colocando-nos seus desejos, criaram o país visualmente. As marcas impostas ao homem vivem nas sombras do seu romantismo, nos interstícios da sua memória.

O viajante ia construindo a paisagem: "Para entrar na villa de Belmonte foi preciso atravessar o Rio Grande, de difficultosa passagem, aonde é necessária uma barca grande, e canôas para o fácil transito..."⁶⁶. Mostrando a necessidade de ocupar o espaço e civilizar o caos, caminhava entre as riquezas - "passei a noite em Belmonte: esta villa é bem situada, e muito fértil em graos e legumes,...é tão fértil o terreno, que basta lançar a semente na terra para, sem trabalho algum, produzir milho em abundância..."⁶⁷ e as dificuldades; as sensações - "o movimento das ondas faz sempre uma viração fresca que abranda os ardores do sol, e a chuva não tem influência neste caminho"⁶⁸.

⁶⁶ NAVARRO, Luis Thomás de. *Itinerário da Viagem que fez por terra da Bahia ao Rio de Janeiro*. 1846. P.440

⁶⁷ *ibid.* p. 444

⁶⁸ *ibid.* p.461

A partir dos perigos enfrentados pelo viajante no decorrer de suas viagens, a paisagem ia sendo, pouco a pouco, definida. Para percebermos esta construção da paisagem, não poderíamos deixar de nos deter no relato de Hermenegildo Antônio Barbosa Almeida que em setembro de 1845 partiu em uma viagem que objetivava instalar uma colônia militar nas "brenhas do Mucury"⁶⁹, e converter os índios que por lá fossem encontrados. Nele podemos observar claramente a construção das vias de comunicação e os caminhos do país. Caminhos que são puro inventário de um mundo cheio de entraves, repleto de sombras que deveriam vir à luz.

É este o lugar onde o mar, entrando pela barra segue ao sul para Viçosa, augmentando as aguas do rio Peruhipe, e ao norte vai encontrar o rio de Caravellas; é portanto mister, tendo descido do largo até aqui com vasante, esperar a preamar para subir a Viçosa.... (ALMEIDA. R. IHGB, 1847:443)

Inventário que trazia a civilização para o interior. Esta forma de organizar o mundo dentro do conhecimento, transformava a natureza em paisagem. Era o espaço geográfico a ser transposto. Quando o homem conhece o caminho pelo qual sua viagem deve seguir, o risco dos perigos iminentes, tão próprios da exploração de um novo território, desaparece. O medo já perde sua força. A natureza e seus meandros são decifrados, esquadrihados, iluminados pela sistematização. Agora este mundo de pensamentos e sonhos se torna o contorno, deixa de existir para dar espaço à paisagem.

O homem reduz o mundo natural a "paisagem" - entornos domesticados, aparados e moldados para se adequarem a algum uso prático ou à estética convencional - ou também, o que é ainda mais assustador, a "espaço" - planícies desertas aplainadas a rolo compressor e sobre as quais o extremo do narcisismo da espécie se consagra em edificações ... O mundo natural, simplificado, em desacordo com os desejos humanos mas em resposta a seus atos, converte-se em um enorme macega cosmopolita de luto. (DEAN, 1996:24)

⁶⁹ ALMEIDA, Hermenegildo Antonio Barbosa. *Viagem às villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, de Mucury, e aos Rios Mucury, e Peruhipe*. in R. IHGB. vol. 08, tomo VIII. 1847. p. 443

Lembrando Walter Benjamin é este o “momento do perigo” que nos faz recuperar nosso passado. Recuperar um mundo que se tornou ou ainda se tornará espaço. Mas mais que isto, recuperar um pensamento que cria paisagem, que inventa os espaços. Por isto os viajantes gritam para serem ouvidos. Em seus apelos são claros seus conflitos. A leitura que fazem de um mundo caótico é a melhor representação do debates de suas idéias. No mesmo *Itinerário de Viagem que fez por Terra, da Bahia ao Rio de Janeiro*, o desembargador Luiz Thomaz de Navarro encontrou o caos e o desespero. Seu destacamento foi atacado por indígenas de “fúria...cada vez mais brava ... e vendo-se perseguidíssimos, sem recurso e sem defesa, lançam-se á nado pela torrente impetuosa”⁷⁰ do Rio Doce. Seu medo e sua fragilidade os levam à fuga.

Edmund Burke, escritor e estadista inglês do século XVIII, em sua *Uma investigação filosófica sobre as nossas idéias do sublime e do belo*, nos ensina que o “medo ou o terror, que é uma percepção de dor ou da morte, manifesta-se exatamente pelos mesmos efeitos, com uma violência proporcional à proximidade da causa e à fragilidade do indivíduo...”. É uma das causas do sublime⁷¹. Outro importante motivo para o sublime é a grandiosidade. Ora, a natureza com que estes viajantes entravam em contato era causa do sublime por muitos dos seus aspectos. Grandiosidade, luz, cor e cheiros. Produzia no homem os mais contraditórios sentimentos, quais fossem medo, solidão, paixões, deleite e tantos quantos apenas a experiência pode proporcionar.

O medo que os nativos provocavam é o mesmo causado pela natureza. Os nativos estavam inseridos neste mundo novo e muitas vezes assustador. Não compunham uma parte deste mundo, eram o próprio mundo. Ao mesmo tempo em que estes cientistas tinham horror à violência (e, como poderiam fazer suas críticas), seu medo era

⁷⁰ NAVARRO. Op. Cit. P.452

⁷¹ Como ensinou E. Burke: “Ao belo corresponde o prazer positivo; ao sublime, a dor negativa.” In: *Uma investigação filosófica sobre as nossas idéias do sublime e do belo*.

também uma constante que justificava as mais desmedidas ações. Sua exatidão era constante, mas também o é suas paixão e medo. Para Francisco de Paula Ribeiro, em seu *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz*, a principal causa do medo era sem dúvida, o nativo, que, para o olhar apreensivo de um capitão encarregado pelo Império de delimitar fronteiras longínquas, era a materialização da barbárie.

Em sua descrição seu sentimento frente aos nativos era dubio; em um momento, temia-os, já que havia alguns índios que o perseguiram no decurso de tal viagem, e também presencia alguns confrontos ocorridos entre tribos; no momento seguinte defende-os e classifica-os como “fieis aliados”⁷², tecendo uma crítica voraz contra o Império e seu pouco caso no aproveitamento dos nativos para a colonização do interior do país. Também mostrava-se contrário a violência exercida contra esses povos. As dificuldades na ocupação do interior, bem como sua premente necessidade foram os limites deste projeto civilizacional que estava implícito nos relatos publicados pelo Instituto. Todos os seus sentimentos eram envolvidos em tal intenção.

Caos e Civilização

A descrição exata, numérica e objetiva convivia lado a lado com a narração. A narrativa seguia um ritmo constante de localizações. Era necessário construir o melhor caminho para os “viajores”⁷³ futuros e esta foi uma preocupação assumida nos relatos. Mas o melhor era também o mais rico em caça, já que se passavam muitos dias nestas viagens. Hermenegildo Antonio Barbosa Almeida mostra-se muito preocupado com isto. Seu objetivo era instalar uma colônia, e ela não poderia ficar isolada, deveria ser

⁷² “estou bem persuadido, pelo que diz respeito a esta gente, que nada haveria mais fácil do que ganhar para o Estado, tão soffrivel numero de vassallos”.p. 05.e “enfim são hospitaleiros, agasalhadores” p. 66 in: RIBEIRO, Francisco de Paula. *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz* in R. IHGB vol. 10, tomo X. 1848.

⁷³ ALMEIDA.. Op. Cit. 1847.

comunicável com outras vilas e cidades maiores, para a própria sobrevivência, e para o sucesso da expansão em direção ao interior.

Percebemos este intuito em vários destes *homens de história*⁷⁴. A necessidade de civilizar e romper com o estado de caos, em que se encontra esta quase nação e que não poderia durar muito tempo. E esta era uma de suas funções, senão a mais preciosa de todas. João Ferreira de Oliveira Bueno em sua *Simple Narração da Viagem que fez ao Rio Paraná*, lembra que tentou mostrar aos nativos como sua existência era triste e como lhes faltava a urbanidade que apenas o Império lhes poderia oferecer⁷⁵. O padrão do homem branco civilizado e urbano era a própria medida da verdade para estes homens. Francisco de Paula Ribeiro, em seu *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz*, constatava que: “não só as primeiras letras e as artes liberaes, mas ainda mesmo as mecanicas, lhes são inteiramente desconhecidas”⁷⁶. Civilizar as gentes e civilizar a natureza, era este o maior desafio.

A necessidade de trazer luzes aos nativos habitantes, e mesmo às cidades já constituídas nasceu no início do século XIX quando a corte portuguesa trouxe a este paraíso tropical uma nova realidade. Transportou seus problemas, seus homens, seus pensamentos, mas também seu ideal civilizatório. O Império vai comungar com o Imperador e toda sua sede de saber. Esta é uma das principais características encontradas no Instituto Histórico e em seus homens. Característica tão própria de toda uma época. O grande desejo era mesmo o de civilizar.

⁷⁴

Aqui passo a utilizar esta idéia já como um conceito. Homens, viajantes, historidores, generalistas, românticos e cientistas.

⁷⁵

BUENO, João Ferreira de Oliveira. *Simple Narração da Viagem que fez ao Rio Paraná*. in R.IHGB vol. 01. tomo: 1839. p. 186

⁷⁶

RIBEIRO. Op. Cit. P. 66

Estas expedições levavam a civilização para os mais fechados espaços das matas e da barbárie deste Império. O intuito civilizador fazia destes homens verdadeiros pregadores. É certo que sua missão era tão penosa quanto a dos missionários que, encarregados de propagar a fé cristã, embrenhavam na mata e se colocavam à frente de índios, nem sempre tão pacíficos⁷⁷. Esses nossos viajantes também penavam neste território do quase conhecido. Mesmo no interior já havia cidades, mas o trabalho para estes homens estava para lá do que podiam enxergar de suas janelas, estava no meio de uma cerração densa, como aquelas que encontravam nos seus caminhos.

Foi esta cerração que Almeida encontrou no dia 09 de Setembro de 1845. Já havia quatro meses em missão, ao amanhecer defrontou-se com um morro que apenas se distinguia dos demais pela característica que lhe dava o nome - *MORRO D'ARARA*.

A visibilidade reduzida era minimizada com conhecimento prévio de outras viagens e relatos que descreviam a mesma região. Alguns rios e algumas características eram difíceis de encontrar, já que a natureza se modifica a todos os minutos. Os ventos, o curso dos rios, a quantidade de águas, as árvores, tudo mudava a cada minuto. Nesta busca pela mesma rota sempre havia novidades, uma anta, ou um rio que não existia ou já secará. Nem as notícias que já se conheciam eram suficientes para tornar os caminhos mais fáceis

A crítica àqueles viajantes anteriores que deixaram de observar um rio, ou um perigo, é realizada de forma rígida e contundente, sempre levando em consideração todos os fatores que poderiam ter ocorrido para que o lapso fosse bem justificado. Sua objetividade não permitia atritos movidos pela pacionalidade do momento. Embora

77

Não é nosso objetivo entrar nos debates referentes à violência ou docilidade dos povos nativos. Queremos pensar as idéias dos viajantes sobre a questão da natureza, por vezes os indígenas significam esta natureza, e assim que pretendemos entendê-los neste estudo.

fique clara sua decepção e discordância. Sua crítica é contundente: entretanto, é também muito comedida.

Em um mundo onde a objetividade era o grande imperativo, foi difícil conviver com a dúvida. Francisco de Oliveira Barbosa em *Notícias da Capitania de São Paulo*, nos mostrava como deveria ser um relato claro e preciso. Localizações e mais localizações. O texto tornava-se mapa. E outros viajantes já podiam se tranquilizar. Buscava as particularidades de cada sítio ou rio por onde passava. Alexandre Rodrigues Ferreira em sua notícia sobre a expedição que realizou na *Gruta do Inferno* traz-nos os ideais de objetividade estampados. Tal gruta “está situada na contraponta do morro que olha para o Norte; e a interposição de uma grande pedra a divide em duas, ambas rectangulares; pôem a primeira, que é inferior, tem 11 palmos de comprimento ao rumo de Nascente, e 8 de largura; e a segunda, que é superior, por onde entrei, tem 10 palmos de comprimento, e 7 de largura.”⁷⁸

O Não Lugar e o Sublime

Em sua *Simple Narração da Viagem que Fez ao rio Paraná*, o tesoureiro-mor da cidade de São Paulo, João Ferreira de Oliveira Bueno mostrava que a objetividade científica devia estar sempre acima dos receios e medos. Ainda que pudessem existir feras bravias, índios ferozes, ainda que não existisse comida, e que todas as dificuldades se fizessem presentes, nada podia abalar a tranquilidade da missão científica. No dia 20 de Setembro de 1810, depois de um longo dia de viagem entre rios e cachoeiras, Barbosa jantou com tranquilidade, “sem desembarcar uma só espingarda”⁷⁹. Por perto uns descobridores de ouro se confrontaram com um grupo de

⁷⁸ FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Gruta do Inferno*. in R. IHGB vol. 04, tomo IV. 1842. p. 365

⁷⁹ BUENO. Op. Cit. p. 183

índios e foram mortos. O perigo rondava; mas estes homens não precisavam se assustar, sua conduta não era o confronto.

Em muitos viajantes porém, o medo era constante, ainda que não fosse obstáculo para o conhecimento. Francisco de Paula Ribeiro em seu *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz*, no ano de 1815, alertava para as muitas nações indígenas, e para uma natureza “confusamente disposta”⁸⁰. A descrição segue uma objetividade invejável, realiza um inventário de todos os acidentes geográficos, pensamos que assim chamados não por acaso. “O paiz mais central da mesma capitania do Maranhão principia a ser montanhoso no districto de Pastos Bons, e se estende acima até perto do rio Macapá. Seus montes, posto que são consideráveis, são comtudo immensos...”⁸¹

O vazio é certamente a mais forte fonte do sublime. O espaço do nada é ao mesmo tempo, local onde se realizam as possibilidades. Nada foi mais verdadeiro que isto para o século XIX. O mundo já não era tão grande como tinha sido nos séculos anteriores, onde a “descoberta” de terras virgens fizera a riqueza e a ruína de muitos aventureiros. Já bastante conhecido, ainda havia no mundo alguns recônditos territórios escondidos, tão novos como a América fora no passado. Eles também fizeram a ruína de muitos e a riqueza de poucos.

O não lugar é, neste sentido, o espaço mais atrativo que o homem pode encontrar. Como campo das possibilidades, inaugura a incerteza, a curiosidade e o medo. É repleto, é o próprio espaço do pensamento. A grandiosidade da natureza, seu silêncio e todos os seus ruídos, é este o espaço do “não lugar”. Roberto Ventura o chamou de

⁸⁰ RIBEIRO. Op. Cit. 17

⁸¹ ibid. p. 16

“espaço de auto-reflexão”, e Robert Lenoble afirmou ser a “projectção” do drama e do desejo humanos.

A natureza, qual seja um mundo de pensamentos, vai possuir os espaços vazios do espírito humano, preenchendo-os de temores e apreensões, de possibilidades inesgotáveis. Tal como a “máquina nas mãos de Deus”⁸², a natureza impõe aos homens um novo domínio e uma nova reflexão sobre seu poder. Frente ao mundo desconhecido, o homem apavorado se encontrava exposto. Aí percebe então a exata medida de sua fragilidade. “Como todas as nossas idéias, a imagem da natureza que prevalece em cada época e em cada meio toma o peso de um teor social”⁸³, que não podemos deixar de perceber também no século passado.

A inventividade era a marca dos *novos tempos*. Novos ares estavam sendo respirados. Ares de um progresso, cujos lucros eram certos, porém muito questionáveis. Novos cheiros pairavam nas cidades. O conhecimento exigia coragem e disposição. O enfrentamento com este novo outro, que nada possuía de novo, aproximava-se na mesma velocidade que avançava a civilização.

Levando ordem a um espaço de caos, o conhecimento ocupava o interior do Brasil. Ou, antes de tudo, inventariava o país. Na natureza tudo era possível. Essa era sua mais forte característica. O pensamento ocidental sempre possuiu seus *territórios do vazio*⁸⁴, espaços onde a imaginação e os sentimentos foram mais fortes que a racionalidade. Lugares reais que mais povoavam a mente humana que o território, lugares em que

⁸² LENOBLE. Op. Cit.

⁸³ *ibid.* p. 37

⁸⁴ Referencio a obra de Alain Corbin - “O Território do Vazio”, onde em um belíssimo estudo apresenta-nos a praia e as diferentes experiências que o homem ocidental enfrentou, bem como reconstitui o imaginário ocidental a respeito deste espaço.

habitavam monstros e demônios, feras e selvagens. A natureza era este não lugar; ou, este verdadeiro espaço do sublime.

A experiência com o maravilhoso, grandioso e desconhecido dá ao homem sentimentos quase sempre confusos, onde admiração, êxtase e terror se confundem. É a força desta confusão que chamamos de experiência com o sublime. Edmund Burke nos ensina que as idéias de dor são fonte poderosa na produção das emoções mais fortes que o espírito pode ter. São estas emoções quase devastadoras que o vazio do não lugar produzem no homem. A natureza é então uma fonte inesgotável do sublime. Tudo nela é grande, forte, belo, e aterrorizante. Francisco de Paula Ribeiro viveu esta contradição - "São turvas e lodosas as suas águas, tão quentes no verão durante a noite que amanhecem fumegando: utilizam então muitos os seus banhos, porque são medicinaes; porém logo que lhe sucedem as chuvas, ou que no fim d'estas principiam suas barreiras e descobrir-se, tornam-se ellas perniciosas, e até perigosos os seus ares para respirar"⁸⁵.

Ainda em sua viagem ao Maranhão e Goiás se deparou com muitos "animaes nocivos", os quais são onças e tigres, "immensos morcegos", serpentes venenosas. Perigos que fragilizavam a vida do viajante, deixavam-no exposto à própria sorte. Sem esquecer como a impraticabilidade do terreno e as chuvas dificultavam e, nas palavras do próprio viajante, "mortificavam" a vontade e o espírito. Depois de muitas expedições por vários campos e matos e, devido à debilidade de muitos homens, era necessário encontrar mais "camaradas" para novas explorações. Com "muita dificuldade", dois homens foram encontrados e em quatro pessoas seguiram viagem em busca deste território que sempre atraiu os homens - o vazio - o não lugar.

A ânsia da modernidade bem como sua reação⁸⁶ estavam presentes o tempo todo nestes homens de história. Franklin Baumer nos mostra a distância entre mundos: que no caso do Brasil só têm proximidades. Não que o debate e o contraditório não existissem. Mas aqui eles assumiram nova conformação, um novo rosto. Estes homens foram sua maior realização. Cientificismo e Romantismo se misturavam, derreteram-se. Mantiveram algumas características próprias, mas nesta cacofonia geral de idéias⁸⁷ formaram um mundo muito próprio de pensamentos. Os debates entre estes mundos oscilavam entre definições que não faziam sentido neste “não lugar”, que faziam eco, mas tinham suas fronteiras permeadas, tomadas por um pensamento nacional que não se enquadrava nos padrões europeus.

Mesmo organizando a natureza no conhecimento, o viajante não podia escapar da grandiosidade dos seus perigos. A aproximação da morte, que por vezes, a Natureza trazia consigo, era fonte de espanto e admiração para o homem, que, paralisado pelo medo vive cada vez mais a necessidade de penetração. A floresta atraía e paralisava. Daí Desejos e Melancolias não serem entendidos aqui como conceitos estanques, isolados ou, contraditórios. Como os mundos de pensamento, com os quais comungaram os homens do Instituto Histórico, aqui Romantismo e Cientificismo, os desejos e as melancolias se misturaram e criaram um novos pensamentos, uma nova experiência.

Tivemos esta noite, a bordo de uma de nossas canoas, uma visita, que esteve longe de nos agradar: foi de uma sucury, que como se sabe, é o maior dos ophidianos. ... Além do Sucury, outras cobras ha venenosas, que frequentam lugares humidos. Os rios e lagos tambem alimentam diversas especies de jacarés, que apezar de sua timidez apparente, são de reconhecida voracidade. Outro habitante não menos temivel das aguas é a piranha, o mais

⁸⁶

Aqui entendemos como ânsia da modernidade os ideais de cientificidade, e como sua reação o romantismo. Lembremos que tomamos estes conceitos como mundos de pensamentos

⁸⁷

Conceito utilizado por BAUMER. Op. Cit. vol. I .p. 19

carnivoro dos peixes.... As floresta servem de abrigo a feras de outra ordem. Não poucas vezes se ouve o urro nocturno da onça, em procura da companheira, ou desesperada pela fome que a persegue. (ELLIOT, R. IHGB.1848:38)

2.1. PAISAGENS E DESEJOS: A CONSTRUÇÃO E A DESTRUIÇÃO DA NATUREZA

Marcas do Homem

O dia estava bello, a atmosphaera limpa, e fomos amplamente compensados de todas as nossas fadigas no instante em que chegámos ao cume. Que lindo e magestoso quadro! O mais bello céu do universo brilhava sobre nossas cabeças, e estendidos como um mappa a nossos pés viamos rolar caudalosos rios, atravessando as mais pittorescas e magnificas florestas do Brasil. ... Perto de nós, concavidades saturnaes e montanhas atiradas sobre montanhas mostravam que alguma erupção volcanica tivéra lugar alli, e no meio de todo este chãos a Apucarana levantava sua alta e descalvada cabeça, olhando com tranquillidade as fórmãs fantásticas que as convulsões da natureza tinham accumulado em redor de si. (ELLIOT, R. IHGB. 1848:156)

A natureza se transformava em paisagem através do forte desejo dos homens daqueles tempos em busca de conhecimento. *Des-cobrindo*⁸⁸ as convulsões da natureza os viajantes estavam retirando uma espessa névoa de seu objeto, saciando o grande ímpeto oitocentista - a *Ciência*. O século XIX foi banhado pelo mundo científico. Conhecer o mundo e estender as fronteiras do conhecimento e da civilização, através da ciência era a grande realização desse período, seu maior objetivo.

Ricardo Gomes Jardim em sua *Descrição da Costa de Pernambuco até os Baixios de São Roque*, publicado em 1848 pelo IHGB, fez da sua descrição um verdadeiro mapa. “Quem vai de Portugal para a Parayba faz a mesma derrota que se faz para Pernambuco até passar a linha; e d’ahi vai avistar terra de cabo Branco, que esta a altura de 6° e 56°; e

88

Podemos pensar na idéia do des-cobrimento, do retirar a cobertura que turva a visão. Neste sentido esta é a melhor imagem que se pode dar ao descobrir. Não é apenas a novidade, mas o espanto frente ao sublime, dado pela grandiosidade e pela beleza.

tanto que se avista, que se vem correndo para o norte ao longo dos recifes, que se estende até a Parahyba...”⁸⁹

Neste relato, a cientificidade se mostra nas localizações tão bem detalhadas, com todas as medições geográficas de que os homens pudessem lançar mão. Era o inventariar⁹⁰ do mundo: classificando, nomeando, entendendo, e conhecendo, o homem passava a dominar o meio. Então o processo do conhecimento, no século XIX, passava necessariamente pela América. Não apenas nas coletas de materiais para a realização de estudos na distante Europa, atividade tão importante para o desenvolvimento científico daquele período. Tal processo passava, principalmente, pelas cabeças que estavam pensando na América. No Brasil, esse processo encontrava no Instituto sua maior forma de realização. Estabelecendo as medidas da “verdadeira ciência”, formava olhares, e para além deles, racionalizava desejos. Esta “educação dos sentidos” era o exemplo de uma das procuras mais comuns para os homens de ciência desse período - a objetividade. O olhar era adestrado nessa objetividade.

A ciência construiu a natureza americana. Conforme seus olhares foi que o mundo natural passou a existir. Esses homens que viam e contavam, descreveram e construíram esse mundo de idéias. Seus desejos estavam cegos de ciência. Francisco de Paula Ribeiro, em seu relato intitulado de *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz*, escrito em 1815 e publicado pelo Instituto em 1848, trazia a tona seus sentimentos “suas aguas são finissimas e puras, tanto que no seu maior fundo se lhe divisam os peixes. Correm ellas sempre por largos campos, sobre áreas

⁸⁹

JARDIM, Ricardo Gomes. *Descrição da Costa de Pernambuco até os Baixios de São Roque*. R. IHGB. vol. 06, tomo VI. 1845. p. 344

⁹⁰

Utilizo esta palavra como a expressão de uma época. Warren Dean em sua obra *A Ferro e Fogo: A história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira* (1996: 168) coloca que o governo Imperial não realizou um inventário das terras públicas. É, talvez não das terras, mas da natureza sim, ele realizou. Os relatos escritos no IHGB são, incontestavelmente, marcas desse inventário.

até que, sem passar por algum povoado, recebem parte do (rio) Itapucurú, que ainda que turvas e menos poderosas, lhes roubam também com o nome suas belezas...”⁹¹

A beleza será um elemento construtor da paisagem, mas é importante notar que o belo estava, neste momento, diretamente vinculado à transparência. A paisagem era agradável de ser contemplada quando limpa, clara, livre de tudo o que pudesse causar repugnância. A aparente transparência dos relatos deveria ter a mesma transparência do que estava sendo descrito. O meio natural deveria ser *são*, isto é, ter afastadas as doenças e enfermidades. Dizimadas as pestilências do corpo, também deveriam ser extirpadas as do caráter, da moral. Os nativos deveriam ser convertidos, ou pacificados. Para muitos povos esta pacificação significou a morte. Mas era que necessário a nova sociedade fosse higienizada⁹².

Esta “higienização moral”⁹³ que, durante o Império, reinava soberana nos ares do Instituto Histórico, era parte essencial de uma sociedade complexa e civilizada, ou que a isto almejava. Neste afã em favor da evolução, a vítima não era apenas o homem, não eram apenas os povos nativos exterminados em favor de uma cor branca para os homens⁹⁴, também a natureza o era em favor deste mesmo homem que, muito além da ciência, servia a uma ordem de dominação maior - a civilização. Civilizar significava, para estes homens, um grande desafio. Não podemos esquecer o horror que eles tinham do caos que, por vezes, a natureza institui: as chuvas, os animais peçonhentos, as

⁹¹ RIBEIRO. Op. Cit. p. 23

⁹² Bem ao gosto do século XIX, que levou a sério a higienização moral e física da sociedade brasileira

⁹³ “Suas águas são finíssimas e puras, tanto que no seu maior fundo se lhe divisam os peixes.” (ELLIOT, R. IHGB: 1848, p. 23) Entendendo como “higienização moral” a busca pela modernidade, pela neutralidade e principalmente pela tão falada objetividade.

⁹⁴ É certo que os povos indígenas foram os grandes prejudicados devido às políticas de colonização e às teorias do darwinismo-social, mas está não é a discussão central no presente trabalho. Por este motivo aparece somente como ponto de comparação. Também não podemos querer falar da natureza sem levar em conta o homem, já que sua importância vai muito além do relato histórico, assim como a discussão sobre natureza.

doenças, os nativos. Tinham como principal função a ocupação do espaço e o conhecimento de todos os benefícios que tal ação conferia. Queriam todos os lucros em que homem e meio natural pudessem se converter.

As espécies vegetais responderiam não só a uma nascente indústria farmacêutica, mas também aos gostos refinados de uma classe culta que pagaria para possuir em casa ou em seus jardins, uma única orquídea⁹⁵. Nada melhor que, em um momento em que a arte de colecionar fazia adeptos em todo o mundo, poder possuir espécies raras de uma floresta tropical. O exotismo e a curiosidade buscavam isso o tempo todo. Aves belíssimas, de canto raro, flores de perfume selvagem, de cores variadas, animais brutos que poderiam ser dominados pela força humana, bichos-preguiça, araras, tigres, tamanduás, tucanos, antas, beija-flores, veados, frutas silvestres e tantos outros mimos que faziam brilhar mais forte o desejo de posse nos homens que se colocavam em contato com esta natureza muito rica e proveitosa.

A dominação sobre o meio que os homens realizavam, prova incontestemente da superioridade humana e ocidental⁹⁶, ocorreu em duplo sentido: no *físico*, em que as marcas deixadas foram absolutamente profundas, exageradamente negativas e de difícil restauração; e no *intelectual*, em que tais marcas talvez foram muito mais profundas, não de uma forma negativa, mas com certeza, inesquecíveis. Neste há impossibilidade de restauração, já que qualquer tentativa nesse sentido, seria em vão. Não podemos restaurar experiências distantes de nós, “mundos de pensamentos”. Podemos reconstituir seus pensamentos e, para além deles, seus desejos.

⁹⁵ Warren DEAN op. Cit. 179, nos mostra como a raridade e o exotismo eram valiosos para os colecionadores do século XIX.

⁹⁶ A dominação da natureza, enquanto espaço físico de maneira desordenada, extrativista e destrutiva, é também prova incontestemente da ingenuidade e burrice de um homem voltado a seus interesses de satisfação imediata.

Cada época vive seus próprios limites. Os nossos nos lançam aos limites de outra. O único meio de recuperação, e não restauração destas marcas, é nos lançarmos sobre os outros. Tentar perceber seu mundo e não viver nele. Porém, mais importante, é lermos aqueles tempos à luz do nosso. A dominação através do conhecimento foi elemento fundamental na construção das fronteiras daquele mundo tão distante - o século XIX, que a velocidade, tão própria do mundo em que vivemos, torna tão próximo como nos ensinou Franklin Baumer.

As marcas deixadas pelo homem na natureza, entendida como um mundo de pensamento, são as próprias delimitações do conhecimento humano. A natureza atormenta o homem, ele a destrói e ao mesmo tempo a consolida para o pensamento e para história. É preciso estar neste ritmo ambíguo de destruição e construção constantemente. Aqueles homens viveram a intensidade deste ritmo. É isto que permite a vivacidade de suas idéias⁹⁷.

O processo de dominação era composto de rituais simbólicos. A origem, a nomeação, e por fim, a instalação do homem, seguiam um cerimonial próprio. Travar contato com o novo exigia passos e regras, estabelecidas pelo substrato cultural de toda uma civilização. Olhar ao longe, aproximar-se com cuidado, sentir a presença do mínimo perigo, ver de perto, tocar, dar nome, observar, desenhar, descrever etc. eram caminhos para a familiarização do mundo. Apenas aproximando o estranho, os homens poderiam verdadeiramente dominar a natureza e ocupar o território.

João Henrique Elliott em seu *Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo paraguay, na província do Mato Grosso: feitas nos anos de*

97

Não buscamos aqui comungar da idéia de evolução para o progresso. Neste binômio, construção/destruição, seria muito simplista pensar que sempre uma nova construção aumenta a qualidade do objeto que passa por este processo.

1844 a 1847, nos apresenta as marcas do homem. A partir desta necessidade de dominar o meio geográfico, inscreve em uma pedra as iniciais de seu nome:

J.F.L
J.H.E
1846.

Suas marcas não se resumiam a anotar iniciais em uma pedra. A natureza maravilhosa era motivo de orgulho para uma nação que estava alargando suas fronteiras. Era sua maior preciosidade. “A rocha, que de longe apresentava uma cor cinzenta e uniforme, chegando perto viu-se que em parte era coberta com musgo tão macio como veludo, e matizado de mil cores brilhantes...”⁹⁸. O mundo da natureza é construído pelos olhares. Mas o conhecimento humano é fruto destes mesmo olhares sobre os mais variados mundos de pensamento, inclusive o da natureza. São estas as mais poderosas marcas do homem. Não na natureza enquanto um meio físico, mas no conhecimento e seus olhares, em um mundo de idéias.

Homens de História e a Engenharia da Ocupação

A descrição, que os antigos deixarão desses logares, coincide em tudo e por tudo com as dos viajantes e hydrographos modernos. (BARBOSA. R. IHGB, 1839: 229)

Quando realizavam suas coleções, seus jardins e praças, os homens do século passado realizavam uma tarefa muito interessante. Retiravam os fragmentos do seu contexto original e os re-arranjavam conforme seus critérios. Os estudos das espécies só poderia ter sido realizado desta maneira. Tanto animais como vegetais, ou mesmo homens, eram objeto das ciências, os quais viviam intensamente sua especialização. As espécies deveriam ter a atenção do cientista na mesma medida da sua importância. Para a alimentação e para o conhecimento, o mundo natural foi sendo moldado *à moda* das

cabeças humanas. Sua importância, a necessidade de sua existência ou não, seu aproveitamento. Esta era a mais nova criação do homem no século XIX - a natureza, criada a partir de seus olhares e vontades, feita à imagem dos desejos humanos.

O conhecimento foi a arma da dominação destes homens, ou antes, sua grande força criativa. Mas, em verdade, a criação desta natureza e sua dominação não são elementos que possam ser entendidos separadamente. São coisas tão próximas que se chocam o tempo inteiro. Conhecer e dominar são ensinamentos muito bem apreendidos pela humanidade. E foram colocados a seu serviço durante o processo de sua “civilização”. Os homens do Instituto Histórico não eram pessoas macabras, dominando à força, ou por pura maldade, nem mesmo eram espiões postos a serviço do Império para controlar a ocupação da nação. Não podemos cair no maniqueísmo destas visões. Eram homens que, em busca de conhecimento, viveram sua época e todos os seus interstícios. Criaram seu mundo e seu tempo, e dele foram fruto.

Seus desejos não foram apenas o reflexo de uma política esquadrinhadora levada à cabo pelo século XIX. “Não desejamos nem fazemos coisas porque as julgamos boas, belas, justas ou verdadeiras, mas porque as desejamos e as fazemos, assim as julgamos. O juízo não determina o desejo, é determinado por ele”⁹⁹. Assim sendo os homens viajantes desejavam a natureza e, então, criavam sua importância, e a necessidade de sua utilização. De uma forma mais contundente, desejaram e transformaram a natureza em meio natural, em paisagem e seguindo o raciocínio de Warren Dean, em espaço.

João Ferreira de Oliveira Bueno em sua *Simple Narração da Viagem que fez ao Rio Paraná*, descreveu uma série de animais que poderiam vir a ser úteis para a existência do homem naquelas paragens. Uma anta, uma jacutinga, um veado, muitos patos,

99

CHAUÍ, Marilena. *Laços do Desejo*. in NOVAES, Adauto (org.). *O DESEJO*. São Paulo. Cia das Letras: 1990. p. 61

abelhas e muito “boa pescaria”¹⁰⁰. A natureza era rica e pródiga com o homem. Este aproveitamento também contribuiu para os sentimentos do viajante. Quanto mais rica, mais bela era a paisagem. Mais uma vez a natureza provia o homem, que muito bem se utilizou dos seus recursos.

Também em *Informação sobre a Navegação Importantíssima do Rio Doce* de Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, publicado na Revista do IHGB no ano de 1839, denota que o aproveitamento e domínio da natureza surgiam do interior da busca pela beleza. Se permitia ser comandado pelas forças das águas e alterava seus cursos ao desviar dos *obstáculos* que enchiam os olhos. Esses obstáculos - as cachoeiras - não deveriam ser destruídos, por que além de ser um processo que em muito oneraria o Império, pelas muitas dificuldades que seriam encontradas, mostrava alguma beleza. Já outras menores, que tivesse sua destruição mais barateada, e sequer fossem bonitas, estas sim poderiam ser destruídas sem muitas dúvidas. A “civilização” tudo justificava. A beleza andava junto com a utilidade.

A distância do interior e a clara visão da necessidade de modernizar o Brasil, ocupando seus territórios e levando “civilidade à barbárie”, seriam o trampolim para o enlouquecido conhecimento e devastação da natureza. As cidades deveriam pulular em meio às matas, ao cerrado, ao longo dos rios. Nesta verdadeira “engenharia da ocupação”, só vantagens eram apresentadas. A ciência e a sociedade ansiavam por mais, e mais para o interior os viajantes se lançavam. Desafiavam todos os perigos, e em muito eram privilegiados com a proximidade de tanta beleza e riqueza.

Varnhagem, em 1840, teve sua *Notícia sobre o Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*, publicada pelo Instituto e, nela nos mostrou a imensa gama de utilizações de venenos retirados das plantas. Muito utilizados pelos nativos, apreendia seus mistérios

100

BUENO. Op. Cit. P.182

e suas funções, tanto benéficas como prejudiciais. O conhecimento científico era para ele a prova da verdade, e ainda que o estatuto de verdade fosse atribuído às coisas mais estranhas, como a forma com que os nativos se utilizavam das plantas e a proximidade da morte em determinados rituais, se a prova científica fosse realizada pelo viajante, então já poderia ser considerada verdade.

...tocando uma flecha, ou qualquer outra arma, ainda que seja só a ponta de um alfinete, ou qualquer espinho hervado com o veneno, em qualquer vivente, quer sêja fera, quer sêja homem, de sorte que lhe chegue ao sangue, o mata em meio de quarto de hora...(VARNHAGEN, R. IHGB. 1840: 449)

Tal veneno era preparado pela índias mais velhas que no decorrer do preparo morriam. O ponto do veneno era testado quando, ao realizar-se uma pequena incisão na pele da pessoa, no momento em que o sangue entrasse em contato com o veneno corria para dentro do corpo. Tal veneno era feito a partir de raízes e “coalhava” todo o sangue. Um médico jesuíta fez um experimento e provou por meio de um exame anatômico que todo o sangue da vítima ficava coalhado no coração¹⁰¹. A utilização de tais venenos mortíferos é uma constante no relato deste viajante, que percebia nos mortos o uso de tais *pestilências*¹⁰².

Na *Informação sobre as matas da capitania da Parahyba*, um documento oficial, publicado pelo IHGB no ano de 1844, um viajante anônimo estava interessado em catalogar as mais variadas espécies de madeira que por aquele sítio pudesse encontrar. De cada novo tipo, que, é claro, teria uma utilização proveitosa, ele fazia uma amostra e remetia para o governador da capitania. O estudo sobre o corte da madeira: a

101

“Acabada a função, e cosinhada a fabrica, dá a velha (*índia*) aviso, ao qual acodem logo os Índios a fazer experimento.... Pica-se algum Índio com algum espinho... de modo que saia algum sangue, e logo põe defronte delle algum pauzinho com a ponta molhada e hervada no veneno... o sangue a sua vista foge para dentro e se recolhe” in: VARNHAGEN, F. A. *NOTÍCIA SOBRE o Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*. in R. IHGB, vol. 02, tomo II. 1840. O viajante nos apresenta este acontecimento como verdade. É ele que relata com muita “imparcialidade” a preparação do veneno e a pesquisa realizada pelo médico.

102

. Ibid. p 448

qualidade da madeira, a época certa de corte, a finalidade e uso, o transporte, enfim tudo era pensado pelo viajante, que sempre possuía um destino e uma função dentro da viagem. Na maioria das vezes, a principal tarefa destes homens de história era de coletar todas as minúcias que encontrassem no meio natural.

Para homens do século XIX deveria ser esta sua maior realização. Poder viver o espírito de seu tempo é coisa rara, mas aqueles homens o conseguiram com grande destreza. Eram homens de seu próprio tempo e o experimentaram de uma maneira muito intensa. A viagem é a mais perfeita realização do espírito dos anos daquele século; tempo de coleção, eles colecionaram; tempo do exótico, eles o conheceram; tempo da ciência da história, eles a construíram; tempo de desejos românticos, eles sentiram; tempo da modernidade, eles a viveram em todos os momentos.

O desejo desses homens de história, que nos permitem através de seus relatos penetrar em seu mundo, pensar o que pensaram, fez do mundo da natureza um contorno esquadrinhado e conhecido, fez paisagem. Construindo, eles *des-construíram*, num processo de sempre *re-fazer*, e criaram este mundo de idéias. “Fruto da imaginação, o desejo não pode ser vencido pela razão”¹⁰³. A racionalidade não poderia nunca frear o desejo. Ainda mais este, que era tão forte e presente - o desejo moderno de colecionar¹⁰⁴, conhecer, e mais singular - de racionalizar.

A domesticação da natureza chega até nós por muitos viajantes que estavam escrevendo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no século passado. A publicação destas idéias, ou seja, sua divulgação nos meios intelectuais do Império é uma idéia muito

¹⁰³ CHAUF. Op. cit. p. 43

¹⁰⁴ CORBIN, Alain. *Os Bastidores*. in: Ariés, Philippe & Duby, Georges. *HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA - Da Revolução à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 469

cara para nós. São estes pensamentos que, alvo da história das idéias, compõem um *caleidoscópio* de sentidos.

O texto destes homens traz a paisagem para a imaginação. Não fantasiando, incitam ao maravilhoso.

Á dois de janeiro se matou um tamanduá, o bicho mais raro que encontrei desde que ando pela América. O tamanho era de um porco grande, ao qual se parece nas sedas, ainda que muito mais crescidas, e com suas malhas. O rabo é do feitio de uma pluma, tão comprido e largo que se cobre com todo elle; o focinho comprido e agudo, a lingua em extremo delgada, e de comprimento de um côvado¹⁰⁵ ou mais. O seu sustento são formigas, que apanha mettendo a lingua pelo ôco dos páos em que ella estão; em sentindo bastante pegadas n'ella, a recolhem... (ROLIM. R. IHGB, 1846. p. 475)

A descrição, uma das maiores características dos relatos; era deliberadamente minuciosa e cuidadosa nos detalhes. Era o fragmento que atormentava os desejos e fazia da descrição a melhor forma de apropriação deste mundo externo mas, tão próximo ao homem, que é a natureza.

As imagens destes desejos são as imagens de suas descrições. Nesse sentido, as descrições são o elo que temos com os desejos dos homens de outrora. Como eles dividiram e categorizaram seu objeto - a natureza, nós também categorizamos o nosso - eles. Compartimentalizamos seus sentimentos que, ao mesmo tempo, são vários e são um. Em suas “rebeliões contra o destino”¹⁰⁶ - os desejos criaram um mundo de idéias, mas também por este mundo foram alimentados. A especulação, a coleção, o particular não podem ser separados deste sentimento

A descrição era para o *homem de história*, sua forma de colecionar. Fragmentando elementos de sua aventura, este homem estabeleceu, através dos relatos, sua pequena

¹⁰⁵

Medida correspondente a 66 centímetros

¹⁰⁶

CHAUÍ. op. cit. p. 36 – “O desejo é a rebelião contra o destino e contra a natureza”

coleção de memórias. Organizada segundo os critérios do próprio viajante, estas memórias são hoje um arquivo inesgotável de preciosidades. Nelas podemos ver como a natureza foi desejada pelo conhecimento. Sua transformação em paisagem nas descrições dos relatos é a forma de apropriação do diferente que ela representava.

A Narrativa dos Desejos

Walter Benjamin no texto *O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai LesKov*¹⁰⁷ ensina que a “verdadeira narrativa” ... “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida ... o narrador é um homem que sabe dar conselhos.” E se hoje, dar conselhos saiu de moda, tentamos preencher esta lacuna dando ouvidos aos sussurros destes que eram perfeitos narradores - os viajantes.

Ensinar e prevenir; dar vazão à curiosidade distante, seja das cidades em sua explosão urbana, seja do mundo exterior - a Europa. Os relatos são narrativas, porque aqueles homens buscavam a verossimilhança e ensinavam aos outros aquilo que era fonte de uma preocupação fustigante: o mundo; como cientistas, buscavam mostrar a sua própria verificação. A verdadeira experiência é alvo da narrativa. Mas esta não pode se desvencilhar da necessidade científicista dos homens.

Nem sempre o relato de viagem é uma narrativa. Suas particularidades não nos permite generalizar e realizar uma afirmação deste tipo. Como nem todos os homens viajam, nem todos os viajantes narram. A necessidade de compartilhar as experiências, fazendo-as próximas, ainda que tenham ocorrido distante, é uma das preocupações

¹⁰⁷

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: *Obras Escolhidas*. 1993 op. cit. 200

destes viajantes do XIX, que são alvo de nossos olhares. A distância aguça a imaginação do leitor, ou dos ouvintes.

Era muito comum no IHGB a realização de sessões de leituras, em que os relatos eram lidos em publico e as viagens eram também vividas dentro daquele espaço limitado por paredes. Realmente, *viajar não é dado à todos*. A leitura pública desses relatos é o retrato perfeito de uma sociedade que vive sua modernidade. Rio de Janeiro - século XIX. Dentro das salas do Instituto tinha espaço a construção e desconstrução do mundo natural. Os debates, as publicações, as leituras - estas novas viagens ao desconhecido.

A natureza, enquanto mundo desordenado e caótico, torna-se paisagem nos relatos do viajantes. Torna-se palco complexo, mas conhecido, por onde o homem pode caminhar, com cuidado, seguro. A descrição com o detalhamento, tão própria do cientista, retirou todos os elementos que pudessem lembrar ao homem sua fragilidade. O conhecimento dominou a natureza e a transformou em meio geográfico. Destruiu o que fora tão caro à experiência humana - o suspense, o sublime. A desconstrução da natureza e a construção do espaço viriam a destruir o inusitado, empobrecendo a experiência humana.

A narrativa tem grande responsabilidade nesta transformação. Dando a possibilidade imaginativa ao homem, resgata a natureza em detrimento da paisagem; também traz uma forma racionalizadora, permitindo à paisagem sua existência. Não podemos separar os mundos de pensamento que, aqui, como já afirmei, confundem-se. A narração não pode ser pura e alva, está repleta de memória, está repleta de experiências.

Os relatos de viagem cumpriram um papel pedagógico, mas, muito além disso, trariam a natureza quando só a paisagem tinham espaço. Fariam viver intensamente um mundo

de pensamentos que poderia ter sido atropelado pela civilização. Mas isso não ocorreu, pelo menos não naquele momento. A racionalidade respondeu aos apelos da história, a surpresa aos apelos da narrativa. Aqui história e narrativa se fundem e confundem suas memórias. Maravilhoso e real são parte da mesma viagem, são experiências dos mesmos homens.

Tal qual a narrativa, o desejo constrói e destrói a natureza, em uma velocidade alucinante. Ela - narrativa - quer imortalizar as sensações das viagens. Ele - desejo - quer viver a sensação em seus limites. O relato assim faz, imortaliza as sensações em seus limites.

A transparência era, neste aspecto, a principal característica da narrativa. Pretendia ser guiada pela verdade. Como os monstros de outrora, era ela que deveria ocupar as fronteiras ainda não definidas; fronteiras físicas, mas principalmente aquelas do pensamento, e do espírito.

2.2. MELANCOLIAS E SOMBRAS: O ROMANTISMO E SUAS MEMÓRIAS

Aventuras e Desventuras de uma Viagem

...mas a pouca distância fôrão surpreendidos por um grande nevoeiro e vento do norte, a tal ponto que passados alguns dias de navegação, perdêrão o rumo, e ignoravão a altura em que se achavão. Esvanecendo-se porém o nevoeiro, avistârão um paiz todo coberto de matos, sem montanhas, mas cortado por alguns pequenos morros. Como seu aspecto em nada correspondesse á descripção que lhes tinham feito da Groenlândia, deixarão-no á direita, e continuaram ainda a navegar por dous dias. (RANF, R. IHGB:1839.212)

Em *Memória sobre o descobrimento da América no Século Décimo*, Carlos Chistiano Ranf, desejoso de indagar sobre a veracidade de algumas histórias e lembranças contadas desde o século X sobre a chegada na América dos escandinavos, presenteia-nos com este verdadeiro texto histórico e, ao mesmo tempo literário. Nele faz-nos viajar com estes desbravadores antigos, e primeiros europeus a tocarem os solos americanos e a tentarem aí fixação.

Como membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no século XIX, resgatava uma parte da história há muito ocorrida. É um texto que recupera as navegações e viagens do século X e a ocupação de alguns territórios por povos antigos. Inaugurava um debate sobre as origens deste continente, queria fundar uma civilização e, nada mais legítimo para ser recuperado, quando se quer consolidar um império, que seus marcos fundadores. Apropriou-se, então, de relatos antigos para dar ao este presente, do século XIX um passado digno de nota. Questionando a veracidade desses relatos a partir das modernas ciências da época, como a geografia, a sociologia e a biologia; através de uma *verificação*¹⁰⁸ do passado, ele o criou. Dando ciência ao mito.

¹⁰⁸

Era este o intuito dos viajantes e de maneira geral do historiadores que buscavam um passado real que fosse provado por técnicas das quais a "Ciência da História" se utilizava.

Teceu uma trama muito saborosa ao leitor, buscando provar que os escandinavos foram os primeiros descobridores, antes de Colombo. Assim, o viajante objetivava seu mundo em torno da suposição do real, seu texto busca ser o real, pois o estatuto científico que lhe conferia era muito forte para estes homens. Buscava a prova real da veracidade do documento que utilizava, através da comparação com os relatos de seu tempo. Isto nos mostra uma dupla relação: a história se confirmando e conferindo verdade aos relatos atuais e estes conferindo ciência aos antigos, buscando apoiar-se na sua imparcialidade. Queria provar que os relatos, tanto do século XIX, de geógrafos e naturalistas, quanto dos escandinavos do século X, constituíram o real. Buscava, na superposição dos textos, contar as experiências dos antigos a partir das idéias de seu tempo.

O descobrimento da América no século décimo pode ser considerado como um dos sucessos mais notáveis da História do mundo, e a posteridade jamais poderá negar aos escandinavos a honra, que lhes cabe, por tão grande descoberta. Temos convicção de demonstrar de uma maneira indubitável os factos sobre que fundamos nossa asserção. (RANF, R. IHGB: 1840, 2140)

O debate científico era esquecido por alguns momentos, face as aventuras e desventuras dos personagens - escandinavos. Eles não eram simplesmente pessoas notáveis de uma trama imaginada, eram homens reais¹⁰⁹ que carregavam o peso de sua história. Foram associados devido ao seu grau de parentesco, surgiam e desapareciam devido ao ritmo e desenvolvimento da narração e levavam consigo os valores morais do século XIX. Sua exemplaridade serviu à narrativa. Ora eram mulheres, ora filhos ou enteados, pessoas comuns, que viviam experiências ímpares, tal qual os viajantes. Vivem sempre isolados em suas atitudes heróicas, relacionavam-se devido a sua exemplaridade, ou seja, não travavam contato na paisagem, não se relacionavam com

109

Sua importância para este trabalho não se dá devido à sua existência real, se dá por serem representantes de certos valores e povoarem o universo das idéias deste século. Sua existência é retomada devido à importância que isto tem para o escritor do texto, preocupado com a verdade. Nós, com as idéias.

os demais. As formas de envolvimento do homem com o homem ocorriam dentro da diferença, no contato com nativos, ou dentro das relações de parentesco (*pertencimento*), já o envolvimento do homem com a natureza, realiza-se no campo do sublime, no contato com o exótico e com a surpresa diante do maravilhoso ou do assustador.

O ritmo que apresenta esta história demonstra que podemos entender o relato de viagem como uma narrativa histórica. A constância e a circularidade no encadeamento do texto nos permitem caminhar nesta tênue fronteira entre o relato histórico e o discurso literário - que é narrativa. Ela nos permite circular dentro destas porosidades do conhecimento. O viajante deste século XIX romântico e, ao mesmo tempo científico, retomava outras viagens a partir das indagações do seu universo de idéias. Partiu em direção ao século X, remontando suas paisagens antigas, construídas a partir da destruição da natureza, retomamos os relatos antigos, um mundo que não vivemos, mas percebemos apoiados em nossas próprias sensações. Os viajantes realizaram uma nova paisagem para o leitor, narrando.

Entretanto, as aventuras e desventuras de uma viagem não podem ser entendidas nos limites de uma única viagem. É antes a experiência de muitas viagens. Ainda que o Instituto Histórico e Geográfico fosse uma organização voltada para a ciência, os homens desta instituição viviam em muitos “mundos”, e a narrativa que tanto aproximou o relato do romance, foi a grande realização dos seus sentidos, das suas melancolias e desejos¹¹⁰.

Francisco de Paula Ribeiro em seu *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz*, que realizou por ordem de “el-rei nosso senhor”, em 1813,

110

O homem quer ser cientista, mas suas porosidades e seu romantismo rompem a razão e explodem de uma maneira sutil nos relatos.

destrói a natureza construindo a paisagem não apenas por seus desejos, mas também a partir da memória e suas sombras. Presenteia-no com uma narrativa. Com seus limites entre a razão, território dos desejos; e a paixão, território das melancolias, caminhou por eles. Descreveu suas dificuldades – “andei seis léguas no rumo oeste por dilatados campos despidos de árvores sombrias, serão de fastidiosas jornadas até as margens d’aquela rio (Tocantins), exposto sem abrigo aos intensos ardores do sol, atravessando repetidos bancos de areia solta, que atola a meia perna das cavalgadas, e as vezes com poucas aguas para saciar ao menos as sêdes que provem em semelhantes jornadas os calores do sol do meio dia”¹¹¹.

As aventuras vividas pelos viajantes eram, muitas vezes repletas de tropeços, a dificuldade foi sua marca; compondo uma névoa acinzentada em torno da natureza, os viajantes seguiam seu curso. O mundo natural agora estava inscrito nos relatos. Entretanto, a paisagem não conseguiu ser muito bem delimitada. Seus caminhos tortuosos e perigos constantes fragilizaram o homem. Os obstáculos encontrados colocavam em risco sua vida e sua sanidade. Ao gosto dos românticos, esta obscuridade constituía uma forte sensação. As sombras se alteravam com as poucas iluminuras¹¹² que rompiam o pensamento do século XIX, e levavam o viajante a desejar a busca pela ciência¹¹³.

Enfim aqui tudo é magestoso, tudo é grande; aqui se vê quantos esforços é capaz a creadora natureza. Quantas maravilhas roubadas ás avidas vistas dos admiradores de

¹¹¹ RIBEIRO, Francisco de Paulo. “Roteiro da Viagem às fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz” R. IHGB. Tomo X. vol. 10. 1848. p, 13

¹¹² Utilizamos a palavra ILUMINURA no sentido de “difusão de cores vivas” em oposição a sombras, como *flashes*, momentos de luzes coloridas onde a noite impera.

¹¹³ O desejo pela ciência quebra a própria objetividade, unindo desejo à ciência cria uma experiência ímpar – a viagem. “Estes artífices são os polypos: as suas obras são admiráveis e muitos navegantes philosophos do Mar Pacífico, reconhecem que a elles se devem a maior parte das ilhas; e que alli se estão creando grandes continentes. Estas creações vão impellindo as aguas para outros lugares, e por isso se observa, que o mar tem entrado por algumas terras, e destruído povoações que outr’ora existiram no estado mais florescente. As opiniões dos phillosophos ácerca da sucessiva diminuição das aguas do oceano, não admitem razões em contrario. Elles dizem que depois do dilúvio, por efeito do sopro divino, ficaram descobertas as mais altas montanhas da terra, e que por todas as regiões inferiores existiram por um grande numero de seculos cobertas d’agua...” (MATTOS. R. IHGB, 1863:143)

gosto, ou aos pinceis dos Migueis Angelos e Vandicks, se o Brasil, já mais culto e povoado, fosse mais suceptivel de viajar-se! (RIBEIRO, R. IHGB: 1848,542)

A necessidade de nominar e inventariar o mundo e suas verdades, contar as viagens na sua seqüência cronológica, criou um marco fundador; criou também um mártir que se aventurou a romper os limites de seu mundo e atravessar os obstáculos que a natureza constantemente lhe oferecia. Um herói que foram muitos, de muitos nomes, que foram viajantes e constituíram os personagens exemplares. Aqui, desejos não poderiam ser separados das sombras. O homem também as desejava.

O Heroísmo Viajante

Os muitos heróis deste mundo da Natureza viviam num mundo real e comungavam de coisas reais. Não era o herói histórico instituído nos fins do Império, depois que a Guerra entre Brasil e Paraguai fez muitos mortos. Estes heróis-viajantes eram homens comuns nos sentimentos e nos sentidos, como seus personagens. O que os fez diferentes dos outros heróis que a tradição inventou, foram suas experiências e elas, em muitos sentidos, foram heróicas. Mas, lembremos que este foi o homem da cientificidade e do progresso. Não foram, portanto, os heróis da guerra, nem mesmo os da conquista. Nem foram heróis como a palavra sugere. Aqui suas memórias foram que são heróicas. São seus relatos e não suas atitudes. Viveram a experiência da busca, aí reside seu heroísmo. O terror os dominou por muitos períodos e, por muitas vezes, as sombras do medo os assolava. O pânico causado pelas “hostis” manifestações realizadas pelos nativos, conduziu a ação. As virtudes da coragem foram engrandecidas, a covardia foi penalizada com o esquecimento. Carlos Christiano Ranf descreve uma mulher forte e corajosa¹¹⁴

114

O documento de qual, aqui lançamos mão, sugere uma mulher que atende bem aos sofrimentos e a coragem dos textos de viagem, históricos mas muito literários. Neste momento no texto surge uma mulher....

Freydisa sahio então de sua morada, e vendo-os fugir, ella lhes gritou com todas as suas forças: < Que vejo! pois homens tão corajosos como vós não se envergonham de fugir tão cobardemente diante de um bando de miseráveis, que com grande facilidade poderiam matar como animais? Se eu tivesse armas saberia combater e cumprir meu dever melhor que vós, > Não deram ouvidos as suas palavras... (RANF. R.IHGB,1840:210)

Uma mulher tornando-se um mito através de sua martirização, um sofrimento digno e nobre, ela rompeu com luz o mundo dos homens. Rompeu a rudeza sendo forte, foi absolutamente passional, não regida pela razão - tão masculina. Pois foi o puro desvairio apaixonado da mulher, e menosprezado pelos homens que os salvou de um ataque bárbaro. Era a natureza vencendo a civilização, pelo menos momentaneamente. Era a coragem levando ao sofrimento, o sofrimento instituindo a coragem.

Francisco de Oliveira Barbosa em sua *Notícias da Capitania de São Paulo*, escrita em 1792, e publicada em 1843, demonstrava o medo que experimentava quando os indígenas se aproximavam, ou ainda, quando presenciava alguma atitude de ataque por qualquer um que fosse. Sua atenção estava voltada àqueles que eram seu diferente - os indígenas. O pensamento destes homens se referia à eles como feras, que deveriam ser amansadas à força. E, principalmente, por serem *bons selvagens*, não poderiam resistir. Mais que isso estavam atrapalhando o alargamento das fronteiras da civilização e por isso deveriam ser engolidos.

Dificuldades também não faltaram na *Simples Narração da Viagem que fez ao Rio Paraná*, escrita em 1810, por João Ferreira de Oliveira Bueno, e publicada na revista do Instituto em 1839. Além da falta de “urbanidade” do gentio e das muitas barreiras dos rios, no percurso de sua viagem havia “milhões de mosquitos de várias qualidades que incommodavam de dia e de noite, não falando nos carrapatos que se apegam ao corpo

e fazem chagas”, e se isso ainda não bastasse, seus homens caíram doentes ficando “estirados como mortos pelo chão debaixo das árvores”¹¹⁵.

Entretanto seu encantamento com o meio natural deixou suas marcas. As árvores frondosas, as “bellas águas dos ribeirões”, a fartura de caça, a beleza das terras altas. Quando realizou este relato, o viajante ainda se encontrava sob aquela terrível epidemia que matou 29 pessoas das 38 que partiram na expedição, e que conseguiu “libertar dos carceres do paganismo dezessete almas”¹¹⁶. Suas memórias o levaram ao papel, e ele reproduziu as sombras encontradas na viagem.

Para Luiz Thomás de Navarro, em seu *Itinerário da Viagem que fez po Terra da Bahia ao Rio de Janeiro*, publicado em 1846, pelo IHGB, estas sombras também cobriam a paisagem, tentando libertá-la da higienização dos desejos. A dificuldade, que levava ao medo e instituíu a coragem, era constante. O limite entre a vida e a morte era muito tênue e presente a todo momento. Os caminhos intransitáveis, que tanto auxiliavam a barbárie, já que não permitiam a entrada da civilização, foram, em muitas viagens a oportunidade da realização deste limite. Neste extremo da condição humana, onde realmente residia o heroísmo viajante, até as raízes das árvores se tornavam perigosas às passagens.

Também Francisco de Paula Ribeiro em seu *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz*, apresenta-nos os limites da sua viagem. Nela aparecem muitos atoleiros, passagens tortuosas e impraticáveis, riachos cheios, chuvas torrenciais que tanto dificultavam a navegação. O inventariar tão próprio deste período levou à descrição, sua descrição é heróica. A insalubridade também foi causa de heroísmo. A podridão das margens que alguns riachos possuíam era causa de

¹¹⁵ BUENO. Op. Cit. p 192

¹¹⁶ ibid. 193

epidemias, já que infeccionavam os ares. O caos, medo e insalubridade jogavam o viajante em situações apavorantes. Seus pensamentos heróicos eram típicos de experiências extremas. Sublimes.

No embate entre o mundo romântico e o mundo cientificista o homem vive sua experiência de maneira singular. Foram heróis da vida comum. De um mundo fragmentado repleto de sombras, de aventuras e desventuras. Na busca pela certeza viveram a dúvida. Querendo fazer a ciência viveram apaixonadamente. Este foi o grande heroísmo desse homens - conseguir resgatar a arte em ser narrador.

A Narrativa das Sombras

“A noite é sublime, o dia é belo”¹¹⁷

O século XIX quiz trazer as experiências para o campo do saber, inventariando o mundo e os sentidos. Criou uma história, um passado, uma ciência, na tentativa de compreender melhor seu mundo. Aqui lembro que “hoje, conhecemos melhor os astros, plantas, minerais e animais. Porém não sabemos mais falar com eles”¹¹⁸, os homens deste século melancólico viviam uma constante dúvida, desejavam suprimir os sentimentos, mas não puderam; desejavam ser objetivos, mas não conseguiram. Realizaram a racionalização dos mitos, o conhecimento da natureza constituiu uma ciência, mas não puderam exorcizar os sentimentos. Sua mais cara vontade não pode ser realizada, pois ainda que assim quisessem, o mundo natural era maior que sua racionalidade e embotava seus sentidos. A angústia da dúvida e a necessidade de encantamento se fundiam.

¹¹⁷

Kant, I. *Observações sobre o sentido do belo e do sublime*. 1764. in RIBON. *Arte e Natureza*. 1980: 145.

¹¹⁸

PAZ. *Opus. Cit.* p. 185.

A narrativa romântica, na sua crítica ao presente, tão moderno não sabia para onde ir; ora voltava a um passado mítico, ora se lançava a um futuro incerto. De conservadores a revolucionários, os românticos foram marcados pela nostalgia; em um mundo onde tudo é medido pelo valor de troca, o homem tenta refugiar-se na natureza, e não percebe que está fazendo dela a próxima mercadoria. Para conhecer a natureza o homem a fragmenta e é certo, com isto constrói a paisagem. Todavia destrói não apenas todo um mundo de pensamentos. O meio natural jamais poderá voltar a ser o que foi um dia. O espírito humano também jamais seria o mesmo depois daquele século.

Impulsionando o homem ao confronto, este tempo da solidão, em tudo era melancólico, desamparado, interiorizado, poético. Seu cenário grandioso assimilava a natureza, informando e formando o cientista. A conquista que, muitas vezes, não ocorria no plano físico, o cientista realizava no conhecimento: mais uma vez o homem dominava a natureza. A narrativa era uma forma de escolarizar os homens sobre aquilo que os cercava - a natureza. Tão distante e ao mesmo tempo tão próxima, envolvia o homem e o paralisava, mas permitia ser envolvida e dominada. Estes cenários são a revelação do estado de alma do viajante. Por vezes, o homem sucumbe à natureza; ela era o outro, era o limite.

A literatura fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime dos homens que foram vencidos pelos fatos. ... Pode-se pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumidas..... (SEVCENKO.1983:21)

A narrativa da viagem possui um ritmo quase constante. O tempo é delimitado, o personagem apresentado. A paisagem é dada e, então, a ação; sempre marcando a diferença com o outro, seja meio natural ou homem. A narração é, por alguns instantes, rompida por pensamentos científicos de comparação.

Assim a viagem de descoberta dos Groelandezes corresponde exactamente á que foi executada com maiores cuidados em nossos dias, e cujas distancias geographicas fôrão determinadas por... muitos nautas Inglezes em suas tão arduas como perigosas expedições. (RANF. R. IHGB, 1840:234)

O tempo era percebido através de um marco fundador

No momento em que se preparavam para voltar à bordo, avistaram perto do promontório tres objetos elevados sobre a arêa. Erão tres canôas, em cada uma das quaes se achavão Esquimaós. Matarão oito, mas o nono fugio em sua canôa. Momentos depois, sahiu da bahia uma quantidade innumeravel de Esquimaós, dirigindo-se contra elles com intenções hostis... (RANF. R. IHGB, 1840:215)

Pelas dificuldades da viagem relatadas na narrativa, alguns homens se machucaram, outros, romanticamente, morreram. Os acontecimentos marcantes que se tornam história, situam-se entre a fronteira do pessoal e do social. A morte não confere importância ao acontecimento, esconde-o nas sombras, mas ele - o fato - transforma a morte, e lhe empresta a imortalidade e, por fim, o desfecho da ação. O tempo vai se encaminhando através da paisagem. Um inverno, um verão, um *anno*. A neve cai, o outro - nativo - os aprisiona e escraviza, o outro - meio natural - os fadiga e assusta. O exótico apavora. Mas, ao mesmo tempo, excita. A sublimação do medo martirizou o homem, mas realizou as sombras do romantismo.

A natureza causa, tanto impacto nos primeiros viajantes, como àqueles que apenas os recuperam e re-escrevem, sensações contraditórias, mas ricas em percepções. "O relato do viajante aproxima-se mais do texto literário, pois comporta exercícios de reflexão, crítica ou ironia. Isto apesar do viajante estar tomado pelo desejo de produzir um texto, um relato científico"¹¹⁹. O sabor romântico conferido à aventura e ao relato das experiências, mescla-se com a busca da realidade e da sua transposição objetiva para o papel. A

¹¹⁹ PAZ. Op. Cit. p

catalogação e a necessidade de inventariar o mundo, tão própria dos espíritos neo-iluministas¹²⁰ do século XIX, permeou as memórias históricas deste grupo de homens que se encontravam caminhando pelas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No processo de conhecer e esquadrihar as diferenças, estes homens produziram uma dada realidade, e por ela, leram o mundo e também a natureza.

A leitura de mundo realizada por estes viajantes cumpria uma função formativa, quando, na caracterização dos personagens, apresenta-nos seus costumes e comportamentos, refletindo a própria sociedade na qual foi concebido. O homem do século XIX, membro do Instituto, que relatava ou reencontrava relatos e, com eles perdia-se nas paisagens, re-definia este mundo já não tão novo, nem por isto totalmente conhecido. Não podemos deixar de lado o fato de que também agora recuperamos estes relatos, debruçamo-nos sobre por estas viagens e as acompanhamos, e este é mais um modo de sentir a viagem, uma leitura própria do nosso tempo.

A noite e as melancolias românticas tomavam estes cientistas do século XIX brasileiro. Buscavam as sombras do mundo, *o mundo dos sonhos, os monstros e as aparições*¹²¹. Queriam constituir uma nação, instituir heróis¹²². Mas, buscavam realizar seu empreendimento a partir das ciências da natureza e da objetividade.

A experiência da viagem traz na melancolia o seu conflito, ou antes, faz da melancolia o próprio espaço conflitivo: a cidade e o meio natural, a história e a natureza¹²³, o seu

¹²⁰ Sobre neo-iluminismo ver Franklin Baumer

¹²¹ BAUMER. Op. Cit. vol. II. P 40

¹²² "A história do mundo não é mais que a biografia dos grandes homens" ... o herói de Carlyle é um indivíduo criativo, inspirado mas não determinado, cujos pensamentos e ações fazem ou quebram o rumo da história" *ibid.* p. 57

¹²³ NATUREZA diferencia-se de mundo natural por englobar todo um universo de idéias e de pensamento. É mais ampla e é NELA que podemos pensar o conjunto de idéias acerca do mundo natural e sua relação com o homem.

mundo e o mundo do outro, ou o mundo de ninguém¹²⁴. Em um primeiro momento o homem extasia-se ao respirar os novos perfumes do mato, das águas. O viajante fogia da desilusão urbana. Sublimava todos os infortúnios e dores em percepções suaves, cobertas com uma névoa muito fina, que muito lhe agradava o olhar. Era profundamente marcado por um espaço absolutamente diverso, perdia-se na natureza, e se reencontrava no texto. Também o viajante, em um momento posterior, transformou a natureza em uma vitrine. Passeou por ela nos seus pensamentos, já ouvindo e sentindo os rumores da cidade, e foi informado por suas lembranças. As marcas nele deixadas pela natureza eram rememoradas, e muito fortes.

Percebeu a natureza através do olhar já tão viciado com o meio urbano e, em busca do novo, modificou-se no contato com o meio natural. Sua percepção da natureza, como um mundo de pensamento, era acessado pela melancolia. Situado nos limites de seu próprio tempo, e dos ideais por ele construídos, o homem que viveu a experiência da viagem no século XIX, no contato direto com o meio - viagem, ou através das experiência de outros - narrativa - vive a melancolia; ela foi sua realização.

Construía seus relatos a partir das sombras pelas quais caminhava. Era um homem que se encontra no limite entre a noite e dia, não queria mais dormir, mas também não queria acordar. Suas lembranças eram escolhidas devido à sua experiência particular; apropriava-se dos relatos, partindo de sua própria história, e assim, transcreve-os para nós, que agora os recuperamos através do nosso olhar.

Mas as trevas são mais fecundas de idéias sublimes do que a luz. ... e a luz excessiva, ao ofuscar a vista, oblitera todos os objetos, fazendo com que seu efeito se assemelhe exatamente ao das trevas.(BURKE.1993:87)

124

Se comungarmos da idéia do "lugar nenhum" entenderemos como a natureza não é terra de ninguém, e só por isto pode ser habitada por criaturas que só povoam o universo mental dos homens. Desde a antiguidade são os monstros que ocupam este espaço. Por outro lado este é também o espaço do Paraíso. Espaço das muitas possibilidades.

Nossos Olhares

Cada manha recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes.
(BENJAMIN:1993:203)

Possivelmente, pertencamos a esta experiência: estar entre as possibilidades do claro e as lembranças do escuro. Tal qual o "anjo da história" cujo rosto

está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sobre o paraíso prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Esta tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu."
(BENJAMIN. 1993: 226)

Nós nos deparamos cotidianamente com este limite, com este passado que nos imobiliza devido a experiência, tal qual o anjo tem seu olhar preso pelas ruínas, a experiência fixa nossos sentidos na natureza, este é o passado que nos *relampeja em agoras*; esse futuro....

Talvez o espírito racionalista tenha se apossado das histórias. Os homens daquele século se apegaram a tudo que acreditaram objetivo e concreto para não cair nas artimanhas da imaginação. Acostumados a aprisionar as fontes ao contexto, retirando o seu elemento *sublime*, e a substituir a experiência pelos grandes acontecimentos históricos, os personagens comuns pelos grandes heróis.

Ora, se nós herdamos esta tradição, aceitando a imposição da informação¹²⁵, é porque esta racionalidade ainda permeia nosso mundo de pensamentos. Os viajantes que

125

Utilizamos aqui a idéia de "informação" apresentada por Walter Benjamin em "O narrador-considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", no qual opõe a "arte de narrar" à informação, já que esta "aspira

figuravam no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nos iniciaram nesta tradição e, através dela, colocaram-se atrás de uma névoa que turva o olhar, e só nos permite ver seus vultos.

Ler as experiências, através dos relatos destes viajantes, acende a vontade de perceber a “arte da narrativa”. Não podemos deixar escapar histórias que há muito foram contadas, mais que isto, por eles, vividas. Suas idéias acerca da ciência e da objetividade apresentam porosidades e são permeadas pelos sentidos, como tentamos demonstrar. Podemos dizer que estes viajantes escreviam e narravam as histórias a partir das informações coletadas e das experiências vividas. Neste sentido, não pertenciam nem ao Romance nem à Ciência; nem à Crônica nem à História.

O viajantes ou aqueles que realmente viajavam¹²⁶, transitavam por estes dois mundos – desejos e melancolias. No intuito de domesticar a natureza através, do conhecimento, e de ao mesmo tempo organizar o conhecimento através da natureza, contavam, sobre o sentido de sua vida, e o ciclo natural que ela possuía. Eram homens solitários, como muitos outros desta recém inaugurada modernidade do século XIX. Queriam outras solidões para poder compreender a sua própria. Por isso são melancólicos. Quanto mais conhecessem o mundo exterior e dominassem seus outros¹²⁷, mais compreenderiam seu mundo interior e seriam por ele dominados.

Seus relatos ora são solitários, deixam-nos a sós, ora povoam nosso mundo. Extremos inerentes aos homens que se encontravam com a natureza. São estas experiências com

a uma verificação imediata”, explica os fatos narrados impondo ao leitor uma única forma de entendê-los, não permitindo a livre interpretação da história.

¹²⁶ Entendemos como os viajantes que viajam, aqueles que se envolvam com a natureza, que nos permitam perceber através dos relatos o contato com este sublime, este outro. Que no estranhamento, deixem-se tomar por esta onda de percepções à que estão expostos, tomando seus sentidos. Que nos permitam ler não apenas a paisagem natural, mas também, as idéias que informam este olhar e que nos descrevem esta paisagem.

¹²⁷ Emprestamos a idéia que Norbert Elias nos apresenta sobre o auto-controle dos indivíduos dentro de uma determinada sociedade, no caso, entre os viajantes, escritores e cientistas.

os extremos que tornam os viajantes estudados, exemplares. Este caminhar, através da narrativa desejo e da narrativa sombras, mostra-nos a originalidade e importância destes que nós chamamos Homens de História.

Todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo - e é destes que eles falam. (SEVCENKO.1983:20)

As folhas de papel que os viajantes carregam eram seu único interlocutor. Ou antes seu maior interlocutor. O papel tudo aceita. Os desencantos vividos, as dificuldades, a dor, a solidão, o desabafo. Muito do que podemos perceber nos relatos destes homens é, muitas vezes, um desafoamento da alma. Dentro de uma floresta extremamente verde, exageradamente úmida, repleta de vida, insetos, répteis, mamíferos, o homem não encontrava o seu lugar. Não poderia encontrar, pois estava "mal equipado para habitá-la"¹²⁸. Era para ele inóspita. A natureza consumia o viajante, era maior que ele. Seus escritos foram a forma que possuíam para entender e nominar todas as sensações que experimentaram em contato com um mundo tão diferente, porém não menos caótico que a cidade onde viviam. A cidade era o espaço do homem no século XIX, aí ele tudo conhecia. Era um espaço do familiar, ainda que não sob controle. Ao contrário, o mundo natural, que exercia absoluto fascínio, era um espaço adverso, ainda não conhecido em sua totalidade e muito distante, tanto em sua localização como em sua experiência.

128

"O avanço da espécie humana funda-se na destruição das florestas que ela está mal equipada para habitar" DEAN. Op. Cit. p 24



“Serra dos Orgãos” de Joahn Moritz Rugendas. In. *Viagem Pitoresca ao Brasil*. Livraria Martins: São Paulo. 1940, s/p.

“a imagem de nosso país que vive com projeto e aspiração na consciência coletiva dos brasileiros não pôde até hoje desligar-se muito do espírito do Brasil imperial”
(HOLANDA. 1985)

CAPÍTULO 3 - OUTRAS VIAGENS: NATUREZA E HISTÓRIA

Severa Grandeza

Lá embaixo, contudo, a intervalos, o viajante avista faixas verdejantes de floresta, não as fileiras ordenadas dos reflorestamentos, mas selvagens e irregulares.... O viajante se pergunta como ela escapou ao machado civilizador e por quanto tempo foi deixada em paz.... Durante gerações, todas foram derrubadas e esquadrihadas em busca de animais e plantas.... Esses canteiros são as últimas testemunhas da paisagem que antecedeu a civilização e seus triunfos. (DEAN, 1996:20)

A história nos conduz a viajar pela natureza, andar por seus caminhos, seus rios seus meandros. Através dela, podemos perceber como o homem não consegue ficar imune aos encantos e desencantos vividos com o mundo natural. Outros homens já não puderam deixar de ser tocados nesta longa viagem, que, muitas vezes, é tão profunda que modifica o homem em sua compreensão de mundo. Nós também não poderíamos passar por esta experiência sem as profundas marcas, tão próprias da natureza e também da história.

Em 1871, Benjamin Franklin, em meio à observação sobre as cores das populações da América deixou no ar um: “estamos limpando nosso planeta, livrando de florestas a América, e com isto fazendo com que este lado do globo reflita uma luz mais brilhante para quem contemple de Marte ou Vênus.”¹²⁹

Foi esta à posição frente a natureza que o mundo civilizado implantou na América. E, dessa forma de olhar, nasceram os naturalistas, historiadores e cientistas de modo geral.

¹²⁹

GOULD, S.J. A Falsa Medida do Homem. São Paulo: Martins Fonte, 1991. P. 20

A natureza ocupava vários papéis. No papel de ser a natureza, desaparecia. No papel de vir-a-ser, ainda não era.

Como o tempo presente, a natureza era algo momentâneo: de um lado, sua beleza; de outro, a destruição. Vivemos esta louca realidade, e tentamos, em todos os momentos, estar do lado “certo”, ainda que sem saber qual seja. Enquanto o planeta vive em uma busca desenfreada por suas riquezas, já tão exauridas, nós revisitamos outros momentos limítrofes, que muita responsabilidade tem quanto àquilo que *sentimos e respiramos*. Dos nossos limites, ou de nossos extremos, observamos outros, mas não devemos encontrar culpados ou responsáveis, principalmente no passado; não acordamos os mortos para culpá-los. Buscamos, então, outros limites para crer na possibilidade de entender estes extremos e perceber que os limites humanos fazem parte dos seus mundos de pensamentos e a eles estão sujeitos. Nossas outras viagens são sempre referentes às nossa experiências, pois sempre nos dizem respeito, e só por isto viajamos; viagens da história também são as nossas, pois é sempre o tempo presente que se lança neste verdadeiro túnel do tempo em direção ao passado.

O assombro com o fato de que os episódios no século XX “ainda” sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável. (BENJAMIN, 1993:226)

A história vive hoje uma crise de identidade, esta crise não é nova. É originária da inútil necessidade de definição. Queremos respostas para os nossos problemas, explicações para o nosso mundo e, por isso, os homens acabam voltando-se ao passado. Como se o passado pudesse entender ou resolver problemas de um mundo que ele nem chegou a conhecer. É o passado que nos busca para não ser esquecido. A história não nos dá respostas sobre o nosso próprio mundo. Ela relampeja no momento de perigo. Nossa função é captar estes apelos que os homens do passado nos lançam. Ouvir seus gritos e não os deixar morrer. Mas, devemos olhá-los com nossos próprios olhos e

lentes. Nós e nosso presente também gritamos e nos negamos ser esquecidos, somos parte desta voz que grita para viver.

Não podemos nos isentar do mundo que nos rodeia. Temos que olhar para ele e ver todos os seus detalhes, suas minúcias. Fixar os fragmentos que nos chegam ao olhar, perceber que, como o anjo da história, estamos sendo lançados para a direção contrária de onde surgem os fragmentos, mas ainda assim, devemos fixar nossa atenção.

A violência nos deixa paralisados. Por todos os lados ela se manifesta, totalmente fora de controle. Nas *teses sobre a história*, Walter Benjamin, propõe-nos entender o mundo em que vivemos, como um “estado de exceção”, e não podemos esquecer que isso era pensado nos anos do nazismo e do fascismo. Mas, não vamos nos proteger dizendo que nossa sociedade hoje ainda não chegou neste ponto.

Vivemos uma superação dos modelos. Das verdades. Não podemos mais deixar de pensar que as verdades que produziram este mundo, devem mudar, ou antes, não devem mais existir. Devemos compreender que produzimos nossos mundos de pensamentos, e também somos por eles produzidos.

Não podemos deixar de ser atingidos por estes apelos. Assim poderemos entender melhor a importância e a responsabilidade desta geração com o passado.

A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente história e sair com ella a luz foy por não aver ategora pessoa que a empreendesse, avendo já setenta e tantos annos que esta provincia he descuberta. A qual historia creyo que mais esteve sepultada em tanto silencio, pelo pouco caso que os portuguezes fizeram sempre da mesma provincia, que por faltarem na terra pessoas de ingenho e curiosas, que por melhor estyllo e mais copiosamente que eu a escrevessem” (GANDAVO, R. IHGB. 1958 p.365)

É preciso reencontrar nosso passado. É necessário reencontrar a natureza. Vivemos os mesmos temas que nossos homens viajantes. Em épocas distintas, com pessoas diferentes, e outros olhares, mas os mesmos mundos nos incomodam. Por isso retomamo-las. Seus apelos têm um destino – nós.

O pensamento imperial quer ser retomado, sua ação cria esta necessidade, contraria suas idéias, ou ainda coexiste com elas. Este pensamento, que não é único e sequer homogêneo, toma alguns homens de história. A natureza, em sua grandiosidade, tomba os homens em medo, angustia, espanta e por fim confunde.

Tres sentimentos tomão o observador ao chegar-se para a Cachoeira, o de mêdo – o de reseito – e o de prazes, em quanto se trepão estes rochedos disconversaveis, só o mêdo d'un desastre irreparavel nos encoraja, e nos faz supera-los; depois de firmados os pés – o respeito – a vista d'essas maravilhas nos força a exclamar com B. Rousseau – *Grand Dieu! Oh! Que tes oeuvres sont belles!* E é só depois de entrar o sangue em sua circulação normal que apparece um prazer insaciavel! ... São as cachoeiras seguintes, designando-vos as mais notáveis – Forquilha – Veados – Ventura – Vaivem - ... na garganta corre todo o rio em largura de 85 palmos!! e os rochedos marginaes dão talhados de 700 á 800 pés de altura!! São as belleza horriveis que só expressão bem o – *terriblement prety* – dos Inglezes! (SILVA. R.IHGB, 1859: 274)

Por isso, os homens do IHGB nos tocaram em sua certeza, exatidão. Seu envolvimento e êxtase, são espelhos de nosso mundo. Espelhos que não refletem a realidade, mas já antigos, turvam a visão. Lembram-nos a nós mesmos. Sua confusão não é menos confusa que a nossa nem seu mundo menos caótico.

Esta “severa grandeza” do pensamento viajante nos envolve. Esta história que também está “sepultada no silêncio” deve levantar entre seus mortos e acordá-los.

Testemunhos da Natureza

Contemplamos a natureza exuberante de beleza e de prosperidade e notamos, muitas vezes, uma superabundância de alimentação, mas não vemos ou esquecemos, que as aves que cantam empoleiradas descuidosas, num ramo, se nutrem principalmente de insetos ou de grãos, e que fazendo isto, destroem seguidamente seres vivos; esquecemos que as árvores carnívoras e os animais de presa estão à espreita para destruir quantidades consideráveis destes alegres cantores, destruindo-lhe ovos ou devorando-lhe os filhos; não nos lembramos sempre que, se há superabundância de alimentação em certas épocas, o mesmo não se dá em todas as estações do ano. (DARWIN, s/d: p. 69)

O mundo natural é extremamente violento, notamos cada vez que a tecnologia nos leva a ver todos os minúsculos naturais, e a conseqüente violência que é a luta pela vida na natureza. E ainda mais na América devido a explosão contínua de vida e a grandiosidade de seu meio. Charles Darwin, biólogo do século XIX, mostrou com detalhes a luta pela vida. Luta que se torna mais bárbara à medida que entendemos a *Lei da Seleção Natural*¹³⁰. Sendo refutada até por um dos seus criadores, essa lei nunca foi abandonada por Darwin. Com nossos olhares contemporâneos, podemos até dizer que foi a crença científica deste grande pensador.

Todavia, parece que este foi um dos males que sofreram os intelectuais daquele século tão iluminado. Ao lado da tuberculose, doença poética que matava jovens refinados, a crença nos valores e ideais científicos afligia os mais ilustres nomes daquela sociedade. Acreditar na ciência, na objetividade, na verdade e na história. Esta tão louvada musa grega - Clio, já esculpida nos primeiros séculos desse milênio, voltou a ocupar um espaço de destaque, não mais na imagem mítica. O século XIX re-atualizou a feição

130

"As espécies que dominam são as mais adequadas para produzir descendentes que, embora modificados num determinado grau, herdaram ainda superioridades que permitem a seus pais vencer o concorrente." In: DARWIN, Charles. *As origens das espécies* São Paulo: Ed. Hemus. s/d., p. 62.

mítica da história e lhe confere o peso da verdade. Assim viria a ser a grande ciência, perfeita invenção dos homens do XIX. É um dos mundos de pensamento voltando à grande cena. A idéia de ciência da história é, por assim dizer, uma re-apropriação de um pensamento mítico. A objetividade e a busca pela origem verdadeira do homem, que é objeto da história, é também objeto da biologia, outra ciência recente. Mas, a idéia de ciência é também recente no curso da humanidade. E parece que as ciências sempre buscaram a origem do pensamento, dos homens, das sociedades, do universo. Sempre um momento fundador.

Biologia e história queriam a origem verdadeira e, para tanto criaram métodos e documentos para comprovar seus desejos científicos de verdade, e esta deveria ser classificada, nominada e medida.

... os gêneros mais ricos a tomarem-se mais ricos ainda; e em toda a natureza, as formas vivas, hoje dominantes, porque produzem muitos descendentes modificados e dominantes... É assim, em todo o universo, as formas viventes acham-se divididas em grupos subordinados a outros grupos. (DARWIN, s/d. 66)

A classificação existe em relação direta com as desigualdades e a hierarquização. Nas ciências, esta foi a onda que mexeu com os quadros que já iam envelhecendo nas paredes das academias.

Na Europa, no Rio de Janeiro, estas idéias tomaram conta do século passado. Mas não se limitaram às fronteiras do século, ou mesmo aos obstáculos do oceano.

O homem, com sua mão científica, busca as espécies diferentes e modifica a natureza conforme seu prazer; Darwin nos mostrou esta imagem, a própria imagem da ciência, do homem moderno...

O homem tem apenas um objetivo: escolher para sua própria vantagem: a natureza, pelo contrário, escolhe vantagem para o seu próprio ser. (DARWIN, s/d. 86)

A ciência justificou e referendou a desigualdade sob o manto da verdade. A desigualdade hierarquizada das espécies e raças fundamentaram o “Projeto Imperial”. Os monarquistas quiseram manter, atrelados, à sua existência, os grandes feitos e realizações. Parece inacreditável que os intelectuais monarquistas tornaram, depois da Proclamação da República, a base de sustentação do Império – a escravidão, como seu maior feito – a abolição da mesma. Até Darwin era um abolicionista.

A apropriação do Darwinismo pelo pensamento das ciências humanas, bem como a associação destas idéias aos métodos de comprovação, quais sejam a craniometria (medição de crânios) e à todas as demais medidas difundidas no século passado, que serviam ao estudo da normalidade e sua consequência perigosa, entretanto lógica, a anormalidade humana. Era preciso buscar e observar a normalidade e a anormalidade no mundo como um todo, principalmente no mundo natural.

A razão e a natureza do universo tem sido invocada a longo da história para consagrar hierarquias sociais como justas e inevitáveis. As hierarquias sociais raramente duram mais que algumas gerações, mas os argumentos retocados para a justificação de cada novo rol de instituições sociais, circulam indefinidamente. (GOULD, 1991: 17)

A natureza, é assim, a testemunha de suas próprias modificações. Mostra-nos sua riqueza e nossa destruição, dando-nos seu testemunho. Sua voz ecoa nos gritos dos pássaros, ou no silêncio das matas tropicais. Neste testemunho da natureza sentimos a necessidade de observar e narrar sua existência. Enquanto o fogo come as florestas as descrições de sua existência tornam-se mais importantes. Seus testemunhos são vitais.

Sentimentos Solenes

Se é certo, pois, que a nossa história intelectual tem sido, em grande parte, um tecido de vicissitudes da importação de idéias e doutrinas, sobretudo de origem européia, não menos certo é que essas idéias e doutrinas aqui se deformaram ou conformaram à condições de um novo meio. As novas formas de vida e civilização que a cultura européia produziram, não se tem revelado, como diz Sérgio Buarque de Holanda, apenas conservadoras de um legado tradicional nascido em clima estranho, mas até certo ponto criadoras. É aí que mister se faz procurar nossa originalidade. (COSTA, 1969: 324)

O século XIX inaugurou o fato histórico no Brasil. Não que os fatos não existissem antes, porém as idéias fecundas onde nasceram e cresceram os fatos e sua mitificação são próprias do século XIX. São esses os elementos que compõem a ciência da história. A história, naquele período, era como já colocamos em outros momentos, a grande ciência da época. Ciência localizada no espaço e no tempo e por eles limitada. Entretanto, todos os espaços e todos os tempos possuem suas áreas de permeabilidade, de contato. Cada momento vive seu passado e seu futuro, pois vive os limites do pensamento de sua época.

O pensamento histórico do XIX viveu muitos dos seus limites. Romantismo, Cientificismo, Evolucionismo. O Brasil desejava ser uma nação e portanto lançava mão da história. História construída por viajantes, por profissionais, por homens históricos, era esta a sua essência.

Eram históricos para o padrão do século XIX. Padrão que podemos perceber em muitos livros e discursos acadêmicos. Padrão que foi tão forte a ponto de impregnar, e tornar-se o substrato do pensamento por ele produzido. Assim, o século XIX nos lançou seus tentáculos, e até nos dias atuais podemos encontrar suas pegadas. Nós também temos

muito da alma viajante. Seu desejo pelo desconhecido, seu gosto pelo exótico, sua necessidade de nominar, guardar, sistematizar.

O Brasil dos tempos da monarquia foi fruto de instituições organizadas através do conhecimento e de homens crentes na verdade. Aí está sua exemplaridade – na forma pela qual elaborou o pensamento nacional. E, para nós historiadores, um pensamento histórico nacional. A monarquia unificou sob seus auspícios o que nunca foi uno. Unificou tanto que criou mitos, como o da pacificidade do povo, ou o da miscigenação feliz.

A história foi a grande arma utilizada nesta missão. Organizou disparidades, tornando o contraditório único. Para tanto, este momento único do nascimento, da origem, é invocado neste trabalho. Como um ritual próprio da história, buscamos aquilo que nos toca, que nos alcança.

...são porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergindo de um modo particular três raças, a saber: a de cor cobre ou ameríndia, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiophica. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a actual população, cuja história por isso mesmo tem cunho muito particular. (MARTIUS, R. IHGB, 1845: 390)

Particularidades tropicais, na natureza e no pensamento. Martius foi um dos grandes exemplares nesse sentido. Sua preocupação com a história e as origens da nação concebeu um pensamento que teve sua originalidade na tropicalidade e na diferença em relação ao frio pensamento europeu.

Para um historiador do século XIX, eram as origens e a colonização o que unia e identificava o homem deste império. A origem e os componentes deste território. branco, índio e negro. Era dessa fusão que se originaria o homem buscado naquele

momento. É claro que para aquele pensamento, o “sangue portuguez, em um poderoso rio deverá absorver os pequenos confluente das raças índia e etiophica”¹³¹

Era então este o grande problema da identidade brasileira. Ou de sua falta de identidade. Foi esta a “receita de História” que nos trouxe Martius em seu *Como se deve escrever a história do Brasil*, em 1845. Uma nação grandiosa em sua origem e pertencente à “história universal” – foi o que ensinaram estes historiadores, que bebiam a busca pela origem européia, e necessitavam ter também a sua versão, nunca esquecendo que em nossa história, também haveria de ter lugar para a nossa genitora – Portugal.

Nunca, portanto, o historiador da Terra de Santa Cruz há de perder de vista que a sua tarefa abrange os mais grandiosos elementos; que não lhes compete tão somente descrever o desenvolvimento de um só povo, circunscrito em estreitos limites, mas sim de uma nação... (MARTIUS, R.IHGB, 1945: 406)

A nação era mais que um povo, e ainda fomos criados por três povos diferentes. Em alguns momentos, esta origem era incorporada, em outros era esquecida. E como era difícil acreditar que no Brasil a cor branca tenha confundido e “limpado” os sangues africano e indígena. Ainda que isto tenha sido tentado, a resistência e a maleabilidade que levavam o homem a se adaptar a esses ambientes estranhos, fez das cores do nosso povo as mais variadas. Entretanto, este pensamento também originava as concepções racistas em nosso país. Não apenas o pensamento, mas esta herança de um passado escravo e de violência também nos marcaram.

Os sentimentos tão solenes em relação à pátria, à nação, não foram os mesmos dispensados à sua população. A natureza foi privilegiada. Pelo menos no que diz respeito ao pensamento. Arrasada pelo machado e braço humanos era valorizada nos

¹³¹

MARTIUS, F. von. Como se deve escrever a história do Brasil. In: R. IHGB, 1845, p. 391

momentos de sensibilidade e reflexão. Já o homem, nem no pensamento foi exaltado. Quando os intelectuais pensavam, o homem era como um problema a ser resolvido. A natureza era a solução.

3.1. NO CURSO DOS RIOS: UMA HISTÓRIA VIAJANTE

A dignidade da história

A história viajante é a história oficial do Império Brasileiro. Um Império nascido de uma sociedade de exclusão, escravidão. Escravidão negra, escravidão econômica. Nem independentes éramos há pouco mais de 100 anos. Devemos pensar o Império procurando esquecer a República. Vamos nos desafiar, exercitando a tradicionalidade e a cientificidade da História. Distanciados de nossa realidade, se isto fosse possível e sem nos envolvermos com o objeto histórico, como se isso também o fosse, poderíamos lembrar a importância dos 67 anos de Império (1822-1889), nos quais nos perdemos em sua época de esplendor (1839-1870), em que os doutores e cientistas compunham os convidados de honra de recepções, festas, reuniões e demais ocasiões sociais.

Não que essas características fossem originais ao nosso brasileiríssimo império. O estilo inglês ou francês e seu modo de ser estavam por trás das aparências. Podemos perceber isto através dos costumes muito civilizados desses senhores, bem como em vários aparatos maçônicos em suas roupagens. O que não é de admirar ninguém.

Era a própria Europa Tropical, com muitas paisagens bucólicas, uma *Europa brasileira*. Sempre *re-leituras*. E como tropical, esta nação se constituía, o sol, o calor, a beleza modificavam nossa cultura, criando assim a originalidade.

Eis aqui onde a natureza nos tinha preparado um maravilhoso espectáculo, porque olhado á primeira vista o todo que se me offereceu, depois de distribuídas as luzes em proporcionadas distancias, representou-se-me uma mesquita subterranea, que observada por partes em cada uma d'ellas fazia saltar aos olhos uma differente perspectiva; a que do fundo do grande salão se offerece á vista do espectador, collocado á entrada d'elle, é de um magnifico templo todo elle decorado de curiosissimos stalactites, uns dependurados da abobada que constitue o teto, a maneira de tantas outras gotteiras fusiformes..., e

outros alçados do pavimento, á maneira de pilares, ... e um d'estes tão grosso que dous homens o não abraçam. (DRUMMOND. R. IHGB, 1857: 214/215)

A história e os historiadores não passaram a margem desta sociedade, pelo contrário, devemos lembrar que a ilustração e o mundo dos acadêmicos era um mundo de iniciados, e letrados. Os historiadores compunham este mundo de letrados. Mundo oficial, patrocinado pelo Império, por ele protegido, e abrigado. (ANEXO 1)

Mas nem toda a oficialidade e os limites da cientificidade nos impediram de observar seus sentimentos. Recordamos Keith Thomas¹³², que nos diz das “novas sensibilidades” humanas, que os naturalistas do século XVIII já possuíam. Naturalistas que escreveram história, não apenas em suas observações, mas também em seus sentimentos relativos à natureza.

Quando o pensamento científico começa a tomar conta da natureza, até mesmo como seu tutor, outros tipos de pensamento perdem terreno. É o caso do pensamento mítico, que naquele momento quase desapareceu, porém surgiu renovado em outros momentos. As ervas daninhas, os predadores, até os mosquitos passavam a ser importantes e constituir cadeias onde o homem era mais um entre tantas espécies e indivíduos¹³³.

Foi o momento ideal para a promoção da natureza como a representação da unidade nacional. Enquanto os debates sobre a natureza humana não fossem resolvidos e portanto, enquanto não houvesse um homem para promover a unidade, o mundo natural era elevado a unificador do Brasil. De sul a norte, de leste a oeste, em todos os lugares

¹³² THOMAS, K. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras

¹³³ Em 1856 o IHGB publica artigos que vem de encontro a preocupação daquele tempo em identificar, nominar e esquematizar. José Ribeiro de Souza Fontes lê perante ilustres senhores, entre eles *Sua Magestade Imperial*, uma memória que tem por título *Quaes foram os animais introduzidos na América pelos conquistadores?* Onde vai listar cães, gatos, porcos, cavalos, asnos e até mesmo ratos. Esta preocupação também existe com as plantas, com as línguas e com os hábitos.

e para todas as pessoas era inegável a grandeza natural de nosso país, característica que faria orgulhar qualquer povo. Uma unidade inventada, mas ainda assim uma unidade, que, por falta de outra, construiu a idéia de uma nação brasileira.

Os gregos antigos não formavam uma nação, não constituíam um território nacional... Como explicar então, o mito posterior da civilização helênica, da unidade cultural grega? A resposta está na obra de Homero – o pai da história. *Iliada* e *Odisséia* são pois mais que dois grandes poemas épicos, unificam a vasta herança de lendas e mitos dos tempos pré-homéricos, sintetizando um passado plural. A obra de Homero desfaz diferenças e ordena o mundo... (PAZ, 1996:156)

O IHGB unificou um passado de pluralidade cultural. Unificou a partir da história, da história ciência. Por isso mesmo eram para eles a verdadeira. Unificou uma nação que não existia, ou que tentava existir a qualquer preço. O passado não se levantava de sua tumba para negar ou para afirmar. Não queria mais viver, já tinha vivido, apenas queria ser lembrado, existindo, assim, para o pensamento, para a história.

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. (BENJAMIN, 1994: 207)

É no momento da morte que está a semente da história. Foi só a partir dela que esta disciplina se desenvolveu. Se o narrador tem na morte sua autoridade, é ele um historiador. O historiador do século XIX era um cientista objetivamente neutro, ou pelo menos, tentou ser, e por isto mesmo necessariamente distante. Foi isolado de alteridade, no que se referia ao passado, embora experimentasse todos os seus limites nos seus dias presentes. Alguns historiadores já até ressaltaram esta característica – a história é cômoda pois sua matéria não é viva. E se não é viva, é morta! Sugestão óbvia, mas um verdadeiro divisor de águas e ânimos entre homens de história de nossos dias.

E como Benjamin se torna nosso contemporâneo ao pensar nos anos de 1934, o papel do narrador, ou antes sua imagem! A força do narrador está em sua narração, e a força dela está na falta, naquilo que já não existe, no que está apagado. A morte apaga pessoas, mas acende a eternidade ou pelo menos à possibilidade disso. Em nossa sociedade ocidental, o paraíso ainda ofusca muitos olhares, e sua idéia e desejo deixam muitas pessoas cegas de fé. A eternidade é sempre um bom final para todos os personagens da história. Mas a eternidade não existe sem a morte.

A história vive das vidas e das mortes. O historiador as revolve, observa-as, analisa-as, representa, relata e narra os eventos em seus contextos, cria ambientes que poderiam ter sido reais em palavras soltas nas pontas de suas penas, pinta o cenário, dá vida aos atores e a representação do que já não é, faz-se completa.

Por isso, o historiador é um privilegiado. E como tal, assimila outras vidas, e “pode recorrer ao acervo de toda uma vida, uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia”¹³⁴ A sua dignidade está no resgate do passado. A história é, portanto, este amontoado de experiências vividas, e contadas por historiadores que, em última análise, não as vivem, ou sequer conhecem as pessoas que as viveram. Experiências viajantes trazem em si mesmas as formas e sentidos da narração. Trazem a dignidade para a história quando acordam seus vivos e mortos, quando lê as páginas envelhecidas e amareladas, realizando *uma re-leitura*, apropriando-se e revivendo o que foi esquecido.

E qual foi o galardão, que teve Pedro Alvares Cabral? O mesmo que alcançou Chistovão Colombo: - a injustiça, a ingratidão, e também o esquecimento! ... até que um brasileiro foi sacudir a poeira de sua campa é lêr esse grande nome sobre a luosa do sepulchro... ali jazia o genio

134

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 108

– que tem por apanagio o infortunio, mas que não produz obras ao acaso. (D. PEDRO II. R. IHGB, 1850:171)

Clio Acorrentada

Hoje em dia, parece bastante claro que a crença na dessemelhança radical entre arte e ciência resultou de uma mal entendido provocado pelo medo que o artistas romântico sentia da ciência e pela ignorância que o cientista positivista tinha da arte. (WHITE: 1992,41)

Entre a ciência e a arte caminhavam os historiadores e viajantes do IHGB. Novamente lembramos a imagem da história, presa em limites e correntes do pensamento moderno. Limites de um império ilustrado, construtor, incentivador do progresso, mas totalmente preso à sua própria existência.

A coroa acorrentava os homens e, pode-se dizer que acorrentou a história.

Talvez tenha sido a própria história que se prendeu aos limites que seus homens tinham criado. Entretanto, esta contemporaneidade ao próprio tempo, não sobreviveu. Não sobreviveu à escravidão. Foi derrotada em seu ideal branqueador, porém sua derrota não foi suficiente para livrar nosso tempo de marcas. A derrota do império foi a própria derrota de alguns dos ideais civilizadores da nação. Contraditoriedades que deixaram profundas marcas em nossa cidadania e identidade.

O próprio Império se cercava. Colocava ao seu redor muralhas nem tão grossas, porém muito duras e fortes em seus sentimentos. A arte da história está em perder-se nas fontes, em remendar as teorias, e não se ofuscar pela ciência. Contrariando o ritmo que os homens do XIX viam na história, o historiador deve fazer o olhar amparar suas fontes.

...a história é o oposto da arte e somente quando a história suporta ser transformada em obra de arte, e portanto tornar-se pura forma artística ela pode, talvez, conservar instintos ou mesmo despertá-los. Uma tal historiografia, porém estaria em total contradição com o traço analítico e inartístico de nosso tempo, e até mesmo será sentida por ele como falsificação. (NIETZSCHE, 1874: 281)

É o olhar que observa, retira seu objeto do mundo real quando sobre ele reflete, mastiga e devolve seu pensamento nas palavras e construções mais estranhas e envolventes. Deixa-se envolver pelo objeto e por suas energias desconhecidas, sua força interior. Estabelece vínculos, hierarquias, hipóteses e verdades.

Mas não percamos de vista, que como afirma Peter Burke, – “os historiadores não são livres para inventar seus personagens ou mesmo as palavras e os pensamentos dos seus personagens.”¹³⁵ Todavia, juntar os restos do passado e lhes dar vida, como é próprio da história, traz ao estudioso um complicado problema que, atualmente, discute-se em outras áreas, mais notadamente em relação aos médicos – somos ou não deuses?

O historiador tem pouco desse papel de Deus, revitalizando, ressuscitando os mortos. Não é preciso inventar nomes ou idéias, pois eles já existem, basta tirá-los do esquecimento.

E, então, percebemo-nos mais próximos daquele século XIX, que é, afinal, realmente próximo. Já a ficção não quer ser história, e tão pouco a história quer ser ficção, como também não pretende ser ciência. Clio, a deusa da história passa o século XIX acorrentada.

A solidão romântica tornou-se popular; o mundo natural, o lugar adequado para vivenciá-la... (WATT, 1997: 185)

135

BURKE, Peter.. A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992..

Clio buscava viver esta solidão. Esta busca não a deixou morrer. Ela esta sempre renovada a cada momento. Clio ficou acorrentada à história Mas, em viagem ao mundo natural, sua solidão a libertava.

As viagens são, fundamentalmente, solitárias. Podem ser comuns, porém acontecem, para a experiência de alguns homens, de forma singular. Cada viagem é única. Cada experiência é ímpar. Cada memória é uma história, uma única viagem.

...o Brasil é um objeto digno de uma história verdadeiramente popular, tendo o paiz entrado em uma phase que exige um progresso poderoso; por isso, uma história popular do paiz vem muito a proposito, e possa seu autor, nas muitas conjuncturas favoraveis, que o Brazil offerece, achar um feliz estímulo, para que imprima á sua obra todo o seu amor, todo o zelo patriótico, e aquelle á sua obra todo seu amor, todo o zelo patriotico...(MARTIUS. R. IHGB, 1845: 410/411)

As viagens de Clio tentam romper os limites de uma época. Viagens solitárias. Viagens modernas. A história buscou aquilo que Raymond Willians¹³⁶ chamou de “gosto pelo pitoresco”. Aí estavam seus limites. Aí se encontravam as áreas de permeabilidade de uma época, de muitos pensamentos. O pitoresco é o limite da história e do próprio século XIX. A natureza é para o século XIX, a infância dos homens. O contato com ela é petrificador. Enquanto a cidade e a sociedade são corruptoras, aprender com a natureza era a função da ciência. Era a função de Clio.

A natureza tornava-se inferno, paraíso, jardim. Espaço da paz para os espíritos refinados e, ao mesmo tempo, motivo de desequilíbrio. A natureza ordenada dava tranquilidade para o mundo humano. Dominada, conhecida. Tal como Clio, a natureza

136

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. P. 179

– Demeter¹³⁷, estava presa. Presa às fronteiras do conhecimento. Vivendo sem limites e presa.

História e Natureza, mundos que se confundem. Mundos que vivem suas contradições, seus maiores extremos, seus mais distantes limites. Mundo acorrentados. *Autoacorrentadas* Clio e Deméter.

Precisamos perceber que hoje estão as tais deusas e musas, ainda sob algumas grades. Mas talvez ainda, tenhamos muito o que aprender com os historiadores do século XIX, pois embora estivessem acorrentados, “eram ungidos pela sensibilidade antiquária, foram capazes de levar mais longe suas intuições, articulando novas narrativas pitorescas e dramáticas de um passado até então abandonado”¹³⁸

O nosso tão científico historiador não conseguia estar acorrentado, pois a tropicalidade estava sempre rondando, era sua paisagem, ou antes o seu próprio substrato.

Rios de Memória

Ah! É no novo mundo que o poeta pode estudar sua arte; lá é que deve germinar bem forte e bem superior o seu pensamento criador; aí ele encontra o gracioso ao lado do arisco e do horrível; defronta-se com um quadro palpitante da vida, imenso, megestoso e ardente de poesia, cercam-no recordações de todo gênero, eletrizando-o, atormentando-o; a reclamar lágrimas, longos arrepios e contos imorredouros, os cânticos sublimes! Que gênio estremeça de alegria! Faça êle ressoar as cordas de uma nova lira em um novo mundo! Nada de gasto, nada que lembre a lira européia... Onde tudo é novo, tudo é animado por uma seiva de fogo, onde o pensamento se eleva, engrandecendo-se na liberdade, virgem, ingênuo e belo. (MACEDO. R. IHGB: 1859)

¹³⁷

Deméter é a deusa grega da terra fértil, aqui queremos pensar na natureza como fundadora de uma nacionalidade, no caso do Brasil a fertilidade das terras era também motivo para exaltação, daí a utilização de Deméter como a grande deusa da Natureza.

¹³⁸

BANN, Stephen. *As invenções da História*. São Paulo: Unesp, 1994, p. 163

Verdadeiro lugar da liberdade, o novo mundo retirava o peso dos vícios da história. Dava à nossa deusa uma leve roupagem, toda-nova, "virgem, ingênua e bela". Este lugar tão rico era o lugar onde a imaginação poética e a vontade científica andavam lado a lado. O poeta era também o cientista. O cientista era também o poeta. Não apenas as idéias se fundiam e se misturavam, as profissões dos homens também. Era certo que estes historiadores "autodidatas" que se formavam, através da experiência, começavam, a ter os dias contados. Porém por todo o século XIX estes homens de história foram os famosos bacharéis do Império. Doutores em tudo ou quase. Contadores sofisticados de história, já que estas não estavam sendo narradas ao pé do fogão à lenha. Eram ambientadas nas "nobres" salas do Instituto Histórico, seu público era ilustrado e composto por sérios homens de ciência.

Contavam uma história oficial onde a memória mais sensível aparecia. Suas subjetividades rompem os textos objetivos que produziam. Aquele não era o espaço da poesia, ou de seus rompantes passionais. Estes homens não se vinculavam apenas a uma Instituição. Faziam parte de um mundo com seus limites. Por isso, apenas o IHGB não lhes bastava.

Tantos foram bacharéis que viravam desembargadores¹³⁹, doutores que viravam conselheiros imperiais¹⁴⁰, presidentes de província¹⁴¹, religiosos¹⁴², jornalistas¹⁴³, militares¹⁴⁴.

¹³⁹ Tal como Luiz Thomás de Navarro que escreveu em 1846 o *Itinerário da Viagem que fez por Terra da Bahia ao Rio de Janeiro*.

¹⁴⁰ Tal como José Ribeiro de Souza Fontes.

¹⁴¹ Como José Martins Pereira de Alencastre, bacharel em direito, Joaquim Francisco Lopes, Henrique de Baurepaire Roahn, e Caetano Alves de Souza-Filgueiras.

¹⁴² João Pedro Gay, pároco e professor do Instituto Homoeopathico do Rio de Janeiro; e Gaspar da Madre de Deus doutor em teologia e membro correspondente da Real Acedemia de Sciencias de Lisboa.

¹⁴³ Joaquim Machado Oliveira, guarda livros do Banco Comercial.

Doutores e poetas. Criavam a memória nacional. Apropriavam-se da memória européia sobre o Brasil e as decoravam, coloriam, modificavam, perfumavam. Davam à memória novos traços. Nossa memória e nossas idéias sobre a natureza são ainda fortemente parte daquele século passado.

Vários afluentes de memória tivemos: as histórias das conquistas territoriais, os estudos sobre as línguas nativas, os debates sobre a “humanidade dos selvagens e sua disposição para o trabalho”, a necessidade cristã em um mundo pagão, a crise da religião em virtude da ciência. Estes são alguns dos muitos rios que constituíram os pensamentos, delimitando os mundos de idéias possíveis.

A natureza é, no entanto, o mundo de pensamentos que permeia, ou que aglutina todas essas águas. Isso por que faz parte das concepções religiosas, das necessidades de alargamento das fronteiras. É a paisagem das batalhas, em que, em muitos momentos, o homem foi derrotado antes dos seus inimigos.

O novo mundo respirava natureza, e assim, seus homens eram constantemente incomodados por ela.

A memória que constituiu a história, constituiu também um referencial de natureza. Em uma época de naturalistas, nada mais próprio que perceber a natureza. No diploma do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1914, já observado por Regina Abreu em *A fabricação do Imortal*, a natureza é o pano de fundo. O diploma, assim como os relatos, estavam calcados na imagem de uma natureza. Natureza romântica, tropical no início do nosso século. (ANEXO 2)

As águas eram imponentes. Sua grandiosidade, sua prosperidade, beleza e força impressionavam o homem do século XIX. Deixavam-no entorpecido. Era este incômodo que os levava a retratar e escrever sobre os elementos que compunham o mundo natural. Especialistas em borboletas, animais selvagens, tamanduás, plantas, flores, abelhas e formigas. A organização social dos animais, as sociedades perfeitas criadas pela natureza. Assim, era necessário aprender com o mundo natural. Aprender sobre seu próprio mundo. Compartimentalizavam o mundo natural para poder entendê-lo. Mas as observações isoladas formavam a harmonia. Por mais caótico que pudesse ser à primeira vista, e isto por certo era desafiador, o mundo natural era um mundo de ordem que poderia e deveria ser copiado.

O humano civilizado e individual queria copiar o animal selvagem e social. Era a elite planejando a sociedade americana.

Muitas foram as imagens que se constituíram sobre a natureza, muito se pensou sobre ela. As sensibilidades criadas através de discursos ou imagens são muito semelhantes, pois o mundo de idéias sobre a natureza influenciou arte e ciência, ciência e arte!

Inspiradas por universos comuns as idéias acerca da natureza apareciam como texto ou imagem. Suas marcas eram as mesmas. Verdadeiros marcos de um tempo. As memórias destes cientistas foram tão coletivas quanto individuais. Afetavam um por um, em singularidades, mas também afetavam particularmente a todos. Substrato de pensamento, a natureza constitui verdadeiros rios de memória. Cada um é um, mas formam um todo diferente a cada estação, a cada ano. As descrições, as notícias, os discursos, narrações, informações e dicionários de viagens são retratos, não necessariamente fiéis à sua própria época. São a sua época e, por isso, são exemplares e importantes.

Cada viajante, cada uma de suas viagens e descrições representam um dos afluentes destas bacias hidrográficas complexas que formam o pensamento. Vão de conceito em conceito, de idéia em idéia, formando rios da história, repleto de memórias únicas, tão semelhantes e diferentes ao mesmo tempo. Tantas idéias quanto homens. Encontradas no IHGB, oficiais, encontradas em seus limites. Como o encontro do rio com o mar, turbulentas, distintas, espetaculares.

Assim no curso dos rios, revela-se uma história que são muitas. Uma história que são viagens. Uma história viajante.

3.2. FLORESTAS DO PENSAMENTO: LEITURAS VIAJANTES

Espelhos Estilhaçados

Se creia que el historiador sempre que se mantuviera libre de sus inclinaciones y passiones y amara la verdad, se podria convertir em límpido espejo de la realidad y verdad historicas. (MEINECKE, 1982:80/81)

A história, no século XIX, buscava conferir verdade aos fatos. Quando Meinecke explica o pensamento de Rousseau, em sua obra *El Historicismo y su genesis*, lembra os espíritos dos homens cientistas brasileiros do século XIX, ainda que não falasse deles em seu discurso. O pensamento europeu, entretanto, ultrapassou muitos espaços e muitos tempos. O espírito destes cientistas bebia outros espíritos, outras idéias.

A formação intelectual de nossa elite, como nos mostrou José Murilo de Carvalho, que até 1870 havia sido formada na Europa, passou a ser formada no Brasil. Os Institutos e as academias de ciência foram, durante este período (1822-1889), grandes responsáveis por estas mudanças. Mais que nas mudanças, aguçaram o desejo e a necessidade de trazer o progresso e o desenvolvimento para esta nova Nação. Isso porque a idéia de nação só surgia no Brasil, a partir de 1822 com a Independência. O IHGB estava novamente localizado e mais que isto, situado no pensamento nacional. Durante os anos 1839-1870, foi a grande instituição da história, mas principalmente da história viajante.

Aos moldes do ensino francês, como era também o ensino acadêmico em Portugal, nascia o pensamento nacional, a elite intelectual, os viajantes. Nascendo e crescendo para se tornarem estes “espelhos estilhaçados” da realidade. Inspirados por sentimentos e idéias sobre o homem e, portanto, sobre a história.

As matas e toda sua explosão de vida fascinaram e modificaram as relações do homem com a natureza. Sua variedade, riqueza e belezas ofuscaram o brilho e a força dos homens. A força das matas estilhaçou os homens, quebrou seu controle. A natureza era tão imensa que tomou os cientistas.

Aos monumentos da história do globo, às peças de sua chronologia que se ligam por suas analogias aos índices, que nos guiam no conhecimento da idade relativa das suas formações sucessivas, como diz o venerando Alexandre de Humboldt, falando da ordem das superposições dos estratos sedimentosos, das camadas metamorphicas,, ... estão preservados os mais brilhantes resultados, que já fazem o orgulho da ciências. (D. PEDRO II. R. IHGB, 1852:131)

Tomados de uma sensação inusitada, tentaram refazer seus pedaços. Remontar seu mundo. Mas as faces da natureza já desordenavam as peças, mudavam as sensibilidades e o significados. A necessidade de um agente para a história, de algo unificador fez os homens curvarem-se ante tanta grandeza. Idealizaram um mundo caótico, transformaram-no em conhecido¹⁴⁵. Montaram, com os pedaços do espelho, um mosaico que já tinha pouca coisa de seu estado original. Com seu relato, com sua voz, aparavam as arestas da natureza, limpavam todo o desagradável ou, pelo menos, apresentavam-no acompanhado de críticas muito esclarecedoras.

A ciência tentava explicar toda a complexidade do mundo natural. Enquanto a ciência explicava e admirava sua beleza, as matas iam sendo derrubadas ou queimadas. As cidades e o desenvolvimento do século XIX, além das belezas das plantas, precisou de

145

"Além disso pensava eu, e penso ainda, que aquelle que nunca soffreu incommodos, que não experimentou perigos, não pôde bem apreciar os commodos e os prazeres da vida tranquilla; porque é tal a fraqueza da natureza humana, que só no contraste do mal se pôde apreciar devidamente o bem. Demais, na primeira viagem (a da côrte de Goyaz): a curiosidade, a idéias de cumprir os deveres do cargo de havia aceitado, o desejo de ser útil ao paiz, administrando justiça, onde esta nunca tinha imperado... dando notícia de suas riquezas, o receio de commetter uma falta po excessos de lincença, fizeram-me ter em pouca monta as difficuldades e perigos da viagem." In: GOMES, V.F. *Itinerário da cidade de Palma, em Goyaz, a cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins*. R. IHGB. 1862:486

madeiras e lenha. Precisou de terras para plantar. A devastação foi irrecuperável como nos mostrou Warren Dean em seu *A ferro e fogo*.

A queimada da floresta para plantar cafezais foi a principal causa, mas não a única, do desflorestamento no século XIX. O comércio do café induziu o crescimento demográfico, a urbanização, a industrialização e a implantação de ferrovias... A população humana da região sudeste da Mata Atlântica multiplicou-se de modo invulgar no século XIX. Contando com cerca de um milhão de pessoas em 1808, atingiu 6,4 milhões em 1890. (DEAN, 1996: 206)

A cultura e civilização penetraram a natureza e a destruíram, exaltaram-na e relataram-na. Viveram como seu tempo pedia. Somos herdeiros deste mundo de destruição que nos acompanha a cada nova queimada, a cada novo crime.

Com o conhecimento, o homem dominou a natureza. Conhecimento e força, fogo, machado e serra. Este foi o fim de grande parte da nossa natureza e da nossa sensibilidade. A grande responsabilidade do nosso tempo é preservar o que resta. Na ecologia, na consciência e na história. Pois natureza não é apenas mundo natural. Natureza também é pensamento, sentimentos e idéias.

Inventariamos o mundo natural, dele fizemos nossa sociedade, dele criamos nossa idéias de natureza. Os homens do século XIX sabiam disso. Eles também inventariavam, criavam. Destruíam e conheciam, eles viveram a natureza e a história.

Assim, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro representa o espelho da civilização brasileira e sua ciência, um espelho estilhaçado. Suas partes não produzem o mesmo todo e a cada modificação da iluminação, as figuras mudam, bem como conforme a proximidade ou não do observador. Reflete fragmentos que produzem outros todos, que ainda são outros conforme incide o olhar.

Bem conheço que aquillo que nos acontece ácerca de notícias antigas, succede em todos os outros lugares do universo; não existe obra alguma historica dos tempos passados e dos modernos, que não contenha muitos erros por motivos mui-differentes. Os gregos sempre orgulhosos, horaram Herodoto com o ephiteto de pai da história: essa asserção é falsa... A história dos médos é outro amontoado de falsidades... É certo que no Brasil muitos diplomas que podiam servir de baxes á história, levaram descaminho, tanto no originaes como em registros dos archivos de diversas repartições; mas assim mesmo não é absolutamente impossivel descobrir dentro e fóra do imperio os elementos necessarios para a boa historia, ... (MATTOS: R. IHGB, 1863:139)

Nas Entranhas da Terra

A natureza é o todo; sempre existiu; e sempre existirá, é nela que o homem pode encontrar a sua realização. (LENOBLE, 1969: 189)

A relação do homem com a natureza, o seu “pensar sobre”, foi o que possibilitou a dominação, a tomada. Esta idéia criada - de tomada do meio - é marcante na cultura nacional. É ela que reatualiza nacionalismos, ufanismo e a própria sensibilização nacional. Cada dia que passa um sentimento em relação ao meio se faz mais forte. As próprias catástrofes ecológicas deste e de outros tempos não nos deixam esquecê-lo. Acidentes radiativos, lixo tóxico, lixo hospitalar, queimadas, derrubadas, contaminações. A natureza, como a história, lança-nos seu grito. Um mundo que domina os processos de criação da vida, também domina os processos de negação a essa criação - a morte. Aqui pensamos se é na natureza que o homem pode encontrar sua realização, como Lenoble resgata do pensamento antigo: que será dele quando a natureza acabar? É certo que os antigos jamais poderiam imaginar a que ponto o mundo chegaria! E nem é este o papel da história. Nem o século XIX conseguiu perceber este futuro.

O século XIX desejava construir suas nações. O Brasil foi uma delas. O pensamento em suas entranhas, em seus retorcidos caminhos, pensou a história.

A visão varnhageriana de mundo explicita um determinado entendimento político da sociedade do século XIX. Nos meios intelectuais, a concepção de nação branca e européias fundamenta a problemática nacional brasileira. (PAZ:1996, 244)

A intelectualidade do IHGB no século XIX foi tomada por muitos pensamentos acerca do mundo que a rodeava. Nação, civilização, povo, identidade e história. Temas em formação tropical, fragmentos sobre os quais incidiu o olhar viajante. A civilização que o império fundou, carecia de um povo e a única identidade que possuía era a da natureza em sua grandiosidade.

A nação branca estava em vias de acontecer, pelo menos era esta a intenção dos homens de “sciencia” daquele momento. E este foi, sem dúvida, um momento importante para a constituição do pensamento nacional. Originárias do império e nascidas dentro de seus limites, as idéias nacionais, pela primeira vez na história brasileira tomavam força. O Brasil passava do domínio dos céus ou do inferno, para os domínios da ciência e da história.

É certo que a ciência e a história estavam vinculadas à objetividade e apesar de ainda se entusiasmarem com a natureza, já não era o entusiasmo pelo maravilhoso, como pensadores que viam e relatavam absurdos, criados por sua própria experiência, e nos seus sentimentos de medo e terror.

O mágico, os monstros e os selvagens que existiam já eram domínio do conhecimento e dos parâmetros de objetividade científica. Hoje até podemos criticar tal objetividade, e mesmo dizer que é inexistente, mas não podemos esquecer que a divisão entre ciência e

fantástico, entre observação e imaginação foi um conceito de fundamental importância para a formação de nossas idéias e concepções a cerca do mundo.

O talento do historiador, diz o barão de Barante, assemelha-se á sagacidade do naturalista, que com pequenos fragmentos de ossos, colhidos de escavações, como que resuscita um animal, cuja raça desconhecida existia em plagas que soffreram cataclysmos... (BARBOSA. R. IHGB, 1839:14)

O conhecimento do século XIX, em sua raiz mais profunda, tentou varrer tudo o que não fosse verdade, para limpar o mundo do elemento fantástico. Dividiu a experiência em sonho e observação. Inaugurou um mundo que nos precedeu, ao qual temos nos voltado constantemente..

A intelectualidade buscava aquilo que estava atrás de tudo – a origem. Estávamos por conhecer a *teoria da evolução das espécies*, de Darwin, que data de 1837, publicada pela primeira vez na Inglaterra em 1859. Queríamos conhecer a origem do mundo, do homem e das nações. Para isto, a ciência foi fundamental, pois levou os homens até as entranhas da terra. Várias teorias sobre várias origens surgiam. Cada povo celebrava seu passado redentor e glorioso. O universo celebrava a hierarquia entre sociedades mais ou menos organizadas, mais ou menos fortes, com maior ou menor chance de sobrevivência. Conhecer bem, conhecer profundamente, conhecer cientificamente – este era seu maior desejo.

Em no dia 16 descarregaram-se tres canoas, e em 17 as outras tres, indo as cargas por terra com 240 braços de caminho. Na tarde d'este dia passaram todas as canôas á sirga a cabeça d'esta cachoeira, em que há dous saltos.... É esta dita cachoeira composta por uma infinidade de pedras, as mais d'ellas coberatas d'agua, que forma repetidos e espumosos caixões. É sua latitude de 9º, 31' e 21", e pouco antes de chegar a ella entra no Madeira, pela margem occidental o pequeno rio dos Ferreiros; nome que se dá a certas aves por terem o seu canto mesmissimo com as alternadas pancadas que dão os mestres d'aquelle officio sobre a bigorna. (SERRA. R. IHGB, 1857: 411/412)

Não demorou para que o homem logo se identificasse com os animais silvestres, importando do reino da biologia teorias para suas sociedades. Assim os mitos do nascimento dos povos, tomaram conta dos espíritos nacionais e patrióticos por todo o mundo. Ranke, no auge de seu germanismo, aponta:

Os povos que não tiveram o privilégio de originar-se das grandes invasões do século IV a VII, que não se puseram logo sob a égide da Igreja de Roma, que não tomaram parte nas cruzadas e direta ou indiretamente nos descobrimentos ultramarinos, que não se viram envolvidos, dentro do mesmo espírito Cristão, ocidental nas guerras de religião do século XVII e nem da Ilustração do século XVIII, esse povos não têm salvação diante da história. (RANKE, 1979: 30)

O século XIX realizou o grande movimento de buscar no seu território objetos, nomes, e histórias para projetar o país em todo mundo. Era o desejo de ser uma nação *gigante*, ainda que não pelo homem, e sim *pela própria natureza*. É este o desejo imperial. A busca de uma origem digna, a necessidade de fundar um passado, de contrariar Ranke e salvar nossa história, em última análise, salvando a própria alma viajante, é a mais premente necessidade no século XIX. Encontrar o espaço do Brasil no cenário da monumental história mundial.

Monumental ou não, o Brasil sempre quis figurar no cenário mundial da história. Sempre atrás das grandes potências econômicas, desde que iniciou sua história, pela primeira vez, queria pensar em si como nação. Não importava se os ingleses levavam todas as riquezas. Não era isso que incomodava os nobres cientistas daquele tempo. Na natureza o que realmente importava era a beleza, a variedade e a abundância de vida. Abundância que significava lucro e abastecimento.

Rios e matas abundantes, isto sim fez o entusiasmo de tantos homens. Mas também devemos lembrar que esses cientistas eram ilustres senhores com a vida já bem servida.

Seu espírito de pura busca científica era mais que desejo, era também necessidade. Eram, como gostavam de pensar, verdadeiros intelectuais do século passado, e como tal, buscavam entender seu mundo e, preferencialmente, o mundo exótico que lhes estava separado pelos inúmeros obstáculos impostos pela própria natureza.

A natureza constitui a pureza do homem, sua origem, seu lugar de entrega. Homem e Natureza se confrontam, misturam-se. Cada um tem em si um pouco do outro. O homem se apropria e vive a natureza. A história aloja o homem nas entranhas da terra. No interior da natureza.

Por uma Clio Tropical

Precisamos de uma história que nos eduque para a descontinuidade de um modo como nunca se fez antes; a ruptura e o caos são o nosso destino. (WHITE, 1994 : 63)

Durante muito tempo a história trabalhou na perspectiva da continuidade. Voltamos novamente ao século XIX. Ele é o grande responsável por estas idéias. Não foi o único, pois o cristianismo, assim como o próprio marxismo, deixaram-nos uma temporalidade contínua e progressiva. Nunca retrocederíamos no curso da história. Sempre a continuidade em direção ao futuro.

Com um olhar um pouco mais crítico percebemos que nas nossas rupturas o elemento da continuidade permaneceu. Do Império para a República. Da Colônia para o Império. Nossa identidade não foi totalmente rompida. Costumes, idéias, sensações não sofreram as rupturas épicas das quais sempre a história nacional se ressentiu. Não tivemos nenhuma Revolução Francesa, sequer tivemos um Napoleão, também não possuímos nos anais de nossa história, de pensadores iluministas, nenhum Ranke ou Darwin.

O pensamento nacional e a elite intelectual brasileira daquele período eram ofuscadas pela pomposidade dos grandes centros difusores do pensamento europeu. Mas nós tínhamos grandes *copistas* que queriam importar idéias como se importa mercadoria. Estes copistas culturais – nossos homens de ciência queriam importar pensamentos, com a mesma forma e conteúdo daqueles que existiam na Europa. Copista infelizes que tiveram seus desejos frustrados, e até certo ponto, bastante ingênuos, pois acreditavam na própria imparcialidade. Aqui, o pensamento não foi o mesmo que partira da Europa.

Clio rompeu as amarras de sua própria existência. Tropicalizou-se, criando verdades e idéias. Vestindo-se com as plumas coloridas das aves, com as cores das flores e os aromas perfumados das frutas. Podemos dizer que era uma Clio que se rendia à simplicidade do calor e da umidade.

...enquanto há leis na história, as leis não valem nada e a história não vale nada. (NIETZSCHE, 1874 : 287)

Clio, rompendo as grades e amarras, quebrou as leis rígidas do conhecimento. Os relatos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro mostram esse desrespeito aos limites impostos. A história realmente valeria agora. Mesmo que existissem leis, aqui foram burladas. Foram rompidas. Esses relatos são a face desta Clio tropical. A ciência e o sentimento se fundem. Acontecem paralelamente.

A musa da história estava no éden tropical, sua nova morada. As águas e o verde compunham seu cenário. Estava ela, entre cachoeiras e flores, entre pássaros e belezas.

Buscava e colhia todas estas formosuras e as dispunha dentro de livros, gavetas e estantes. O lugar da história era o oposto ao seu lugar de idílio- a natureza. O saber e seu desejo inventariador queriam realizar aquilo que Simon Shama chamou de

“enciclopédia viva da criação”¹⁴⁶. Era este o desejo da história neste século tão singular que foi o XIX.

Sabida já a sua vida e desprezo das riquezas, tradições e agouros em que se crião, também é notável o pouco resguardo e pouco melindre com que se tratão as mulheres paridas, porque não usam de cerimonia, bem assim como parem as feras e bichos dos matos: é porem inviolavel nellas a cerimonia de irem logo banhar-se no rio, e lavar o filho; e todos os dias repetem esta mesma diligencia; e desta criação desde que nascem se póde conjecturar o seu costume de patlnhar n’agua como patos. (VANHERGEN. R. IHGB, 1840:351)

O perigo, o medo, o desconhecido excitava os cérebros, eram os desejos intelectuais dos homens que circulavam pelas publicações da Revista do Instituto.

A paisagem pacificada, ordenada, arrumada e representada nos relatos era a mesma dos pintores daquele período. Eles eram artistas e pouco queriam saber das ciências, colocavam suas emoções nas obras. Se observarmos suas obras, como os relatos dos cientistas, não encontraremos muitas diferenças. (ANEXO 3)

O ideal inventariador levou o Império a sustentar ou ajudar instituições que cuidavam da história e da natureza. Ou ainda da *história natural* que é a nossa biologia, que unia parte da história da humanidade através do desenvolvimento e da evolução do meio natural. Varias são as instituições desta época. O Jardim Botânico, o Museu Nacional e o nosso tão referido Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. As estufas para plantas, os zoológicos, as coleções de orquídeas, fazem parte deste ideal de civilizar a natureza, organizando-a. Os jardins também são parte desta idéia.

... e a história, honra aos que lhe consagram constantes desvelos. Eis, Srs., não esmoreçamos á vista das grandes dificuldades que sahirão ao encontro dos nossos

146

SHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 533

designios; fitemos os olhos no bem de nossos patricios, na gloria da nossa nação, na nossa propria honra, e nós celebraremos todos os annos o dia anniversario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que somos creadores, apresentando ao publico relatorios dignos de suas attenção pelos uteis trabalhos que fizemos. Seja-me ainda permittido terminar este discurso com uma invocação ao Eterno; tomada das palavras do santo Isaías: - E tu, Senhor atêa em luzeiro eterno, faiscas tuas assomadas neste horizonte... Mimosas esperanças caminham em triumpho de molestas difficuldades... Compraze-te em dar-lhe rego aberto, que engrosse o plantio por ti disposto. (BARBOSA. R.IHGB, 1839: 21)

Pensando que a natureza vem compondo o mundo humano desde sua infância e que o espaço onírico e maravilhoso, esta verdadeira Arcádia, existia sem que a natureza realmente assim fosse, como nos mostra Schama¹⁴⁷, aqui, junto ao mundo real da natureza, em meio a florestas e rios, a animais e plantas exóticas, a Arcádia se fazia mais presente. O mundo natural era transportado para o pensamento, retirado, assim, do seu espaço real, modificado. As lentes, os olhares e as palavras, tornavam o mundo natural em um lugar de passeio, um lugar de poesia e beleza. Retiraram quase todos seus perigos, ainda que o medo lhes rondasse. E o perigo, quando havia, pouco era próprio da natureza, e muito dos homens selvagens, ou toscos do interior do país. Homens com pouco contato com a verdadeira civilização imperial.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nú, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. ... Um dia, ao pino do sol, ela repuosava em um clro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos nas folhagens os pássaros ameigavam o canto. (ALENCAR, 1981:14)

Ali estava Clio. Sentindo a frescura das águas e o vento nas folhas das árvores. Nossa Clio tropical talvez traga nas faces uma leve lembrança de Iracema, a virgem com

¹⁴⁷
ibid. p. 522/523

lábios de mel, “lembrada pelo canto da jandaia no alto do coqueiro”¹⁴⁸, nosso mito nacional da relação com a natureza. Nossa infância como humanidade, a pureza, a dor, a beleza, a própria identidade que representa. Iracema poderia vir a ser a musa da nossa história. Uma musa da natureza. Nossa Clio tropicalizada. Recostada em pedras na areia da praia, ou na beira de um rio repleto de quedas.

Ao Sabor do Vento

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores

Em cismar sozinho à noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho à noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá

Não permita Deus que morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores,
Que não encontro eu cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

(Gonçalves Dias, Coimbra, 1843)

¹⁴⁸

RIBEIRO, Luís Felipe. Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Rio de Janeiro: Eduff. 1996. P. 226

O romantismo, em seu tom poético ou científico, exaltava a nação, os encantos e as belezas deste tão grande Império, principalmente quando distante. Distantes do Brasil, ou distantes da natureza, os homens iriam relembrar e cantar suas belezas. A memória é a própria melancolia da recordação. Porém, é também seu desejo. A saudade da natureza comoveu esta geração de pensadores. Distantes ou não vão, cultivaram este sentimento. Mesmo sem a natureza que causa a saudade ser conhecida totalmente. É então saudade do que nunca se conheceu.

E como foi triste e comovente esta geração de intelectuais brasileiros. Exilados ou não eram tocados por este soneto, possuíam uma alma exilada. Soneto que cantava os sentimentos patrióticos de todos os súditos de tão grande império. A natureza foi o elo perdido entre o homem e sua história. Ela que foi muito mais que mundo natural pois envolveu os homens naquilo que lhes era tão fundamental – sua origem, sua identidade, seu reconhecimento.

O mundo natural foi sendo saqueado, destruído, usurpado, enquanto a natureza era objeto de sonho e desejo.

Esta talvez seja outra característica importante da cultura nacional, que permanece até hoje - a nossa contradição. Os homens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pensaram um mundo que era apenas deles. Não enxergaram além das janelas daquela Instituição. Além dos muros, seu olhar encontrava mais ciência que realidade, por que eles sim conseguiam distanciar estes dois mundos – ciência e vida – como se não fossem um mundo único, compartimentalizado, inventado.

Entretanto, a vida, como a ciência e a própria história, é multifacetada, existem amontoados de fragmentos dispostos de uma forma diferente em todos os momentos. É como um grande caleidoscópio, com formas diversas, com verdades distintas.

Devemos lembrar que as idéias circulam. Circulam como o ar, estão presentes no ventos. Sem muita lógica, sem muita previsibilidade. Vagam nos ventos ao sabor de sua velocidade. Vagam ao sabor do vento, sem rumo, sem data, sem nome. Simplesmente vagam.

Por um lado, não somos índios nem europeus, mas uma espécie intermediária entre os legítimos proprietários do país e os usurpadores espanhóis, ... assim, nos encontramos na mais extraordinária complicada situação.
(BOLÍVAR, 1992: 61)

Situação complicada a que nos encontramos. Estamos entre a cruz e a espada, entre o desejo e o possível, entre a realidade e a recordação, entre sonho e melancolias. Fazemos parte de uma geração que precisa saber o que realmente é. Por isso buscamos no vento, na brisa do mar, na história algumas respostas para perguntas que não foram feitas. Lançar palavras ao vento é eternizá-las, mesmo que ninguém as tenha ouvido. Não somos deuses, mas eternizamos palavras, palavras já esquecidas, memórias de um mundo próximo e tão distante, memórias retomadas por nós. Buscamos sua redenção, sua salvação, sua eternização. Palavras que revivem e ressoam outros tempos. Ressoam quando o vento passa por nossa janela, quando bate em nosso rosto. Este vento que já tantas palavras eternizou, volta a nós.

EM BUSCA DO CALEIDOSCÓPIO: TANTAS JANELAS PARA O TEMPO

Por várias vezes, no decorrer deste texto, referimo-nos à imagem do caleidoscópio como um de nossos referenciais. Uma imagem que chega mesmo a ser peça principal. E assim como o tempo todo, durante estes dois anos e meio de realização desta dissertação, é uma imagem constante em nosso pensamento. Ao lado de outras grandes idéias norteadoras deste trabalho, os quais são: o anjo de Walter Benjamin, as estátuas pensantes de Norbert Eliás, o cientista “benignus” de Augusto Zaluar, a devastação de Warren Dean, e ainda as idéias mais inspiradoras, trazidas pelos olhares viajantes, deram história ao pensamento.

E se deram história, glorificaram os historiadores do século passado, lembraram seus nomes e páginas, salvaram sua alma. Existem nomes e rostos que devem ser lembrados. Existem nomes e rostos que devem ser compreendidos não por seus feitos milagrosos, suas fragilidades e seus heroísmos, mas sim por suas idéias.

As idéias dificilmente são solitárias, pois permeiam mundos e realidades. O pensamento e a experiência têm na solidão sua medida. Isto não quer dizer que as idéias sejam participadas por toda a população. Os homens que circularam nas salas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro não representavam toda a população do Império Brasileiro. Porque simplesmente não representavam os anseios e idéias dos súditos e subalternos deste governo monárquico. Era órgão oficial, e isso vale dizer que era o espelho das vontades e pensamentos de uma elite imperial, uma elite ilustrada. É ainda verdade que, em muitos momentos, chegava a ser um espelho estilhaçado, mas que ainda refletia seu brilho científico.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro agrupou homens tão significativos para o poder, tão importantes para o pensamento imperial, mas não foi a única instituição que agrupou homens ilustres. Sua especialidade para história e geografia e sua construção de idéias são sua originalidade, pois era uma instituição voltada à história. Ao lado dos Institutos Regionais, dos Museus e de outras sociedades científicas, agrupou a elite intelectual do Brasil durante o século XIX.

Por ali passaram nomes, idéias, experiências e memórias. As páginas de sua Revista, que tem circulação a partir de 1839, são os documentos desta digna passagem da história. Digna aos moldes dos desejos de sua época. Símbolo da vontade científica foi o principal *locus* de discussão e debates das idéias daquele momento.

Estas idéias, sua formação e seus limites nos lançaram seus apelos. Nação, civilização, homem, história. Desejos e melancolias. Ciência, sublimação, sentidos. Olhares e Memórias. Descrições. Palavras e idéias que circularam neste trabalho. Que circulam o nosso mundo.

Esta foi mais que uma história, uma viagem. Uma viagem pela própria história, através dos pensamentos que a constituíram. Uma viagem que encontrou a natureza e nela achou sua originalidade, a originalidade de uma nação. Ou ainda a originalidade de um pensamento nacional.

Entre nós e os homens do século XIX existem muitas diferenças. Nosso mundo, nossas relações, nossos pensamentos são absolutamente diferentes. Mas esta diferença é que nos faz encontrar neles algumas proximidades, algumas semente

de nós. Sementes que muitas vezes ficaram adormecidas enquanto outras germinam. Porém, lá estão adormecidas. A natureza constituiu a nação, inventou uma unidade, fundou um povo. Nós também temos a natureza como um mundo de pensamentos, ações e idéias que nos “incomodam”, ou utilizando outras palavras, mexem conosco. Assim nos aproximamos do século passado.

Como aqueles que ocuparam o país, defendemos e destruimos. Nós também temos um machado nas mãos e nos filiamos a Instituições Ecológicas. Destruímos e defendemos; isso também nos aproxima daquele tempo.

Como eles, buscamos nossa história, as origens de nosso pensamento, a fundação de nossa sensibilidade. Aqui somos tão diferentes, ainda que busquemos a mesma coisa. Já não queremos a ciência. Apenas queremos a história. Nossa objetividade é o subjetivo. Nosso método é o próprio fragmento. Talvez os homens daquele tempo ficassem de cabelos em pé, se pudessem ler este trabalho. Com certeza não devem ter pensado que seus desejos e melancolias pudessem um dia ser objeto para a história. Nossas idéias acerca da história são completamente diferentes daquelas que os viajantes do XIX possuíam. Ainda que aí possamos perceber a origem de muitas idéias que conhecemos.

É, são muitas as janelas que podemos abrir neste túnel do tempo, que é a história. Cada uma destas janelas constitui uma nova visão cheia de detalhes novos.

Entretanto, novamente resgatamos o fragmento que Frederick Turner apresenta: *um viajante chega tão longe quanto consegue e não quanto deseja*.

Muitos são os limites destas viagens. Nossa e do século XIX. Limites impostos ou criados pelo nosso próprio tempo. Por nossas próprias idéias. Limites que

adestram o olhar, refinam os pensamentos, controlam desejos, acorrentam a história.

Lutamos por sua libertação, que é a nossa própria. Libertação que é apenas possibilidade, que é tentativa, diferente, inconstante e fragmentária a cada instante. Libertação que são as próprias idéias.

Desejos e melancolias que criam sentidos e verdades. Que criam a necessidade da história, a necessidade da viagem.

Em busca do caleidoscópio, devemos recordar aquilo que um professor muito especial afirmou em seu último trabalho.

...explicamos o passado pelo que é forte no presente...
(PAZ, 1996: 53)

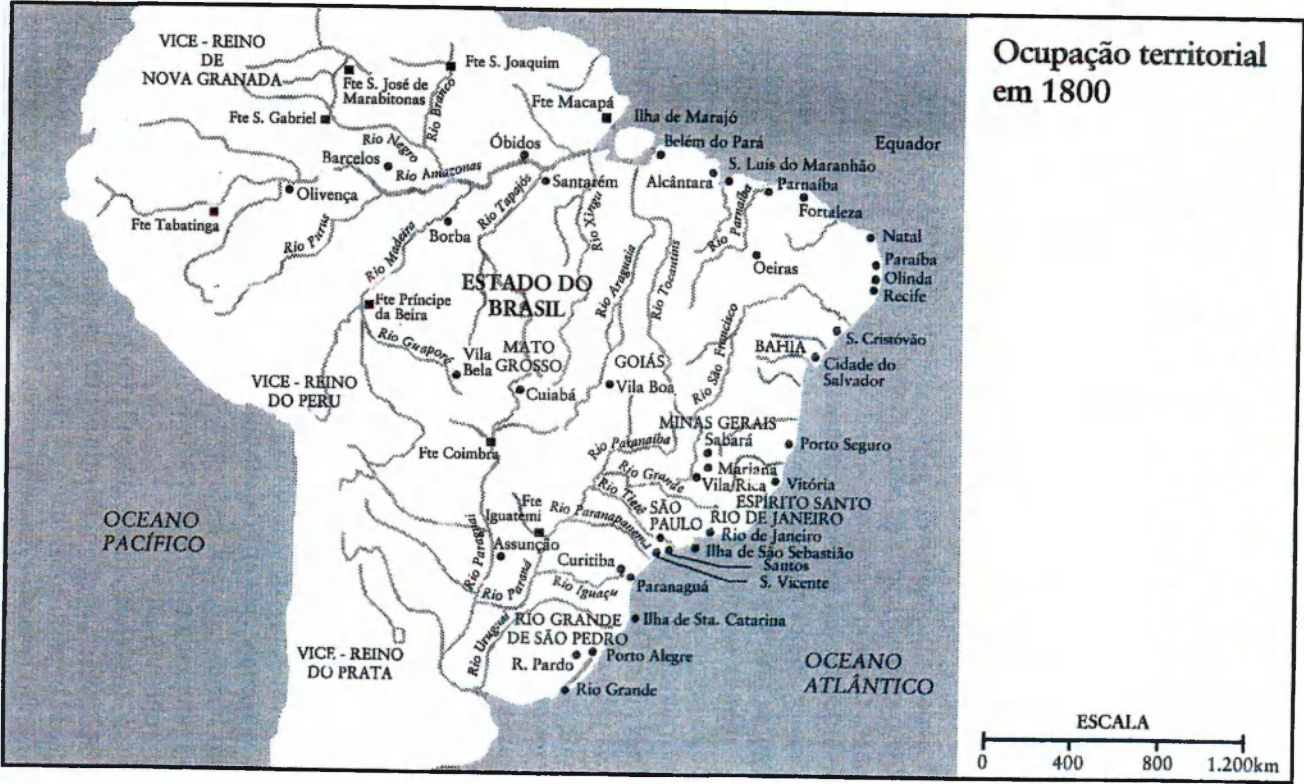
Esta é a janela que se abre para o tempo. Desta forma observamos nossos outros. Com as mãos movimentando este tubo de pequenos e coloridos fragmentos que se fazem em desenhos e realidades mágicas, observamos o tempo. Apreendemos nosso outro. Lembramos este passado e esquecemos outros. Entretanto, quais passados esquecemos e que poderiam ser lembrados?

Esta é uma questão que, neste relato da história em viagem, jogamos ao vento para que outros momentos respondam. Aqui apreendemos um passado, não observamos o que esquecemos e sim o que lembramos.

Mas ainda fica aquela sensação de jogar palavras ao vento e senti-las partir. Observando a história e libertando esse passado, para que ele também faça muitas outras viagens.

ANEXOS

ANEXO 1



MAPA DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL EM 1800. In: WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994.p. 335

ANEXO 2



DIPLOMA DO IHGB DE 1914. In: ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*. Rio de Janeiro: LAPA/ROCCO, 1996. P. 134

ANEXO 3



ÍNDIO FLECHANDO UMA ONÇA – óleo sobre tela de Johann M. Rugendas. In: BELUZZO, Ana Maria. (org.) *O Brasil dos Viajantes*. Vol. III. São Paulo: Fundação Odebrecht. 1997. P. 166.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. FONTES

1. ALMADA, Manoel da Gama Lobo de. *Descrição Relativa ao Rio Branco e seu Território* in: R. IHGB, tomo XXIV. vol. 24. 1861
2. ALMEIDA, Hermenegildo Antônio Barbosa. *Viagem à Villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, de Mucury, e aos rios Mucury, e Peruhibe.* in: R. IHGB. tomo VIII, vol. 08. 1847
3. ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro. *Diário de uma viagem Mineralógica* in: R. IHGB. Tomo IX. Vol. 09. 1847
4. BARBOSA, Januário da Cunha. *Breve notícia sobre a Criação do IHGB.* in: R. IHGB. tomo I, vol. 01. 1839.
5. BARBOSA, Januário da Cunha. *Discurso.* in: R. IHGB. tomo I, vol. 01. 1839.
6. BARBOSA, Januário da Cunha. *Extractos dos Estatutos do IHGB* in: R. IHGB. tomo I, vol. 01. 1839.
7. BARBOSA, Francisco de Oliveira. *Notícias da Capitania de São Paulo.* In: R. IHGB. tomo V, vol. 05. 1843.
8. BUENO, João Ferreira de Oliveira. *Simples Narração da Viagem que fez ao Rio Paraná* in: R. IHGB. tomo I, vol. 01. 1839.
9. COUTINHO, Francisco de Souza. *Diário da viagem à colonia Holanzesa do Surinam.* In: R. IHGB. tomo VI, vol. 06. 1845
10. DRUMMOND, Antonio de Meneses Vasconcellos. *Descrição Geográfica da Capitania de Matto Grosso.* 1797. In R. IHGB. Vol 20. Tomo 20. 1857
11. Documentos Officiaes . *Informação sobre as matas da capitania da Parahyba.* In: R. IHGB. tomo VI, vol. 06. 1839.
12. D. PEDRO II. *Sobre o Descobrimento do Brasil.* In. R. IHGBtomo XIV. Vol 14. 1852.
13. ELLIOTT, João Henrique. *Itinerário das Viagens Exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da Villa de Antonina e o Baixo Paraguay, na Província do Mato Grosso, feitas nos anos de 1844 a 1847.* R. IHGB. tomo X, vol. 10. 1848

14. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Gruta do Inferno*. In: R. IHGB. tomo IV, vol. 04. 1842
15. GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz à que vulgarmente chamamos de Brasil*. in: R. IHGB. Tomo XXI. Vol. 22. 1858.
16. GOMES, Vito Ferreira. *Itinerário da cidade de Palma, em Goyaz, a cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins*. In: R. IHGB. Tomo XXV. Vol. 25. 1862.
17. JARDIM, Ricardo Gomes. *Descrição da Costa de Pernambuco até os Baixios de São Roque* in: R. IHGB. tomo VI, vol. 06. 1845
18. LEVERGER, Augusto. *Diário do reconhecimento do Rio Paraguay, desde a cidade da Assumpção, até o Rio Paraná*. In: R. IHGB. tomo XXII, vol. 22. 1859
19. MACEDO, Joaquim Manoel de. *Discurso do Orador do Instituto Histórico o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo*. In: R. IHGB. tomo XXII, vol. 22. 1859
20. MARTIUS, Carlos Frederico de. *Como se deve escrever a História do Brasil*. in: R. IHGB. tomo VI, vol. 06. 1845.
21. MATTOS, Raymundo José da Cunha. *Dissertação acerca de Escrever a História Antiga e Moderna do Império do Brasil*. In R. IHGB. tomo XXVI, vol. 26. 1863
22. NAVARRO, Luiz Thomás de. *Itinerário da Viagem que fez por Terra da Bahia ao Rio de Janeiro*. In: R. IHGB. tomo VII, vol. 07. 1846
23. OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. *Programma: se todos os indígenas do Brasil, conhecidos até hoje, tinham idéa de uma única divindade...* in: R. IHGB. tomo VI, vol. 6. 1844
24. RANF, Carlos Christiano. *Memória sobre o Descobrimento da América* in: R. IHGB. tomo II, vol. 02. 1840
25. RIBEIRO, Francisco de Paula. *Roteiro da Viagem às Fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goyaz*. In: R. IHGB. tomo X, vol. 10. 1848
26. ROHAN, Henrique de Beaurepaire. *Viagem de Cuyabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em 1846, por H.B.R., major do imperial corpo de engenheiros, e membro correspondente do Instituto*. In: R. IHGB. Tomo IX. Vol. 09. 1847
27. ROLIM, Antônio (conde de Azambuja). *Relação da Viagem da Cidade de São Paulo para a villa de Cuyabá em 1751*. In: R. IHGB. tomo VII, vol. 07. 1846
28. SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro. *Extrato da Viagem das povoações da Capitania de São José do Rio Negro*. In: R. IHGB. tomo I, vol. 1. 1839
29. SÃO LEOPOLDO, Visconde de. *Programma Historico*. In: R. IHGB. tomo I, vol. 1. 1839
30. SERRA, Ricardo Franco de Almeida. *Navegação do Rio Tapajóz para o Pará, escrita em 1779* in: R. IHGB. Tomo IX. Vol.09. 1847

31. _____. *Diário do rio Madeira (1790)*. In: R. IHGB. Tomo XX. Vol. 20. 1857.
32. SILVA, José Vieira Rodrigues de Carvalho e. *Viagem às Caxoeiras de Paulo Afonso*. In: R. IHGB. tomo XXII, vol. 22. 1859
33. SOUSA, Pero Lopes de . *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa*. In: R. IHGB. tomo XXIV, vol. 24. 1861
34. TOVAR, Manoel Vieira de Albuquerque. *Informação sobre a Navegação Importantíssima do Rio Doce*. In: R. IHGB. tomo I, vol. 1. 1839
35. VARNHAGEN, F. A. *Notícia sobre o Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*. In: R. IHGB. tomo II, vol. 02. 1840

2- LIVROS E ARTIGOS

1. ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal; memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: LAPA/ROCCO. 1996
2. ACUÑA, Cristóbal de. *Novo Descobrimento do Grande Rios das Amazonas - 1641*. Rio de Janeiro: AGIR. 1994.
3. ALENCAR, José. *Iracema*. São Paulo: Ática, 1981.
4. ARIÉS, Philippe & DUBY, Georges. *História da Vida Privada: da revolução à primeira guerra*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.
5. BACHELAR, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes. 1996
6. BANN, Stephen. *As Invenções da História: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: ed. UNESP. 1994.
7. BAYO, Cyro. *Lazarillo Español*. Madrid: Ediciones Catedra. 1996.
8. BAUMER, Franklin. *O Pensamento Europeu Moderno: Século XIX e XX*. Edições 70. Lisboa, 1977
9. BELUZZO, Ana Maria. (org.) *O Brasil dos Viajantes*. Vol. I, II, III. São Paulo: Fundação Odebrecht. 1997.
10. BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Brasiliense. São Paulo, 1993
11. _____. *Obras Escolhidas: Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
12. _____. *Obras Escolhidas: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
13. _____. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense. 1963.
14. BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Portugal: Publicações Europa-América. 1983.

15. BURKE, Edmund. *Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de Nossas Idéias do Sublime e do Belo*. São Paulo: Papirus/Editora da Universidade de Campinas, 1993.
16. BURKE, Peter. (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
17. CASTRO, Moacir Werneck de. *O Sábio e a Floresta: a extraordinária aventura do alemão Fritz Müller no trópico brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
18. CARDOSO, Sérgio. *O Olhar Viajante*. in: NOVAES, Adauto [et al.]. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
19. CARDOSO, Vicente Licínio. *À Margem da História do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1979.
20. CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
21. CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
22. COSTA, João Cruz. *O Pensamento Brasileiro sob o Império*. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.
23. CROSBY, Alfred. *Imperialismo Ecológico*. Companhia das Letras, 1993. cap. 6.
24. DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Hemus, s/d.
25. DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
26. DELUMEAU, Jean. *Uma História do Paraíso*. Lisboa: Terramar, 1995. cap.
27. DILTHEY, Wilhelm. *Sistema de Ética*. São Paulo: Ícone, 1994.
28. ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Editorial Estampa. Lisboa, 1987.
29. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1994.
30. ELIAS, Norbert. *A Sociedade do Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
31. FALCON, Francisco. *A Época Pombalina*. Ática.
32. GERBI, Antonello. *La Disputa del Nuevo Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1960.
33. GIUCCI, Guilherme. *Viajantes do Maravilhoso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
34. GLÉNISON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.
35. GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

36. GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. N. 01. 1988.
37. HAZARD, Paul. *O Pensamento Europeu no Século XVIII*. Lisboa: Ed. Presença/Martins Fontes, 1974.
38. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A Visão do Paraíso*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
39. _____. (org.) *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979
40. LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem pelo Amazonas (1735-1745)*. São Paulo: Editora Nova Fronteira/Edusp. 1992.
41. LENOBLE, Robert. *História da Idéia de Natureza*. Lisboa: Edições 70, 1969.
42. LÖWITH, Karl. *O Sentido da História*. Lisboa: Edições 70. 1977.
43. RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A prevenção da decadência: discurso médico e medicalização da sociedade*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
44. NIETZSCHE, F. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1874). Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
45. NOVAES, Adauto. (org.) *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
46. PAZ, Francisco. *Na Poética da História: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Editora UFPR. 1996.
47. _____. *História e cotidiano: a sociedade paranaense no século XIX na perspectiva dos viajantes*. In: História: Questões e Debates. Curitiba. Nº 14/15.
48. PYENSON, Lewis. *Functionaries and Seekers in Latin America : Missionary Diffusion of the Exact Sciences, 1850 - 1930*. in: Revista Latino Americana de História de las Ciencias y la Tecnología - QUIPU. vol. II, nº 3, set/dez de 1985, p. 387 -393.
49. PEIXOTO, Nelson Brissac. *O Olhar do Estrangeiro*. in: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
50. RIBON, Michel. *A Arte e a Natureza: ensaios e textos*. Campinas-SP: Editora Papirus. 1991.
51. RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1996.
52. SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
53. SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense. 1983.
54. SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

55. SCHWARCZ, Lilia. *O Espetáculo das Raças*. Companhia das Letras. São Paulo, 1993.
56. SCHUWARTZ, Jorge. *Vanguardia y Cosmopolitismo em la Década del Viente: Oliverio Girondo Y Oswald de Andrade*. Argentina: Beatriz Viterbo Editora. 1993.
57. SMITH, Anthony. *Os Conquistadores do Amazonas*. Editora Best Seller. São Paulo, 1990.
58. SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno Atlântico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
59. TOMÁS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
60. TURNER, Frederick. *O Espírito Ocidental contra a Natureza: Mito, História e as Terras Selvagens*. Rio de Janeiro: Campus. 1990.
61. VENTURA, Roberto. *O Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.
62. WATT, Yan P. *Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, D. Quixote, D. Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
63. WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994.
64. WHITE, Hayden. *Meta História: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp. 1992.
65. WHITE, Hyden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp. 1994.
66. WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
67. ZALUAR, Augusto Emílio. *O doutor Benignus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1994.